

1 - A CAPACITAÇÃO DOCENTE ATRAVÉS DO USO DE FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS GRATUITAS: ESTUDO DE CASO APLICADO NO INTITUTO FEDERAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA, CAMPUS BRUMADO

TEACHER TRAINING THROUGH THE USE OF FREE TECHNOLOGICAL TOOLS:

CASE STUDY APPLIED AT THE FEDERAL INSTITUTE OF SCIENCE AND TECHNOLOGY OF BAHIA, CAMPUS BRUMADO

Mauricio Andrade Nascimento; Celton Ribeiro Barbosa

2 - TENDÊNCIAS DIGITAIS PARA O ENSINO DE EMPREENDEDORISMO: PLATAFORMA COLABORATIVA PARA A CRIAÇÃO DE NOVOS MODELOS DE NEGÓCIOS COM O CANVAS

DIGITAL TRENDS FOR TEACHING ENTREPRENEURSHIP: COLLABORATIVE PLATFORM FOR CREATING NEW BUSINESS MODELS WITH CANVAS

Verissimo Barros dos Santos Junior; Jean Carlos da Silva Monteiro

3 - A CONSTRUÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS DURANTE O BRINCAR NO CONTEXTO ESCOLAR

BUILDING SOCIAL SKILLS DURING PLAYING IN THE SCHOOL CONTEXT

Juliana Oliveira Coura

4 - NÍVEL DE CONHECIMENTO DE ACADÊMICOS DE SAÚDE SOBRE CUIDADOS PALIATIVOS NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DE SALVADOR - BAHIA

LEVEL OF KNOWLEDGE OF HEALTH ACADEMICS ABOUT PALLIATIVE CARE IN HIGHER EDUCATION INSTITUTIONS IN SALVADOR - BAHIA

Luan Pereira Barros; Lay Beribá

5 - PRECONCEITO, INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS E SAÚDE SEXUAL NA POPULAÇÃO LGBT+: UM ESTUDO TRANSVERSAL

PREJUDICE, SEXUALLY TRANSMITTED INFECTIONS AND SEXUAL HEALTH IN THE LGBT+ POPULATION: A CROSS-CUTTING STUDY

Rayza Brenda Tomaz Barbosa da Silva; Allanna Stephany Cordeiro de Oliveira; Wesley Barbosa Sales; Isabelle Eunice de Albuquerque Pontes;

Jairo Domingos de Moraes

6 - SINTOMAS OSTEOMUSCULARES EM COBRADORES DE ÔNIBUS DE SALVADOR - BA

MUSCULOSKELETAL SYMPTOMS IN BUS COLLECTORS IN SALVADOR - BA

Greice Ribeiro de Jesus; Michelle Castro Montoya Flores

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB

Rua Silveira Martins, 255 - Cabula
Salvador - Bahia - Brasil
CEP: 41.150-000
Tel.: 71 3117-2200
portal.uneb.br

IFBA - INSTITUTO FEDERAL DA BAHIA

Loteamento Espaço Alpha, s/n - Limoeiro
Camaçari - Bahia - Brasil
CEP: 42.802-590
Tel.: 71 3649-8600
portal.ifba.edu.br

Ficha Catalográfica

Scientia: docência e saúde / Instituto Federal da Bahia (IFBA);
Universidade do Estado da Bahia (UNEB). - v. 6, n. 3, set/dez. 2021-
Salvador: as instituições, 2021.

Quadrimestral.

Modo de acesso: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/scientia>

ISSN 2525-4553

1. Ciências Sociais - periódico. 2. Ciências Humanas - periódico. 3.
Saúde - periódico. 4. Educação - periódico. 5. Docência - periódico. I.
Instituto Federal da Bahia (IFBA). II. Universidade do Estado da Bahia
(UNEB).

CDU: 658.050

Ficha catalográfica elaborada por:
Eneida Santana - CRB-5/1570

SOBRE A REVISTA

A Revista Scientia é fruto do convênio de 2 (duas) Instituições de Ensino Superior: a Universidade do Estado da Bahia - UNEB (Departamento de Ciências Humanas (DCH-I) Salvador) e o Instituto Federal da Bahia - IFBA - Campus Camaçari.

PUBLICAÇÃO: Quadrimestral

PÚBLICO ALVO: Autores, leitores e pesquisadores das áreas de ciências humanas e sociais aplicada.

Versão online: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/scientia>

The Scientia Magazine is the result of the agreement of 2 (two) Higher Education Institutions: the State University of Bahia - UNEB (Department of Human Sciences (DCH-I) Salvador) and the Federal Institute of Bahia - IFBA - Campus Camaçari.

PUBLICATION: Four-monthly

TARGET AUDIENCE: Authors, readers and researchers in the fields of applied human and social sciences.

Online version: <https://revistas.uneb.br/index.php/scientia>

MISSÃO

Publicar na área de humanas, saúde e ciências sociais aplicadas de forma a promover a inter, a multi e a transdisciplinaridade articulada a realidade das organizações e a compreensão da sociedade.

Publish in the area of humanities, health and applied social sciences in order to promote inter, multi and articulated transdisciplinarity the reality of organizations and the understanding of society.

OBJETIVOS

Geral: contribuir para o avanço do conhecimento na área de humanas, saúde e ciência social aplicada.

Específicos:

- Contribuir para a institucionalização das comunidades científicas na área de humanas, saúde e ciência social aplicada, por meio da divulgação do conhecimento produzido nessas áreas.
- Promover o intercâmbio, o debate teórico e empírico entre autores e leitores desse conhecimento divulgado.
- Contribuir para o aumento da produção de conhecimento na área de humanas, saúde e ciência social aplicada.

General: Contribute to the advancement of knowledge in the area of human, health and applied social science.

Specifics:

- Contribute to the institutionalization of the scientific communities in the area of human, health and applied social science, through the dissemination of the knowledge produced in these areas.
- Promote the exchange, theoretical and empirical debate between authors and readers of this disseminated knowledge.
- Contribute to increased knowledge production in the area of human, health and applied social science.

DECLARAÇÃO DE DIREITOS AUTORAIS

A partir da submissão entende-se como automática a cessão dos direitos autorais para a Revista, uma vez tendo sido aprovado e aceito para publicação.

Upon submission, the assignment of copyright to the Journal is understood as automatic, once it has been approved and accepted for publication.

PROCESSO DE AVALIAÇÃO PELOS PARES

O artigo passará por pelo menos 2 (dois) avaliadores ad hoc (double blind review), mantendo-se o sigilo da autoria aos avaliadores. Os resultados podem ser:

- aprovação para publicação conforme apresentado o original;
- aprovação mediante diligência para publicação após procedidas as alterações;
- recusa. O resultado da avaliação é sempre comunicado ao autor, com transcrição dos comentários feitos pelos avaliadores. Caso o autor aceite proceder as alterações sugeridas pelos avaliadores, o texto alterado será reencaminhado aos mesmos avaliadores.

The article will go through at least 2 (two) ad hoc reviewers (double blind review), keeping the authorship confidentiality to the reviewers. The results can be:

- Approval for publication as presented in the original;
- Approval by diligence for publication after changes are made;
- refusal. The result of the evaluation is always communicated to the author, with transcription of the comments made by the evaluators. If the author agrees to make the changes suggested by the reviewers, the amended text will be forwarded to the same reviewers.

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.

This journal offers immediate free access to its content, following the principle that making scientific knowledge available to the public free of charge provides greater worldwide democratization of knowledge.

POLÍTICA DE PRIVACIDADE

Os nomes e endereços informados nesta revista serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou à terceiros.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.

The names and addresses informed in this magazine will be used exclusively for the services provided by this publication, and will not be made available for other purposes or to third parties. This magazine offers immediate free access to its content, following the principle that making scientific knowledge freely available to the public provides greater worldwide democratization of knowledge.

POLÍTICA DE PUBLICAÇÃO

O texto deve:

- Ser uma contribuição original e inédita, não tendo sido publicado em outros periódicos e livros.
- Não estar em processo de avaliação em outra publicação nacional ou internacional.
- Estar dentro do escopo da revista.
- Ser assinado por no máximo quatro autores.
- Enviar duas versões uma contendo a informação dos autores e outra sem conter qualquer informação sobre os autores, comentários de revisão ou outra forma de identificação de autoria na submissão e rodadas de revisões.
- Ser redigido utilizando os editores de texto de maior difusão, com espaço 1,5 entre linhas, fonte Times New Roman tamanho 12, não exceder a 25 páginas (incluindo todos os elementos como figuras, quadros, tabelas e referências). As citações e referências do texto devem obedecer às normas da ABNT.
- Estar livre de plágio ou autoplágio.

Responsabilidade dos Autores: As opiniões emitidas nos textos assinados são de total responsabilidade dos respectivos autores.

Envio de manuscritos

As submissões de trabalhos devem ser feitas apenas via sistema no site no website: <https://revistas.uneb.br/index.php/scientia/about/submissions#onlineSubmissions> OU por e-mail: revistascientia2016@gmail.co, seguindo as orientações contidas em Tutorial para Autores.

The text must:

- Be an original and unpublished contribution, not having been published in other journals and books.
- Not be in the process of being evaluated in another national or international publication.
- Be within the scope of the magazine.
- Be signed by a maximum of four authors.
- Submit two versions, one containing the information of the authors and the other without containing any information about the authors, review comments or other form of identification of authorship in the submission and review rounds.
- Be written using the most widely used text editors, with 1.5 spacing between lines, Times New Roman font size 12, not exceeding 25 pages (including all elements such as figures, tables, tables and references). Citations and references in the text must comply with ABNT rules.
- Be free from plagiarism or self-plagiarism.

Authors' Responsibility: The opinions expressed in the signed texts are the sole responsibility of the respective authors.

Sending of manuscripts

Submissions of works must be done only via the system on the website <https://revistas.uneb.br/index.php/scientia/about/submissions#onlineSubmissions> OR by e-mail: revistaciencia2016@gmail.com, following the guidelines contained in Tutorial for Authors.

INSTRUÇÃO AOS AUTORES

MANUAL DA REVISTA:

<https://www.revistas.uneb.br/index.php/scientia>

JOURNAL MANUAL:

<https://www.revistas.uneb.br/index.php/scientia>

CORPO EDITORIAL

EDITORES

Editor Responsável e Presidente: Aliger dos Santos Pereira - Salvador - Bahia - Brasil
Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - Departamento de Ciências Humanas (Curso de Administração de Empresas) - Salvador - Bahia - Brasil e Instituto Federal da Bahia (Coordenação do Curso Técnico em Informática) Camaçari - Bahia - Brasil

CNPQ: <http://lattes.cnpq.br/9514806025242255>

E-mail: revistascientia2016@gmail.com

Responsible Editor and President: Aliger dos Santos Pereira - Salvador - Bahia - Brazil
State University of Bahia (UNEB) - Department of Human Sciences (Business Administration Course) - Salvador - Bahia - Brazil and Federal Institute of Bahia (Course Coordination Computer Technician) Camaçari - Bahia - Brazil

CNPQ: <http://lattes.cnpq.br/9514806025242255>

E-mail: revistascientia2016@gmail.com

CONSELHO EDITORIAL

COMISSÃO:

<https://www.revistas.uneb.br/index.php/scientia/about/editorialTeam>

COMMISSION:

<https://www.revistas.uneb.br/index.php/scientia/about/editorialTeam>

PRODUÇÃO EDITORIAL

Revista Scientia: Versão Eletrônica, Logomarca Scientia e Projeto Gráfico: Prof^o. Daniel Jorge dos Santos Branco
Borges - Salvador - Bahia - Brasil

CNPQ: <http://lattes.cnpq.br/4937426810104197>

Scientia Magazine: Electronic Version, Scientia Logo and Graphic Design: Prof^o. Daniel Jorge dos Santos Branco
Borges - Salvador - Bahia - Brazil

CNPQ: <http://lattes.cnpq.br/4937426810104197>

Revista Scientia: Versão Eletrônica, Logomarca Scientia e Projeto Gráfico: Prof^a. Paloma Martinez Veiga Branco
- Salvador - Bahia - Brasil

CNPQ: <http://lattes.cnpq.br/1515911024148118>

Scientia Magazine: Electronic Version, Scientia Logo and Graphic Design: Prof^a. Paloma Martinez Veiga Branco
- Salvador - Bahia - Brazil

CNPQ: <http://lattes.cnpq.br/1515911024148118>

Secretário Administrativo: Fabiano Viana Oliveira - Salvador - Bahia - Brasil

CNPQ: <http://lattes.cnpq.br/3325770563552878>

Administrative Secretary: Fabiano Viana Oliveira - Salvador - Bahia - Brazil

CNPQ: <http://lattes.cnpq.br/3325770563552878>

Normatização: Juliana Vieira Santos Pereira - Salvador - Bahia - Brasil

CNPQ: <http://lattes.cnpq.br/9826355704642265>

Standardization: Juliana Vieira Santos Pereira - Salvador - Bahia - Brazil

CNPQ: <http://lattes.cnpq.br/9826355704642265>

INDEXAÇÃO E REPOSITÓRIO

PERGAMUM

<http://www.biblioteca.ifba.edu.br/biblioteca/index.php>

GOOGLE ACADÊMICO

<https://www.google.com>

DIADORIM

<https://diadorim.ibict.br/handle/1/2645>

SUMÁRIOS.ORG

<https://sumarios.org>

UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Rua Silveira Martins, 2555 - Cabula - Salvador - Bahia - Brasil

CEP: 41150-000

Tel.: 71 3117-2200

IFBA - Instituto Federal da Bahia

Loteamento Espaço Alpha, s/n - Limoeiro - Camaçari - Bahia - Brasil

CEP: 42802-590

Tel.: 71 3649-8600

Suporte na área de Tecnologia e Informação: Prof^ª. Rosângela de Araújo Santos (Instituto Federal da Bahia)

Bibliotecário: Fábio Amorim Galeão (Instituto Federal da Bahia)

Tel. 71 3649-8626

E-mail: bibliocamacari@gmail.com

Todos os direitos reservados. O projeto Scientia é mantido pela Faculdade UNEB e IFBA.

Contato: revistascientia2016@gmail.com

All rights reserved. The Scientia project is maintained by the UNEB and IFBA faculty.

Contact: revistascientia2016@gmail.com

SUMÁRIO

.....

1 A CAPACITAÇÃO DOCENTE ATRAVÉS DO USO DE FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS GRATUITAS: ESTUDO DE CASO APLICADO NO INTITUTO FEDERAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA, CAMPUS BRUMADO

TEACHER TRAINING THROUGH THE USE OF FREE TECHNOLOGICAL TOOLS: CASE STUDY APPLIED AT THE FEDERAL INSTITUTE OF SCIENCE AND TECHNOLOGY OF BAHIA, CAMPUS BRUMADO

Mauricio Andrade Nascimento; Celton Ribeiro Barbosa

.....

RESUMO	10
Palavras-chave	10
ABSTRACT	11
Keywords	11
1.1 INTRODUÇÃO.....	12
1.2 REVISÃO DE LITERATURA.....	14
1.3 METODOLOGIA.....	19
1.4 RESULTADOS E ANÁLISES.....	24
1.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
1.6 AGRADECIMENTOS.....	29
REFERÊNCIAS	29
MINI CURRÍCULO AUTORES E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ARTIGO	31

.....

2 TENDÊNCIAS DIGITAIS PARA O ENSINO DE EMPREENDEDORISMO: PLATAFORMA COLABORATIVA PARA A CRIAÇÃO DE NOVOS MODELOS DE NEGÓCIOS COM O CANVAS

DIGITAL TRENDS FOR TEACHING ENTREPRENEURSHIP: COLLABORATIVE PLATFORM FOR CREATING NEW BUSINESS MODELS WITH CANVAS

Verissimo Barros dos Santos Junior; Jean Carlos da Silva Monteiro

.....

RESUMO	32
Palavras-chave	32
ABSTRACT	33
Keywords	33
2.1 INTRODUÇÃO.....	34
2.2 ENSINO DE EMPREENDEDORISMO.....	35
2.3 BUSINESS MODEL CANVAS (BMC).....	39
2.4 PLATAFORMA SEBRAE CANVAS.....	42
2.5 PROCESSO DE COLABORAÇÃO NA PLATAFORMA CANVAS.....	46
2.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS	50
MINI CURRÍCULO AUTORES E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ARTIGO	52

.....

3 A CONSTRUÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS DURANTE O BRINCAR NO CONTEXTO ESCOLAR

BUILDING SOCIAL SKILLS DURING PLAYING IN THE SCHOOL CONTEXT

Juliana Oliveira Coura

.....

RESUMO	53
Palavras-chave	53
ABSTRACT	54
Keywords	54
3.1 INTRODUÇÃO.....	55
3.2 MÉTODO.....	59
3.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	64
3.3.1 Habilidades Sociais.....	65
3.3.2 Conflitos.....	67
3.3.3 Mediação de Conflitos.....	70
3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS	75
MINI CURRÍCULO AUTORES E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ARTIGO	79

.....

4 NÍVEL DE CONHECIMENTO DE ACADÊMICOS DE SAÚDE SOBRE CUIDADOS PALIATIVOS NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DE SALVADOR - BAHIA

LEVEL OF KNOWLEDGE OF HEALTH ACADEMICS ABOUT PALLIATIVE CARE IN HIGHER EDUCATION INSTITUTIONS IN SALVADOR - BAHIA

Luan Pereira Barros; Lay Beribá

.....

RESUMO	80
Palavras-chave	80
ABSTRACT	81
Keywords	81
4.1 INTRODUÇÃO.....	82
4.2 METODOLOGIA.....	82
4.3 RESULTADOS.....	83
4.4 DISCUSSÃO.....	87
4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
REFERÊNCIAS	91
ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	93
ANEXO B - CONVITE	95
ANEXO C - QUESTIONÁRIO	96
MINI CURRÍCULO AUTORES E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ARTIGO	98

.....
5 PRECONCEITO, INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS E SAÚDE SEXUAL NA POPULAÇÃO LGBT+: UM ESTUDO TRANSVERSAL

PREJUDICE, SEXUALLY TRANSMITTED INFECTIONS AND SEXUAL HEALTH IN THE LGBT+ POPULATION: A CROSS-CUTTING STUDY

Rayza Brenda Tomaz Barbosa da Silva; Allanna Stephany Cordeiro de Oliveira; Wesley Barbosa Sales; Isabelle Eunice de Albuquerque Pontes; Jairo Domingos de Morais

.....

RESUMO	99
Palavras-chave	99
ABSTRACT	100
Keywords	100
5.1 INTRODUÇÃO.....	101
5.2 METODOLOGIA.....	103
5.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	103
5.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
REFERÊNCIAS	109
MINI CURRÍCULO AUTORES E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ARTIGO	111

.....

6 SINTOMAS OSTEOMUSCULARES EM COBRADORES DE ÔNIBUS DE SALVADOR - BA

MUSCULOSKELETAL SYMPTOMS IN BUS COLLECTORS IN SALVADOR - BA

Greice Ribeiro de Jesus; Michelle Castro Montoya Flores

.....

RESUMO	113
Palavras-chave	113
ABSTRACT	114
Keywords	114
6.1 INTRODUÇÃO.....	115
6.2 METODOLOGIA.....	116
6.3 RESULTADOS.....	117
6.4 DISCUSSÃO.....	122
6.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	126
REFERÊNCIAS	126
ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	129
ANEXO B - CONVITE	131
ANEXO C - QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO E CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS COBRADORES	132
MINI CURRÍCULO AUTORES E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ARTIGO	137

1 A CAPACITAÇÃO DOCENTE ATRAVÉS DO USO DE FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS GRATUITAS: ESTUDO DE CASO APLICADO NO INSTITUTO FEDERAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA, CAMPUS BRUMADO

Dr. Mauricio Andrade Nascimento

Mestre em tecnologias limpas pela Universidade Federal da Bahia e Doutor em Energia e Ambiente pela UFBA.

E-mail: nascimento.mauricioandrade@gmail.com

MSc. Celton Ribeiro Barbosa

Mestre em Ciências pela Universidade de São Paulo (USP), campus de São Carlos.

E-mail: celton.ribeiro@gmail.com

RESUMO

No ano de 2020, foram registradas 47,3 milhões de matrículas nas 179,5 mil escolas de educação básica no Brasil, cerca de 579 mil matrículas a menos em comparação com o ano de 2019, o que corresponde a uma redução de 1,2% no total, mesmo em detrimento do crescimento nos últimos três anos no número total de matrículas. Cabe ressaltar que, em relação ao último ano, apesar do número de matrículas haver apresentado um aumento de 1,1% influenciado pelo incremento de 65,5 mil matrículas (10,5%) na educação profissional integrada ao ensino médio, esse incremento teve impacto reduzido devido à queda de 26,3 mil matrículas (2,7%) na formação técnica subsequente e de 15,9 mil matrículas (6,3%) na educação profissional concomitante ao ensino médio. Ao avaliar a distribuição das matrículas por dependência administrativa, percebe-se uma maior dominância da rede municipal, que detém 48,4% das matrículas na educação básica, 0,3 ponto percentual (p.p.) a mais do que em 2019. A rede estadual, responsável por 32,1% das matrículas da educação básica em 2020, é a segunda maior. A rede privada obtém 18,6% e a federal tem uma participação inferior a 1% do total de matrículas. Considerando a atividade docente, foram registrados 2.189.005 docentes na educação básica brasileira. A maior parte deles atua no ensino fundamental (63%), e de 2016 a 2020, o número de docentes que atuam na educação infantil apresentou crescimento de 9,7% enquanto o daqueles que atuam no ensino médio reduziu 2,7% (BRASIL, 2021). Estes números denotam a importância da formação e qualificação docente no sentido de atender à demanda estudantil provendo qualidade de ensino. Em tempos adversos de pandemia e crise no setor da educação brasileira, a alternativa por soluções que viabilizem uma melhor adaptação e comunicação as condições atuais de ensino torna-se fundamental, e a utilização de ferramentas tecnológicas e gratuitas contribuem muito neste ensejo. Esta pesquisa enfatiza a relevância e busca apresentar os resultados obtidos na utilização da Ferramenta gratuita Google Suíte para a educação, através de um estudo de caso realizado no IFBA - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, Campus Brumado, e que envolveu um projeto de Extensão para a formação e capacitação de professores da rede municipal de Brumado, com a participação de alunos da instituição, e através de curso aberto também a comunidade. Os resultados obtidos neste projeto, demonstraram não só a viabilidade a baixo custo da possibilidade de capacitação docente, como também a facilidade de sua implantação, possibilitando um crescimento no que tange a formação profissional de docentes e a interação entre a instituição Federal educação e a sociedade.

Palavras-chave: Educação. Qualificação docente. Ferramentas na educação. Ensino a distância. Google Suíte.

ABSTRACT

In 2020, 47.3 million enrollments were registered in the 179.5 thousand basic education schools in Brazil, about 579 thousand fewer enrollments compared to the year 2019, which corresponds to a reduction of 1.2 % in total, even to the detriment of the growth in the total number of enrollments in the last three years. It is worth mentioning that, in relation to the last year, despite the number of enrollments having increased by 1.1%, influenced by the increase of 65.5 thousand enrollments (10.5%) in professional education integrated with high school, this increase had reduced impact due to the drop of 26.3 thousand enrollments (2.7%) in subsequent technical training and 15.9 thousand enrollments (6.3%) in professional education concomitant with secondary education. When assessing the distribution of enrollments by administrative dependency, there is a greater dominance of the municipal network, which holds 48.4% of enrollments in basic education, 0.3 percentage point (pp) more than in 2019. The state network, responsible for 32.1% of basic education enrollments in 2020, is the second largest. The private network obtains 18.6% and the federal has a share of less than 1% of the total enrollments (BRAZIL, 2021). Considering the teaching activity, 2,189,005 teachers were registered in Brazilian basic education. Most of them work in elementary education (63%), and from 2016 to 2020, the number of teachers working in early childhood education grew by 9.7% while that of those working in high school decreased by 2.7%. These numbers denote the importance of teacher training and qualification in order to meet student demand by providing quality teaching. In adverse times of pandemic and crisis in the Brazilian education sector, the alternative for solutions that enable a better adaptation and communication to the current teaching conditions becomes essential, and the use of technological and free tools contribute a lot in this opportunity. This work emphasizes and seeks to present the results obtained in the use of the free Google Suite tool for education, through a case study carried out at the IFBA - Federal Institute of Education, Science and Technology of Bahia, Campus Brumado, which involved a project of Extension for the training and qualification of teachers in the municipal network of Brumado, with the participation of students from the institution, and through a course also open to the community. The results obtained in this project demonstrated not only the low-cost viability of the possibility of teacher training, but also the ease of its implementation, allowing for growth in the professional training of teachers and the interaction between the Federal education institution and society.

Keywords: Education. Teacher qualification. Tools in education. Distance learning. Google Suite.

1.1 INTRODUÇÃO

As recentes mudanças impostas por conta da pandemia do COVID-19 denotaram a iminente necessidade de capacitação de docentes no uso de ferramentas de interação tecnológica, de forma a permitir a continuidade e adequação dos métodos de ensino a distância. Surgem conceitos novos advindos da interconectividade, da transversalidade, da interdisciplinaridade, descentralizando os saberes e oportunizando um maior protagonismo dos alunos e a da sua interação com aprendizagem significativa. Portanto, há uma necessidade tácita de reestruturação dos processos de aprendizagem ante ao cenário tradicional. O déficit de instrução tecnológica consiste em grande barreira no sentido de se atingir os objetivos e o planejamento educacional traçado anteriormente, o que nos leva a urgente necessidade de desenvolver o corpo educacional e a permitir que estes funcionem como multiplicadores do ensino, beneficiando também extensivamente o corpo técnico, administrativo e discente, para que melhor possam usufruir dos benefícios da educação tecnológica e da nova estratégia de instrução.

A estratégia de ensino presencial que vem sido adotado ao longo dos últimos anos demonstrou ser inviável no cenário atual de pandemia (COVID 19) e esta situação tem gerado uma quebra de paradigma no modo de educar. Surge-se então como alternativa o Ensino Híbrido (EaH) e a Educação Remota (EaR) que são modalidades de ensino nos quais discentes e docentes realizam suas respectivas atividades do processo de ensino-aprendizagem a distância, geralmente por meio de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC).

A possibilidade na utilização de ferramentas gratuitas que possibilitem a ampliação nas interações entre mentores e aprendizes é factível. Enquanto facilitam a comunicação e a transmissão do conhecimento contribuindo para inclusão social e para melhoria das condições na educação, formação, contribuem para a melhoria na qualidade de vida.

Com tais medidas que estão sendo adotadas na educação, surge portanto como possibilidade real aplicativa e de fácil implementação, o curso livre de extensão “Capacitação de docentes da Rede Básica de Educação do Município de Brumado quanto ao uso das ferramentas do Google Docs (pacote Suíte) para o ensino remoto a distância”, uma formação para profissionais, e replicável de modo extensivo para membros da comunidade educacional básica do Município de Brumado. Objetivando que o ensino remoto seja possibilitado de maneira prática e realizado de forma eficaz, e sem a necessidade de grande aporte financeiro, beneficiando assim a população vulnerável através de utilização de ferramenta gratuita e de fácil acesso.

A ferramenta "Google Suíte", é uma plataforma *online* gratuita, que disponibiliza armazenamento de documentos em nuvem, editores de texto, planilhas, apresentações e formulários. Sua principal vantagem consiste na elaboração de documentos *online* de forma colaborativa, ou seja, um grupo de pessoas pode editar o documento *online* em tempo real.

De acordo com Marchiori e Greef (2013) esse tipo de ferramenta é essencial na concepção de trabalhos de/em grupo de forma remota atualmente, o que antes só era possível de maneira presencial. A ferramenta atribui ao trabalho desenvolvido maior rapidez e fluência na informação, maior interatividade, diminui a incidência de erros, permitindo uma maior integração com outros produtos do pacote "Google Suíte".

É importante ressaltar que as ferramentas do Google Suíte são muito acessíveis a população em geral, pois elas podem ser facilmente utilizadas em smartphones com o Sistema Operacional (SO) Android. Conforme dados do site GlobalStats (2020), em agosto de 2020 85,26% dos celulares utilizados no Brasil possuíam o SO Android instalado, ou seja, este fato corrobora com a ideia de que essas ferramentas estão amplamente disponíveis para a população em geral, principalmente as que estão em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Além disso, o Android foi desenvolvido pelo Google e isto garante uma maior integração entre o pacote Google Suíte e o Android o que implica numa menor exigência de *hardware* (ou seja, celulares mais simples podem utilizar os programas com facilidade).

Além disso, segundo Cruz *et al.* (2010) os indivíduos que utilizam ferramentas colaborativas em situações de ensino aprendizagem têm a possibilidade de desenvolver competências transversais, tais como a ampliação da capacidade de raciocínio, da análise crítica, da comunicação, e da condução de processos de iteração.

De acordo com Costa apud Damiani (2008) o trabalho colaborativo pode ser definido como um ambiente para realização de ações conjuntas, no qual os componentes de um grupo se apoiam com a finalidade de atingir objetivos comuns negociados pelo coletivo "e estabelecem relações que se caracterizam pela ausência de hierarquia, pela liderança compartilhada, pela confiança mútua e pela corresponsabilidade quanto à condução das ações." (MARCHIORI; GREEF, 2013)

O "Google Suíte" é uma ferramenta *online* gratuita que inclui espaço de armazenamento em servidores na nuvem, processadores de texto, planilha e apresentação que permitem a realização de trabalhos colaborativos ou não de forma remota. Ele é uma alternativa ao pacote Office da empresa Microsoft que é paga e, portanto, não é tão acessível. "as ferramentas do Google Suíte funcionam de forma síncrona e assíncrona, portanto, *online* para acessar dados em nuvens e *off-line* através de aplicativos de extensão instaladas diretamente no navegador de

internet do Google, o Chrome, onde há bancos de dados criados por essa extensão para posterior sincronização através de *upload* instantâneo ao acessá-los *online*, diretamente no browser de desktops ou aplicativos de dispositivos móveis do Android e MAC. Os aplicativos são compatíveis com o OpenOffice.org/BrOffice.org, KOffice e Microsoft Office, e atualmente compõe-se de um processador de texto, um editor de apresentações, um editor de planilhas e um editor de formulários.” (DARBYSHIRE, 2010)

Neste intuito, a pesquisa investigada de estudo de caso realizado no Campus IFBA da cidade de Brumado, Bahia, o qual partiu da premissa do projeto de Extensão intitulado: “Projeto de Capacitação de docentes da Rede Básica de Educação do Município de Brumado quanto ao uso das ferramentas do Google Docs (pacote Suíte) para o ensino remoto a distância”, objetivou a capacitação e formação do corpo docente da Rede Básica de Educação do Município de Brumado de forma a possibilitar a replicação deste conhecimento adquirido e o estendendo desta feita aos demais envolvidos no âmbito da educação básica: técnicos, administrativos e discentes, através da utilização da ferramenta gratuita e de grande difusão, qual seja, o “Google Suíte”. O projeto permitiu a extensão do conhecimento, abrangendo a comunidade de Brumado, e foi de grande valia para o futuro e para a melhor prática de ferramentas tecnológicas de forma a aumentar a interação e o potencial de aprendizagem. De modo mais específico, promover condições para que os docentes e demais envolvidos desenvolvessem habilidades e estivessem aptos a utilizar as ferramentas de criação e edição de documentos no “Google Suíte”, possibilitando aos mesmos, à sua utilização na construção de trabalhos colaborativos e tornando-os multiplicadores do conhecimento. Já que, uma vez devidamente capacitados através do curso proposto, poderiam atuar disseminando o conhecimento adquirido e formando profissionais e estudantes da educação, culminando por contribuir na utilização desta importante ferramenta de aprendizado e de produção.

1.2 REVISÃO DE LITERATURA

No ano de 2020, foram registradas 47,3 milhões de matrículas nas 179,5 mil escolas de educação, que distribuídas por dependência administrativa, denota uma maior dominância da rede municipal, que detém 48,4% das matrículas na educação básica, como crescimento de 0,3 ponto percentual (p.p.) a mais do que em 2019. Seguida pela rede estadual, responsável por 32,1% das matrículas da educação básica em 2020. Já a rede privada obtém 18,6% enquanto que a rede federal registra uma participação inferior a 1% do total de matrículas (BRASIL, 2021).

Considerando a atividade docente em 2020, aproximadamente 2.19 milhões de docentes atuam na educação básica brasileira. A maior parte deles atua no ensino fundamental (63%), e observa-se que de 2016 a 2020, o número de docentes que atuam na educação infantil apresentou crescimento de 9,7%, enquanto o daqueles que atuam no ensino médio reduziu 2,7%. Estes números ressaltam a importância que deve ser dedicada à formação e qualificação docente no sentido de atender à demanda estudantil promovendo qualidade de ensino ao povo brasileiro.

É exatamente acerca desta qualificação, principalmente por conta da pandemia a qual vivenciamos e a crise desencadeada no setor da educação, que teve sua face de desigualdade revelada de explícito, e de forma acentuada, que deve se concentrar no debate proposto.

Atualmente estão disponíveis aos professores uma variedade de plataformas de auxílio ao processo de ensino e aprendizagem dos alunos, de modo a tornar o ambiente de aprendizagem colaborativo entre eles. A utilização destas plataformas implica numa interação diferenciada entre professor e aluno. Ao primeiro cabe-se uma postura de maior mediação do conhecimento enquanto que do discente, espera-se uma postura mais participativa, mais ativa quanto a busca e interação pelo conhecimento. De acordo com Scuisato (2016, p. 20) “a inserção de novas tecnologias nas escolas está fazendo surgir novas formas de ensino e aprendizagem; estamos todos reaprendendo a conhecer, a comunicar-nos, a ensinar e a aprender, a integrar o humano e o tecnológico”.

Em razão deste novo paradigma e de um novo direcionamento nas vertentes do ensino e da educação no Brasil faz-se importante a contextualização de um breve histórico no sentido de se entender um pouco mais do crescimento da educação a distância- EaD. No Brasil, O surgimento da Educação a Distância deveu-se principalmente da demanda social por serviços educacionais, prestados a segmentos da população, aos quais não foram atingidos devidamente pelos modelos tradicionais de ensino. Esta modalidade em algumas situações é a única possível de ser oferecida, principalmente, a grupos que por obrigações, sejam familiares ou profissionais, não é permitido a frequência presencial.

No passado, a modalidade de educação a distância (EaD) apenas eram representados por anúncios de cursos por correspondência.

Essa característica corresponde a primeira geração da EaD: a educação por correspondência, onde os principais meios de comunicação eram guias de estudo impresso, e os exercícios eram enviados por correio. Nesse tipo de curso, o aluno recebia o material solicitado em casa, com conteúdos e exercícios a respeito do tema que seria estudado. O Instituto Universal Brasileiro é um exemplo dessa geração, e que preparava os alunos para o

mercado de trabalho com materiais impressos enviados pelo correio. Já nos anos 70, surge a segunda geração da EaD, onde antes em adição ao principal suporte que eram os materiais impressos, passou-se a utilizar, recursos como a televisão, fitas gravadas em áudio e vídeo, além da interação por telefone. As Universidades Abertas na Europa e nos EUA surgiram neste período. No Brasil eles eram considerados como “experimentais”, e seu funcionamento era permitido a título precário, segundo informações com base em artigo referente ao ensino supletivo da abolida, LDB (Lei nº 5.692/71). O Telecurso é um programa que exemplifica esta geração.

A metodologia da Educação a Distância possui uma relevância social muito importante, enquanto permite o acesso à educação, àqueles que vêm sendo excluídos do processo educacional superior público por morarem longe das universidades ou por indisponibilidade dos horários tradicionais de aula, uma vez que contribui para a formação de profissionais sem deslocá-los de seus municípios. Do mesmo modo, a EaD consiste em uma modalidade de ensino que promove oportunidades, visto que muitos indivíduos, apropriando-se do conhecimento proveniente deste tipo de ensino, podem concluir um curso superior de qualidade e abraçar novas oportunidades profissionais. Outro aspecto positivo, consiste na ajuda à implementação dos projetos educacionais mais diversos e para as mais complexas situações, tais como: cursos profissionalizantes, cursos de capacitação e especialização, para o trabalho ou divulgação científica, campanhas de alfabetização e estudos formais em todos os níveis e campos do sistema educacional.

Contudo, a despeito dos seus diversos aspectos positivos, a EaD traz associada a sua implantação um controle ineficaz da qualidade da formação e das informações passadas através das diversas mídias e meios disponíveis, na transmissão de conteúdo. Possibilitando a ocorrência de falhas na formação e da queda na qualidade de formação quando comparados a cursos presenciais. Um outro aspecto que questiona a sua eficaz e ampla aplicação como metodologia de ensino no nosso país reside na disparidade tecnológica, causada principalmente pela falta de infraestrutura necessária ao acesso à informação, e a disparidade econômica que também é outro relevante ponto negativo, que acaba por se traduzir numa injusta maneira de propagar conhecimento de modo universal. Por fim, e não menos importante, o fato da carente formação dos profissionais e dos métodos envolvidos na educação no Brasil pela aplicação e utilização da cultura pela educação a distância.

Em debate sobre as diversas modalidades de estratégias didático/pedagógicas a exemplo de: EaD, Ensino Remoto, e Educação On-line, sua opinião é de que o foco do ensino remoto, na sua opinião estaria voltado para a aplicação de vídeo aula, e com pouca conversação entre

professor e aluno (o que se baseia na adaptação à apresentação do sistema presencial professor-aluno), o que não é bom, pois é falha na medida que também não proporciona às interações entre os participantes. Já com relação à educação On-Line, esta, na sua consideração, permitiria explorar melhor as interações aumentando as potencialidades de aprendizagem.

Contudo, quaisquer que sejam as modalidades, a utilização de estratégias didático pedagógicas possibilitam uma melhor interação professor-aluno e aluno-aluno de forma a tornar o conhecimento mais eficaz. As estratégias de ensino-aprendizagem são técnicas utilizadas pelos professores com o objetivo de ajudar o aluno a construir seu conhecimento. Essas técnicas são essenciais para extrair o melhor aproveitamento do aluno, ajudando-o a adquirir e a fixar o conteúdo que foi ministrado.

Domínio de conteúdo, explicação clara e objetiva, a relação entre teoria e prática, o uso de recursos didáticos e tecnológicos, são apenas algumas das estratégias citadas por alunos e professores que facilitam o processo de ensino e aprendizagem e aumentam a interação entre professor e aluno. Desse modo, essas estratégias devem ser consideradas pelo professor, o qual deve ter bastante cuidado no planejamento, mas também na execução dessas ideias. Desta forma, o professor que consegue aplicar diferentes estratégias de ensino-aprendizagem em suas aulas consegue maior eficácia, fazendo com que seus alunos obtenham melhores resultados no aprendizado.

Um outro aspecto didático pedagógico envolve o processo avaliativo. O processo de avaliação pautado numa concepção de educação centrada na transmissão e na lógica unidirecional já não se adéqua aos dias atuais no contexto educacional. Os métodos de avaliação atuais devem considerar o diálogo como princípio base, contemplando nas propostas de avaliação, a troca de saberes, que deverão incluir o diagnóstico e a crítica ao aprendizado por todos os participantes do contexto de formação educacional, quais sejam, educadores e educandos. A avaliação, portanto, deverá considerar os saberes, diagnosticando-os, e criticando, de forma a determinar novos encaminhamentos e novas orientações avaliativas, através da criação de dispositivos qualificadores adequados ao desenho e escopo do planejamento do curso. O papel do docente nesse processo é fundamental, haja visto que trabalhar com o conhecimento implica que “não se perca a capacidade de indignar-se, de problematizar e de procurar saídas para os problemas” (PIMENTA; ANASTASIOU, 2002, p. 78). Desta forma, o professor enquanto mediador que provoca reflexão, passa a ter a obrigação de provocar a análise crítica, seja na modalidade presencial de educação seja na Educação a Distância.

Segundo Pimenta; Anastasiou (2002) essa não é uma tarefa fácil, uma vez que a metodologia que rege a maioria das instituições de ensino superior privilegia “processos de planejamento, execução e avaliação das atividades de forma individualista e solitária”. Talvez, a lógica da educação das últimas décadas, tenham objetivado à busca da educação profissional, preparando o homem para o mercado de trabalho, cada vez mais competitivo, e agora mais ainda, no atual momento da globalização. Desta forma, na maioria das vezes, se perdendo de seu propósito principal, de formação integral e significativa do indivíduo aprendente.

Propagar o conhecimento implica também que não se perca a capacidade de indignar-se, de problematizar e de procurar saídas para os problemas. Então, construir conhecimento vai muito além de transmitir conhecimento. Construir, tem como base a reflexão e o questionamento, e os métodos de avaliação devem contemplar este paradigma a todo tempo.

É neste âmbito que surgem as plataformas de ensino atreladas a sua versatilidade e praticidade nas relações de ensino não presencial. O uso das plataformas de certo, demanda uma nova postura: de um lado mediadora do professor e do outro, uma postura ativa do aluno, proporcionando novas formas de interação entre as partes. As novas formas de interação são promovidas pois as plataformas oferecem suporte a várias atividades, a exemplo de: ferramentas de comunicação (chat, fóruns de discussão), criação de conteúdos, gestão de alunos e gestão de informações (IVO, 2020).

Uma das plataformas que mais se destaca na atualidade é a plataforma LMS - Learning Management System. Centradas na disponibilização de funcionalidades para auxílio no aprendizado *online*, seja na modalidade à distância ou como apoio ao ensino presencial, as funcionalidades dos LMS possibilitam gerenciar, controlar e acompanhar o processo de aprendizagem dos alunos. Suas principais características envolvem: uma maior interação entre os professores e alunos; envio de mensagens, e-mails e bate-papo; envio e recepção de materiais produzidos pelo professor e pelos alunos; criação e produção de conteúdos e materiais on-line e flexibilidade de acesso ao conteúdo *online*, podendo ser feito pelo computador, *smartphone* e *tablets*.

Um exemplo de plataforma desenvolvida com base nestes conceito é justamente o Google Classroom. Sendo uma plataforma LMS gratuita e livre de anúncios que tem como objetivo apoiar professores em sala de aula, melhorando a qualidade do ensino e aprendizagem. O Classroom foi desenvolvido pela divisão do *Google for Education*, e permite que o professor poste atualizações da aula e tarefas de casa, adicione e remova alunos e ainda forneça um *feedback*. O serviço é integrado ao Google Drive, fazendo parte da suíte de aplicativos do Google Apps for Education e aplicativos de produtividade como o Google Docs e Slide. Para

ter acesso ao serviço do Google Classroom é preciso possuir uma conta de e-mail institucional de escola pública ou privada cadastrada no banco de dados do *Google for Education* ou uma conta pessoal gratuita. Para utilizar a plataforma, a instituição interessada deve ter cadastro no Google Apps for Education. Com funcionalidade prática e intuitiva, o *software* permite a criação de turmas virtuais; lançamento de comunicados; criação de avaliações; receber os trabalhos dos alunos; organização de todo material de maneira facilitada e otimização da comunicação entre professor e aluno. Por esta razão, foi escolhido como elemento de integração para a execução do projeto de extensão investigado como estudo de caso e que será descrito em sequência.

1.3 METODOLOGIA

A pesquisa realizada foi do tipo qualitativa caracterizada por estudo de caso e segundo GIL (2012), os propósitos deste tipo de pesquisa são: a exploração de situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos; a preservação do caráter unitário do objeto estudado; a descrição da situação do contexto em que está sendo feita uma determinada investigação; a formulação de hipóteses ou desenvolvimento de teorias; e a explicação das variáveis causais de determinado fenômeno em situações complexas que não permitam o uso de levantamentos e experimentos.

Bruyne, Herman e Schoutheete (1977) afirmam também que o estudo de caso é de suma importância, pois por meio dele são reunidas muitas informações de forma detalhada que possibilitam apreender a totalidade de uma situação. A riqueza dessas informações auxilia o pesquisador na obtenção de maior conhecimento e também em uma possível resolução de problemas relacionados ao assunto estudado.

Este projeto possuiu uma equipe composta por: dois docentes com formação de mestrado e doutorado lotados no campus IFBA Brumado, e duas discentes, uma do ensino médio integrado, e outra do curso superior do referido campus. Os docentes envolvidos acompanharam e orientaram os estudantes ao longo do curso, participando de encontros virtuais também com os alunos em ocasiões específicas. O Curso foi montado e estruturado no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), através da criação de turma no Google Classroom, na qual foram dispostos e disponíveis todos os materiais didáticos de apoio tais como: textos, vídeos, questionários, etc. Dentro da concepção do curso e do planejamento do projeto, foi organizada a programação de aulas de modo a funcionar com encontros síncronos e também assíncronos. Boa parte das atividades práticas do curso foram realizadas de modo assíncrono,

havendo, contudo, a constante preocupação e atenção para que a instrução e conseqüente partida destas atividades fossem trabalhadas também na modalidade síncrona. Portanto, além desse momento assíncrono, foram realizadas de um a dois encontros semanais, por meio de aulas síncronas, de no máximo 50 minutos cada. Esses encontros foram possibilitados e facilitados através do uso da ferramenta do pacote Google Suíte, o Google Meet. Nessas aulas síncronas foram abordados conteúdos teóricos e práticos, nos quais os discentes desenvolveram e realizaram atividades práticas em conjunto com os professores. O Curso praticado teve sua duração entre os dias 25/11/2020 e 03/03/2021, e possuiu uma carga horária total curricular de 60 horas aula. Destaca-se que todo o trabalho de monitoria e comunicação de informações, foi realizado de forma remota, utilizando computador, *notebooks* e internet banda larga ou aplicativos/ *softwares* que permitissem a sua realização.

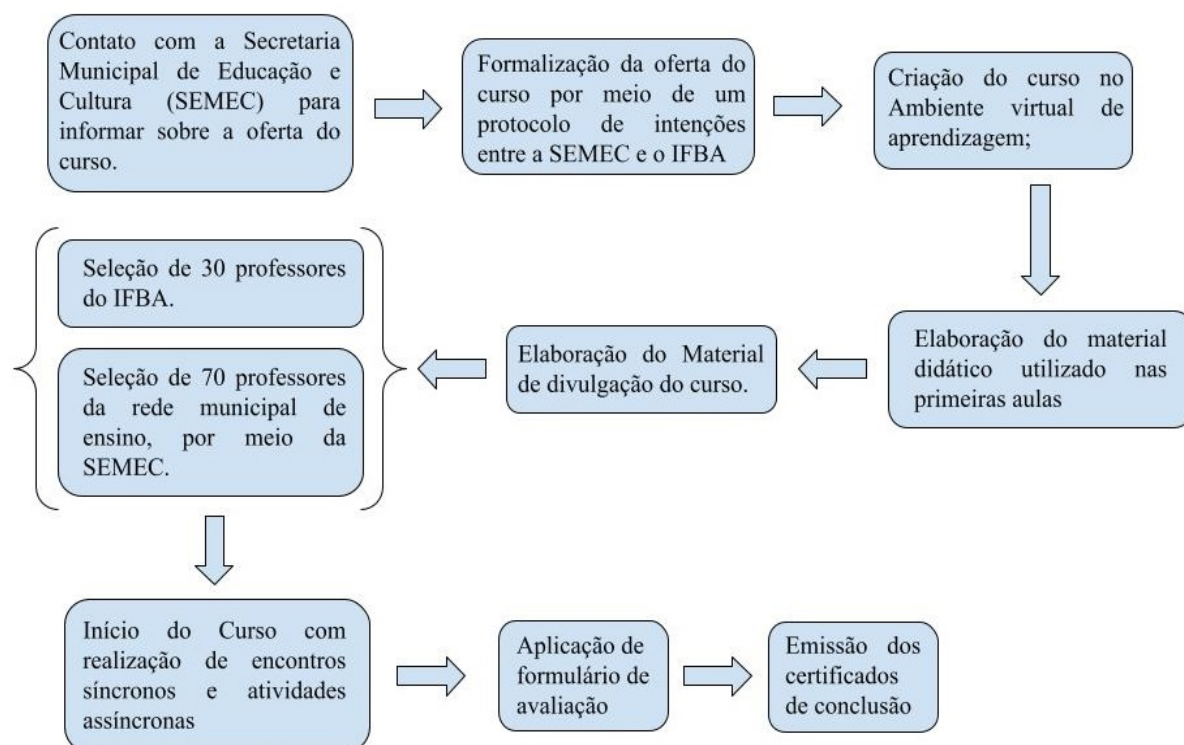
Cabe ressaltar que uma das condições para realização de projetos de Extensão deste porte, deve haver uma incessante busca por interação das instituições e também da comunidade em geral. Quanto maior a possibilidade de interação, maior o poder de viabilidade da oferta, e do seu grau de abrangência. Para tanto, no desenvolvimento do projeto foram contemplados e executados contatos entre instituições, mais especificamente da Municipalidade de Brumado, conseguindo-se não somente a oferta para os docentes da Rede Básica de Educação do Município de Brumado, como também pode-se ofertar vagas para a comunidade docente e técnica na própria instituição (IFBA).

Quanto ao aspecto de avaliação, a concepção de projeto se pautou na avaliação contínua, cumulativa e de caráter prático, na qual os cursistas deveriam realizar atividades individuais e/ou em grupo conforme instruções presentes no AVA.

Para atingir o direito ao certificado, os cursistas deveriam ser aprovados com uma média de 6,0 pontos no valor total das notas obtidas ao decorrer das avaliações, e apresentar frequência mínima de 75% de participação nas aulas, em especial nas aulas síncronas.

Com a finalidade de controle do projeto, este foi dividido em Metas parciais conforme ilustrado na Figura 1 em seqüência.

Figura 1 - Diagrama modelo de Controle de Metas

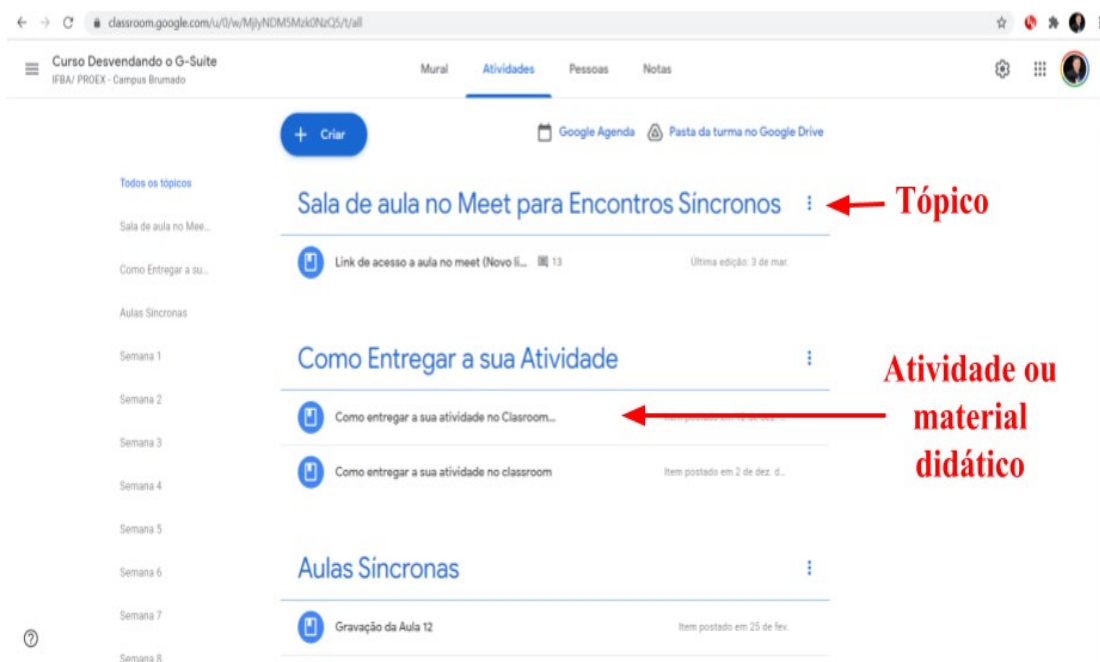


Fonte: Elaboração própria (2021).

Conforme ilustrado, na Figura 1 o primeiro passo executado pela equipe do projeto, foi a realização do contato com Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC) do município de Brumado, com o intuito de verificar o interesse da SEMEC na capacitação de parte dos professores da rede municipal de ensino. Houve então o interesse da secretaria e em seguida foi elaborado um protocolo de intenções, com intuito de formalizar a parceria entre o IFBA e a SEMEC. Nesse documento estavam descritas as obrigações por parte do IFBA e por parte da SEMEC.

O projeto contou com o apoio de duas bolsistas, discentes do IFBA, uma de nível superior e outra de nível médio integrado. Elas, sob a supervisão dos coordenadores do projeto, criaram uma sala de aula no software *ClassRoom*, utilizado como Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA).

Figura 2 - Tela da Sala de Aula Criada no Classroom



Fonte: Elaboração própria (2021).

A Figura 2 apresenta a tela da sala de aula criada no Classroom e como pode-se verificar, houve a utilização de tópicos com intuito de organizar melhor a publicação e acesso do material didático elaborado. Todo material utilizado foi criado e publicado em cada semana do curso, respeitando o que foi definido no cronograma presente na Figura 3.

Em seguida, foi elaborado um material de divulgação do curso com intuito apresentar algumas informações importantes tais como início das atividades, carga-horária total, dia e horário dos encontros síncronos, e etc. Este material foi utilizado na etapa seguinte para realização da seleção de 30 professores do IFBA (seleção está sob a responsabilidade da equipe do projeto) e a seleção de 70 professores da rede municipal de ensino que ficou a cargo da SEMEC.

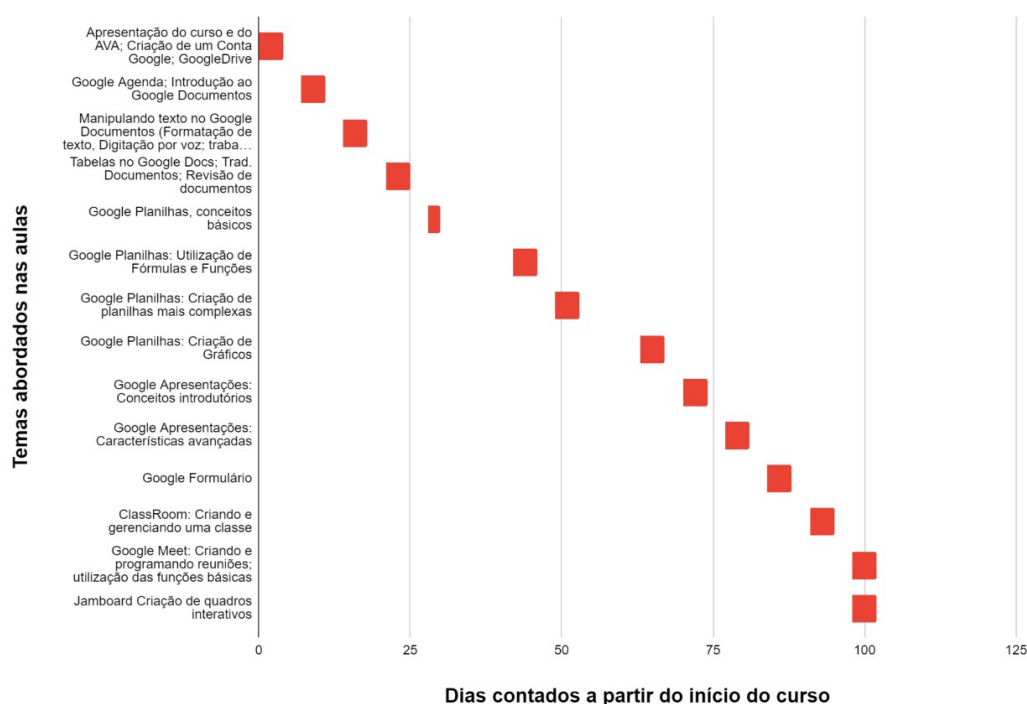
No dia 25/11/2021 foi realizado o primeiro encontro síncrono do curso que além de apresentar e discutir assuntos sobre o Google Suíte, foram explanadas aos cursistas informações tais com a metodologia de pesquisa que seria adotada, ambientação ao AVA, métodos de avaliação e os critérios e exigências para obter aprovação no curso.

Para um maior controle sobre as etapas do planejamento do projeto, e com o intuito de possibilitar adequações ao processo de implantação e execução do curso, foi desenvolvido um cronograma de aulas a serem ministradas com conteúdos específicos planejados.

Desta forma, foi estabelecida uma rotina de preparação de aulas e atividades por parte das bolsistas sobre supervisão da coordenação do curso, a qual foi avaliada e discutida em todo

o decorrer da sua execução, proporcionando assim um controle de qualidade e de avaliação técnica acerca do desempenho e habilidades das bolsistas. O curso foi executado pelas bolsistas conforme o cronograma planejado e apresentado a seguir na Figura 3, sob a supervisão dos coordenadores, que semanalmente se reuniam com as discentes para verificar o andamento do projeto e fazer as devidas orientações e possíveis adequações as pautas e conteúdos ministrados.

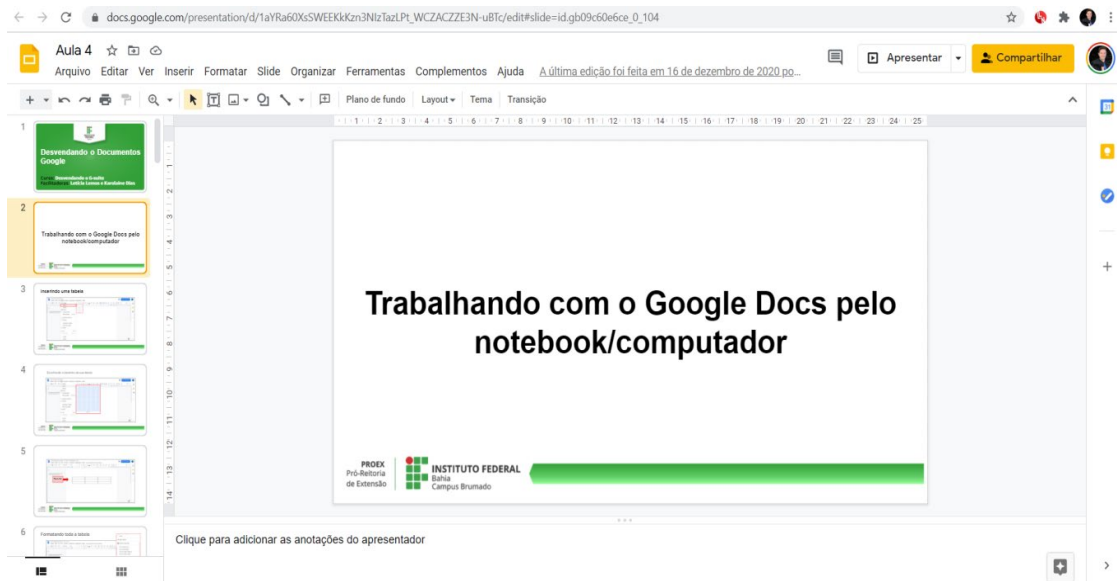
Figura 3 - Cronograma de aulas



Fonte: Elaboração própria (2021).

Foram construídos slides que auxiliaram na transmissão do conteúdo durante as aulas síncronas e auxiliaram os cursistas também durante as aulas assíncronas e atividades diversas. A Figura 4 ilustra um exemplo destes slides.

Figura 4 - Exemplo de slide utilizado em sala de aula



Fonte: Elaboração própria (2021).

Ao final do curso foi aplicado um questionário elaborado no Google Forms com intuito de aprimorar a atuação dos professores quanto a execução, e observar a relevância do conhecimento obtido no curso. Em seguida a equipe se encarregou de confeccionar e disponibilizar os certificados para os cursistas que obtiveram média, ou seja, notas iguais ou superiores a 6,0 e 75% mínimo de frequência nos encontros síncronos.

1.4 RESULTADOS E ANÁLISES

Ao final do projeto, 39 discentes concluíram o curso com êxito. A grande maioria informou, por meio de formulário próprio, que os conhecimentos adquiridos são de grande relevância, principalmente no momento atual de pandemia, no qual os(as) docentes se viram obrigados a dominar ferramentas de Tecnologia da Informação (TI) para conduzir as disciplinas.

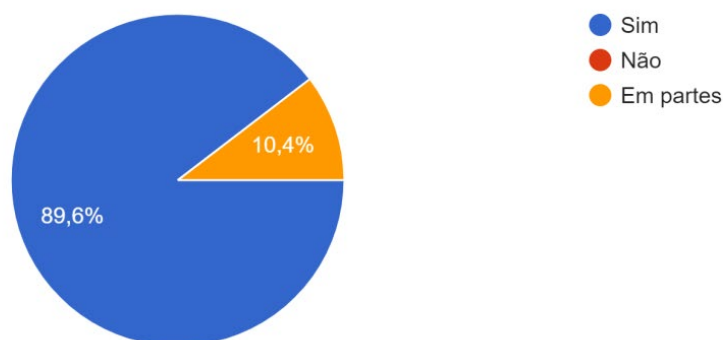
Conforme GIL (2012), cumpre-se a descrição objetiva do contexto onde este trabalho foi aplicado, bem como as suas formulações de hipóteses e teorias, proporcionando assim a adequação da pesquisa qualitativa aplicada sobre um estudo de caso.

A opinião dos cursistas, obtidas através de questionário, ajudou na produção de índices de avaliação. A exemplo da Figura 5 abaixo, a qual ilustra a opinião acerca dos materiais didáticos. Quanto ao trabalho desenvolvido por parte das bolsistas, fica evidente que a avaliação foi positiva, pois cerca de 89,6% dos alunos consideraram que os materiais disponibilizados na

Sala de Aula (Classroom) ajudaram na realização das atividades propostas e no esclarecimento de dúvidas.

A aferição de índices e dados estatísticos produzidos no trabalho, auxiliam no entendimento da situação proposta na pesquisa, na melhoria do projeto, e na formulação de novas hipóteses para desenvolvimento de outras pesquisas no âmbito da extensão acadêmica, e desta forma, conforme Bruyne, Herman e Schoutheete (1977), as informações obtidas possibilitam ao pesquisador a obtenção de maior conhecimento e contribui para uma possível resolução de problemas relacionados ao assunto estudado.

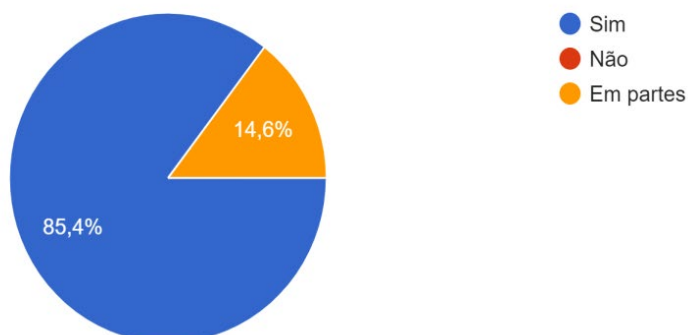
Figura 5 - Gráfico que apresenta a opinião dos cursistas em relação aos materiais didáticos disponibilizados



Fonte: Elaboração própria (2021).

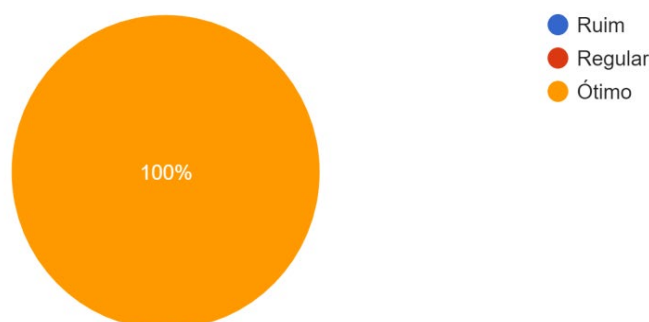
Quanto ao esclarecimento das dúvidas que surgiram, conforme ilustrado na Figura 6, cerca de 85% (oitenta e cinco por cento) dos entrevistados informaram que todas as dúvidas foram esclarecidas. E quanto ao desempenho das instrutoras, de acordo com a figura 7, 100% (cem por cento) dos cursistas informaram que as bolsistas tiveram um ótimo desempenho na realização das aulas síncronas e elaboração e suporte nas atividades assíncronas.

Figura 6 - Gráfico que apresenta a opinião dos cursistas em relação ao esclarecimento de dúvidas



Fonte: Elaboração própria (2021).

Figura 7 - Gráfico que apresenta a opinião dos cursistas em relação ao desempenho das bolsistas



Fonte: Elaboração própria (2021).

Infelizmente, do total de 96 inscritos, 54 discentes desistiram do curso, em sua grande maioria por conta da perda de entes queridos ou porque contraíram o vírus SARSCOV-2. Isto afetou de maneira significativa a saúde física e mental de alguns participantes o que levou a um considerável índice de desistência do curso.

Verificou-se também ao longo do processo um grande amadurecimento por parte das bolsistas tanto na elaboração de materiais didáticos, assim como na oratória, e condução de uma aula síncrona. Habilidades estas necessárias atualmente, para ter sucesso tanto na área acadêmica quanto em outras áreas de atuação.

A Tabela 1 apresenta a opinião de alguns dos professores cursistas que realizaram o curso. Ficando evidente, portanto, que o projeto foi importante para prática pedagógica dos mesmos, haja vista que foram obrigados a utilizar ferramentas de tecnologia de informação para garantir o ensino dos alunos da cidade de Brumado neste contexto de pandemia. A Figura 8 apresenta

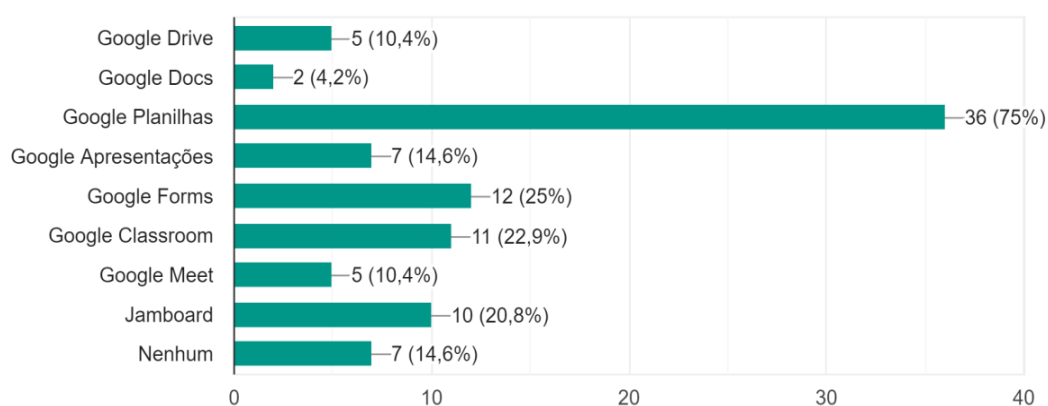
uma investigação acerca dos tópicos, dentre os conteúdos ministrados, que os professores sentiram mais dificuldade de aprender.

Tabela 1 - Opinião de alguns professores cursistas em relação ao projeto

Pergunta: Descreva de forma sucinta, a sua experiência com o Curso e quais foram os pontos positivos e negativos.	
Respostas	
1	<i>O curso foi de grande valia, pois enriquece o meu conhecimento sobre as ferramentas do G Suite. Negativos não houve. Só positivos, pois as professoras explicaram super bem o conteúdo.</i>
2	<i>Excelente curso! Muito útil para o nosso crescimento profissional.</i>
3	<i>Destaco como pontos positivos a maneira das instrutoras abordarem os conteúdos propostos e a disponibilidade de atender nas dúvidas que surgiam a respeito dos mesmos.</i>
4	<i>Não tenho pontos negativos a serem destacados.</i>
5	<i>O curso foi ótimo. Já quero outro.</i>
6	<i>O curso só veio a fornecer mais habilidades com o uso do G-suite em minha prática pedagógica e pessoal.</i>
7	<i>Fiquei mais familiarizada com as mídias</i>
8	<i>Foi bom o curso, o pessoal bem formado, e com devida paciência. Só me faltaram tempo para acompanhar as atividades!</i>

Fonte: Elaboração própria (2021).

Figura 8 - Opinião de alguns cursistas em relação ao conteúdo do projeto



Fonte: Elaboração própria (2021).

Fica evidente que a maior dificuldade é na utilização do Google Planilhas e isto se deve ao fato de que a maioria dos alunos possuíam pouco conhecimento de informática básica, principalmente em tópicos que envolvem um pouco de programação, que consiste na definição

de fórmulas nas células das planilhas. Diante deste cenário, pode-se pensar talvez na oferta no futuro de um curso específico e mais detalhado sobre a utilização do Google Planilhas.

Conforme GIL (2012), a explicação das variáveis causais de determinado fenômeno em situações complexas que não permitam o uso de levantamentos e experimentos, é característica da pesquisa qualitativa, padrão que procurou-se nortear no desenvolvimento deste trabalho acerca da dinâmica do tratamento dos dados e informações obtidas.

1.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de extensão desenvolvido no campus do IFBA Brumado, o qual utilizou uma construção metodológica própria, objetivou a formação e capacitação de professores da rede municipal de Brumado, sendo também aberto a comunidade docente, através da participação de alunos da instituição, que atuaram como monitores do curso. A metodologia proposta considerou a utilização da Ferramenta gratuita Google Suíte para a educação, conseguindo assim a redução de custos de implantação e praticidade quanto ao uso posterior pelos cursistas no seu ambiente próprio de trabalho.

Esta pesquisa enfatiza a relevância deste projeto e apresenta seus resultados através do acompanhamento minucioso: do processo de confecção da ideia; da sua aplicabilidade prática; do conteúdo ministrado e da aceitação e desenvolvimento adquirido por parte dos cursistas.

Os resultados obtidos no projeto de Extensão para a formação e capacitação de professores da rede municipal da cidade de Brumado-BA demonstraram não só a viabilidade a baixo custo da possibilidade de capacitação docente, como também a facilidade de sua implantação, possibilitando um crescimento no que tange a formação profissional de docentes e a interação entre a instituição Federal educação e a sociedade. Não obstante, sugerir a prática na utilização de *softwares* gratuitos, restou demonstrado que justamente por tratar-se de ferramenta de uso gratuito, permite a sua utilização também no ambiente de trabalho dos cursistas. Desta forma, proporciona o desenvolvimento, a capacitação e o aumento na habilidade do corpo docente municipal, para o uso de aplicativos disponíveis sem custo no exercer de sua prática docente.

Fica evidente a importância da utilização das Ferramentas gratuitas, no caso em tela, o Google Suíte para a educação, pois nesta situação adversa da pandemia, consiste em uma das maneiras que os docentes encontram como solução para garantir o ensino, de forma segura para os discentes, principalmente aqueles de baixa renda.

O Google Suíte é uma ferramenta muito completa, e muito acessível, haja vista que é

gratuita e os *softwares* desse pacote funcionam em *smartphones*, *tablets* e computadores, permitindo que os discentes possam ter acesso ao ensino de maneira versátil e com amplitude nos recursos disponíveis.

Não só a viabilidade a baixo custo da possibilidade de capacitação docente, consistiu em fator relevante e positivo na consolidação deste projeto de extensão realizado. A facilidade de sua implantação, e de replicação, possibilita de fato um crescimento no que tange a formação profissional de docentes e a interação entre o IFBA e a sociedade, contribuindo assim para a sociedade.

Diante deste cenário, pode-se pensar talvez na oferta futura de cursos mais específicos e de modo mais amplo e detalhado, a exemplo da utilização do Google Planilhas. *Software* que despertou bastante curiosidade entre os cursistas e que revelou um déficit de conhecimento necessário para sua prática docente e atividades corriqueiras do dia a dia.

Conclui-se, portanto, através desta pesquisa, que o projeto atendeu todas as expectativas e contribuiu de fato, de forma significativa, para melhoria da qualidade do ensino remoto no município de Brumado, assim como na formação e preparação das bolsistas integrantes deste projeto, constituindo em projeto de extrema valia para a comunidade docente, discente e para a sociedade. Desta forma cumprindo uma das funções sociais do IFBA, qual seja, de promover a educação e formação social através do seu corpo técnico.

1.6 AGRADECIMENTOS

Em tempo, cabe salientar e destacar o apoio e a participação financeira através da concessão de bolsas para os discentes participantes, e neste ensejo, em agradecer a instituição, em especial, a Pró-Reitoria de Extensão do Instituto Federal da Bahia, bem como as bolsistas, ambas alunas da instituição, Letícia de Jesus Moreira Lemos e Karolaine Queiroz Dias pela colaboração e desempenho no projeto.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Básica 2020**: resumo técnico. Brasília, DF: INEP, 2021

BRUYNE, P.; HERMAN, J.; SCHOUUTHEETE, M. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**: os pólos da prática metodológica. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.

CRUZ, C.; ARAÚJO, I.; PEREIRA, L.; MARTINS, M. L. Uma abordagem da avaliação *online* no ensino superior: e-portfolios em rede social. **EduSer: revista de educação**, v. 2, n.

2, p. 1645-4774, 2010. Disponível em: <http://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/3959>. Acesso em: 15 dez. 2020.

DAMIANI, M. F. Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revelando seus benefícios. **Educar em Revista**, n. 31, p. 213-230, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-40602008000100013>. Acesso em: 10 set. 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GLOBALSTATS, S. **Mobile Operating System Market Share Brazil**. 2020. Disponível em: <https://gs.statcounter.com/os-market-share/mobile/brazil>. Acesso em: 13 set. 2020.

IVO, PEDRO. **Plataforma LMS, a revolução no ensino online**. Disponível em: <http://www.edools.com/plataforma-lms-a-revolucao-no-ensino-online/> Acesso em 10 de agosto de 2020.

MARCHIORI, P. Z.; GREEF, A. C. Atividade de escrita colaborativa: percepção de alunos, princípio cooperativo de Grice e social loafing. **Educação e Pesquisa**, v. 40, n. 2, p. 467-482, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022013005000029>. Acesso em: 16 set. 2020.

PIMENTA, S. G; ANASTASIOU, LÉA DAS G. C. **Docência no Ensino Superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

SCUISATO, DIONE APARECIDA SANCHES. **Mídias na educação: uma proposta de potencialização e dinamização na prática docente com a utilização de ambientes virtuais de aprendizagem coletiva e colaborativa**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2500-8.pdf>. Acesso em: 08 set. 2016.

MINI CURRÍCULO E CONTRIBUIÇÕES AUTORES

TÍTULO DO ARTIGO	A CAPACITAÇÃO DOCENTE ATRAVÉS DO USO DE FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS GRATUITAS: ESTUDO DE CASO APLICADO NO INTITUTO FEDERAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA, CAMPUS BRUMADO
RECEBIDO	14/04/2021
AVALIADO	25/06/2021
ACEITO	02/07/2021

AUTOR 1	
PRONOME DE TRATAMENTO	Dr.
NOME COMPLETO	Mauricio Andrade Nascimento
INSTITUIÇÃO/AFILIAÇÃO	IFBA
CIDADE	Brumado
ESTADO	Bahia
PAÍS	Brasil
RESUMO DA BIOGRAFIA	Mestre em tecnologias limpas pela Universidade Federal da Bahia e Doutor em Energia e Ambiente pela UFBA.
AUTOR 2	
PRONOME DE TRATAMENTO	Msc
NOME COMPLETO	CELTON RIBEIRO BARBOSA
INSTITUIÇÃO	IFBA
CIDADE	Brumado
ESTADO	Bahia
PAÍS	Brasil
RESUMO DA BIOGRAFIA	Mestre em Ciências pela Universidade de São Paulo (USP), campus de São Carlos.
CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES NO ARTIGO	Todos os autores contribuíram na mesma proporção.

Endereço de Correspondência dos autores	Autor 1: nascimento.mauricioandrade@gmail.com Autor 2: celton.ribeiro@gmail.com
---	--

2 TENDÊNCIAS DIGITAIS PARA O ENSINO DE EMPREENDEDORISMO: PLATAFORMA COLABORATIVA PARA A CRIAÇÃO DE NOVOS MODELOS DE NEGÓCIOS COM O CANVAS

Verissimo Barros dos Santos Junior

Administrador e Especialista em Informática da Educação pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Cultura e Comunicação Multimídia.

E-mail: verissimo_barros@hotmail.com

Jean Carlos da Silva Monteiro

Jornalista, Especialista em Comunicação, Cultura e Tecnologia e Mestre em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal do Maranhão. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Cultura e Comunicação Multimídia.

E-mail: falecomjeanmonteiro@gmail.com

RESUMO

Esse estudo investiga o ensino de empreendedorismo colaborativo e dinâmico com o uso da Plataforma Digital CANVAS, idealizada pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). A pesquisa realiza uma análise em torno da experiência dos usuários da plataforma com foco na utilização de tecnologias digitais no ensino, disseminação e incentivo ao empreendedorismo. Por meio de um estudo bibliográfico e exploratório, apresenta-se o conceito de empreendedorismo e analisa-se as potencialidades da Plataforma Digital CANVAS. O estudo descreve a utilização da plataforma e suas funcionalidades como proposta metodológica para o ensino de empreendedorismo no curso de graduação em Administração. Busca consolidar a cultura empreendedora em um processo formativo que requer o uso de recursos digitais para estimular a capacidade dos alunos de pensar, analisar cenários e prospectar tendências antes de tomar qualquer decisão na criação de novos modelos de negócios. Conclui-se que a plataforma enriquece o ensino de empreendedorismo, tornando o espaço digital um meio colaborativo para uma aprendizagem em rede. Impulsiona o surgimento de novas ideias e, sobretudo, contribui para propagação da inovação e criação de novos formatos de negócios.

Palavras-chave: Ensino de empreendedorismo. Novos modelos de negócios. Canvas.

ABSTRACT

This study investigates the collaborative and dynamic teaching of entrepreneurship with the use of the Digital CANVAS Platform, idealized by the Brazilian Micro and Small Business Support Service (Sebrae). The research conducts an analysis around the experience of users of the platform with a focus on the use of digital technologies in teaching, disseminating, and encouraging entrepreneurship. Through a bibliographic and exploratory study, the concept of entrepreneurship is presented and the potentialities of the CANVAS Digital Platform are analyzed. The study describes the use of the platform and its functionalities as a methodological proposal for teaching entrepreneurship in the undergraduate Business Administration course. It seeks to consolidate the entrepreneurial culture in a formative process that requires the use of digital resources to stimulate students' ability to think, analyze scenarios, and prospect trends before making any decision in the creation of new business models. It is concluded that the platform enriches entrepreneurship teaching, making the digital space a collaborative medium for networked learning. It boosts the emergence of new ideas and, above all, contributes to the propagation of innovation and the creation of new business formats.

Keywords: Entrepreneurship education. New business models. Canvas.

2.1 INTRODUÇÃO

O empreendedor costuma ser um alguém visionário, que pensa fora da caixa e busca transformar o seu sonho em realidade. O empreendedorismo pode ser identificado como a concretização do “fazer acontecer” por meio da criatividade, da motivação e da inovação. Para Dornelas (2012), as diferentes definições de empreendedorismo têm em comum os seguintes aspectos referentes ao perfil do empreendedor: ter iniciativa para criar; utilizar os recursos de forma criativa; assumir os riscos calculados e a probabilidade de fracassar.

Atividades empreendedoras, sejam elas de grande ou pequeno porte, são essenciais para a saúde econômica de um país, pois geram empregos, estimulam a manutenção e sustentabilidade financeira, além de introduzirem inovações tecnológicas nas organizações. Segundo Ludtke e Ropke (2017), além de criar novas oportunidades de trabalho e geração de renda para a população, o empreendedorismo contribui para a inovação e a criação acelerada de novas empresas.

Cada vez mais as pessoas utilizam as tecnologias nas organizações, seja para aproximar clientes ou potencializar processos gerenciais. Desta forma, é necessário conhecer os recursos tecnológicos e usá-los de forma estratégica para criação e gerenciamento das empresas. Nessa conjuntura, é fundamental inserir ao longo do ensino de empreendedorismo os recursos digitais que permitem simular as atividades e situações-problemas que são encontradas no mercado atual. À vista disso, os alunos conseguem vivenciar em sala de aula todo o processo de construção de um negócio empregando os recursos digitais disponíveis para o planejar um novo negócio com base no empreendedorismo (DORNELAS, 2012).

Nesse sentido, este estudo investiga o ensino de empreendedorismo colaborativo e dinâmico com o uso da Plataforma Digital CANVAS, idealizada pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). O despertar para essa pesquisa deu-se pois, constatou-se que ainda é tímida a discussão sobre a Plataforma Digital CANVAS em periódicos científicos (KRAKAUER *et al.*, 2015). E, ainda segundo os autores supracitados, essa ausência na literatura pode representar uma lacuna no conhecimento de sua aplicabilidade.

A pesquisa realiza uma análise em torno da experiência dos usuários da plataforma com foco na utilização de tecnologias digitais no ensino, disseminação e incentivo ao empreendedorismo por meio de uma proposta que facilita o uso do quadro de negócios (OSTERWALDER; PIGNEUR, 2010). Neste estudo, caracterizado pela pesquisa bibliográfica e exploratória, aponta-se o conceito de empreendedorismo e analisa as potencialidades da Plataforma Digital CANVAS.

O estudo descreve a utilização da plataforma e suas funcionalidades como alternativa metodológica para o ensino de empreendedorismo no curso de graduação em Administração. Busca consolidar a cultura empreendedora em um processo formativo que requer o uso de recursos digitais para estimular a capacidade dos alunos de pensar, analisar cenários e prospectar tendências antes de tomar qualquer decisão na criação de novos modelos de negócios.

2.2 ENSINO DE EMPREENDEDORISMO

Para proporcionar uma aprendizagem eficaz no ensino do empreendedorismo, é indispensável compreender o comportamento do mundo das organizações para posteriormente elaborar propostas de mediação didática capazes de permitir que o aluno realize simulações práticas em sala de aula.

De acordo com Vieira *et al.* (2013), o ensino do empreendedorismo tem recebido crescente atenção no meio acadêmico e um dos grandes desafios é criar metodologias práticas para os profissionais em formação. Isso porque os cursos de graduação que oferecem esta disciplina geralmente são elaborados em conteúdos teóricos e limitados à sala de aula, o que pode distanciar da realidade do mundo do trabalho.

O Sebrae (2020) aponta que a educação empreendedora existe para despertar o empreendedorismo nas pessoas, utilizando técnicas que articulam o conhecimento teórico com o “fazer na prática”. Nessa perspectiva, a educação empreendedora atua em duas principais frentes: o desenvolvimento de competências e a inserção no mundo do trabalho.

O ensino do empreendedorismo vai além do escopo da abertura de um negócio, envolve também o desenvolvimento de uma cultura na qual as pessoas se sintam interessadas, preparadas e capazes para alcançar as suas metas profissionais. Greatti *et al.* (2017) salientam que o ensino de empreendedorismo no curso de graduação em Administração deve oportunizar uma formação condizente com as organizações do século XXI, onde as mudanças são inevitáveis e por isso, o profissional tem que estar preparado para assumir os desafios nesse contexto inserido. A pedagogia empreendedora suscita um melhor preparo do aluno para o mercado de trabalho exigente e para um ambiente social com mudanças que acontecem a todo momento no mundo corporativo.

Dornelas (2012) e Ludtke e Ropke (2017) explicam que a própria sociedade demanda profissionais com posturas empreendedoras: dentro das organizações (como agentes de mudanças nos processos de gestão - intraempreendedores); e fora delas (como proprietários de

empresas com produtos e serviços inovadores). No curso de graduação em Administração, a necessidade de ensinar o empreendedorismo inclui: a estratégia de formar profissionais que sejam capazes de se tornarem seus próprios empregadores, organizações de aprendizagem que requerem treinamento contínuo e a falta de empregos formais.

Isto posto, o ensino em empreendedorismo é capaz de auxiliar na formação de profissionais com visão holística, capazes de pensar em todo processo empreendedor, pois as habilidades inatas dos alunos podem ser aprimoradas e novas competências podem ser adquiridas, desde que o aluno esteja preparado para isso. Dornelas (2008) sugere que o ensino do empreendedorismo tenha como objetivo proporcionar aos alunos uma formação adequada para todos os aspectos relacionados ao campo da gestão, criação de empresas, inovação e liderança, conforme descrito no Quadro 1.

Quadro 1 - Objetivos do ensino do empreendedorismo

1	Identificação e entendimento das habilidades do empreendedor
2	Identificação e análise de oportunidades
3	Como ocorre a inovação e o processo empreendedor
4	Importância de empreendedorismo para o desenvolvimento econômico
5	Como preparar e utilizar um plano de negócios
6	Como identificar fontes e obter financiamento para o novo negócio
7	Como gerenciar e fazer a empresa crescer

Fonte: Adaptado de Dornelas (2008, p. 23-24).

No Quadro 1 são associados os objetivos da pedagogia empreendedora. Nesse sentido, os conteúdos programáticos devem envolver temas que remetem aos estudos e ensinamentos propostos por Dornelas (2008). Pensando nisso, Sebrae (2020) aponta competências que são alvos do ensino de empreendedorismo:

- Desenvolver junto aos estudantes, formas de estabelecer relações e possibilidades entre sonho, desejo e sucesso, reconhecendo-se como um cidadão de direitos.
- Identificar oportunidades no seu cotidiano, relacionando-as ao seu plano de vida e carreira e ao seu plano de negócio.
- Refletir sobre o seu potencial empreendedor para o aproveitamento de oportunidades de vida, carreira e negócio.
- Desenvolver um plano de vida, carreira e negócio.

Para o Sebrae (2020), as competências acima são estratégias para formar potenciais empreendedores, com alternativas concretas de aplicabilidade dos conteúdos aprendidos ao

longo da formação em sua vida profissional, tanto em um novo negócio quanto em um negócio já existente. As instituições de ensino superior, sobretudo as ofertantes do curso de administração, buscam encontrar uma forma de aproximar os alunos da realidade que será vivenciada no futuro ambiente profissional, para que eles possam descobrir novas oportunidades empreendedoras.

Krakauer *et al.* (2015) afirmam que é necessário analisar um método alternativo de ensino que visa a maior participação do aluno e o desenvolvimento de habilidades práticas. As aulas de empreendedorismo precisam estimular a percepção dos alunos sobre o mundo dos negócios, seus desafios e incertezas.

Os alunos precisam entender os conceitos e simular a aplicação na prática com a utilização de jogos, estudos de casos e seminários. Nessa concepção, as plataformas digitais auxiliam no aperfeiçoamento do ensino do empreendedorismo oportunizando maiores chances de sucesso e viabilidade tanto para uma carreira quanto para negócios (LUDTKE; ROPKE, 2017).

Diante dessa afirmação, os recursos são criados para proporcionar uma educação empreendedora mais próxima da prática, como possível caminho para inserir o aluno em ambientes que simulam o mercado e os colocam em desafios reais que são vivenciados no mundo do trabalho. A seguir, apresenta-se o Quadro 2 com as plataformas digitais que tem como proposta a disseminação do empreendedorismo.

Quadro 2 - Plataformas Digitais que têm como temática o empreendedorismo

Plataforma	Descrição
Eu Empreendo	A plataforma é um simulador para tomada de decisões empresariais. Desenvolve o empreendedorismo em jovens desde 2011. Pretende por meio de sua usabilidade desenvolver as habilidades socioemocionais, protagonismo, independência, motivação e aprendizado aos usuários. O seu uso possui um custo mensal que pode ser negociado junto com os gestores da plataforma. Site: https://euempreendo.org.br/ .
Centro Sebrae de Referência em Educação Empreendedora	Trata-se de uma iniciativa para produzir e compartilhar conhecimento, elaborar estudos, pesquisas e ferramentas com foco no desenvolvimento e no fomento da educação empreendedora. Um de seus objetivos é ser uma ponte entre o universo acadêmico e o mundo do trabalho. Tornou-se, ao longo dos anos, um ambiente em que a produção de conhecimento é fomentada por parcerias estratégicas com universidades, empresas, além de centros de pesquisa e profissionais renomados nacional e internacionalmente. O uso da plataforma é gratuito. Site: https://cer.sebrae.com.br/ .

continua

Quadro 2 - Plataformas Digitais que têm como temática o empreendedorismo

conclusão

Plataforma	Descrição
Plataforma Digital CANVAS	A plataforma mais utilizada da atualidade para criar o CANVAS (SEBRAE, 2020). O ambiente permite que qualquer empreendedor desenvolva seu modelo de negócios ou até mesmo repense um modelo já existente. É possível, ainda, interagir entre os usuários, avaliar, comentar e compartilhar, e ainda contribuir com modelo de negócios e com a validação da ideia de outros empreendedores. O uso da plataforma é gratuito. Site: https://sebraecanvas.com/#/ .
Endeavor	Plataforma de apoio a empreendedores de alto impacto em seus desafios e mobiliza o poder público para pavimentar um ambiente de negócios mais favorável para as <i>scale-ups</i> ¹ . Hospeda cursos curtos EaD, fluxogramas e reportagens sobre a temática principal. O uso da plataforma é gratuito. Site: https://endeavor.org.br/ .
EnP Prime	O EnP Prime é uma plataforma de <i>streaming</i> ² com foco em educação para empreendedores e aspirantes. O objetivo do EnP Prime é entregar conteúdos relevantes e de qualidade. O uso é pago por meio de dois pacotes: mensal, no valor de R\$ 47,00; ou anual, por 12x de R\$28,94. Site: https://ecommercenapratica.com/enp-prime/ .
Apreender	Ambiente com ferramentas e dicas para o empreendedor. Por meio de textos, <i>toolkit</i> ³ e modelos de atividades personalizadas, a plataforma colabora para o entendimento acerca do processo de criação de negócios sociais a fim de resolver desafios e problemas da área. A utilização é gratuita. Site: http://www.apreender.org.br/ .

Fonte: Dados dos autores (2021).

O CANVAS foi a plataforma escolhida para ser analisada pois, como acreditam Oliveira e Ferreira (2011), o CANVAS é de grande utilidade para os empreendedores, inclusive aqueles que estão em seu processo formativo, visto que ele dispõe de um modelo simples e já testado. Aborda-se, na seção seguinte, o CANVAS, como proposta que proporciona a elaboração colaborativa de novos negócios no ensino de empreendedorismo. O *Business Model* CANVAS ou Quadro de Modelo de Negócios é uma plataforma de gerenciamento estratégico para desenvolver e esboçar novos (ou já existentes) modelos de negócio a partir de um mapa visual pré-formatado.

¹ O termo é usado para categorizar algumas organizações que ficam dentro do grupo das empresas de alto crescimento — negócios que crescem pelo menos 20% ao ano, por três anos consecutivos, em número de funcionários ou receita (ENDEAVOR, 2019).

² Streaming é a transmissão de dados de áudio e vídeo de um servidor para um aparelho – como computador, celular ou *smart TV*.

³ Atividades que podem ser respondidas pelos participantes. Funciona como um guia de percurso, onde o aluno não só ouve o conteúdo, mas, responde diversos questionamentos ao longo da formação e/ou do curso.

2.3 BUSINESS MODEL CANVAS (BMC)

O *Business Model CANVAS* (BMC) teve origem na tese de doutorado de Alexander Osterwalder, defendido em 2004 na Universidade de Lausanne, na Suíça. Para Osterwalder e Pigneur (2010, p. 14), “O modelo de negócios descreve de forma racional como uma organização cria, entrega e captura valor.

Após a elaboração, em 2009, com a ajuda de Yves Pigneur e de mais de 450 colaboradores ao redor do mundo, Osterwalder publicou o livro *Business Model Generation*. Oliveira e Ferreira (2011) afirmam que o livro escrito por Osterwalder e seu orientador (coautor) é um bom exemplo de como um trabalho colaborativo pode contribuir positivamente para os negócios e, posteriormente, para o avanço da sociedade. Afirmam ainda que, Osterwalder dedicou sua tese de doutorado “A todas essas pessoas que estão lutando contra a pobreza no mundo”, e:

que este objetivo geral é o principal objetivo do volume atual sendo na medida em que existe uma preocupação com o espírito empreendedor com a criação de valor e novos negócios, em suma para melhoria e transformação, uma busca por formas inovadoras de fazer negócios para substituir as antigas e ultrapassadas (OLIVEIRA; FERREIRA, 2011, p. 02).

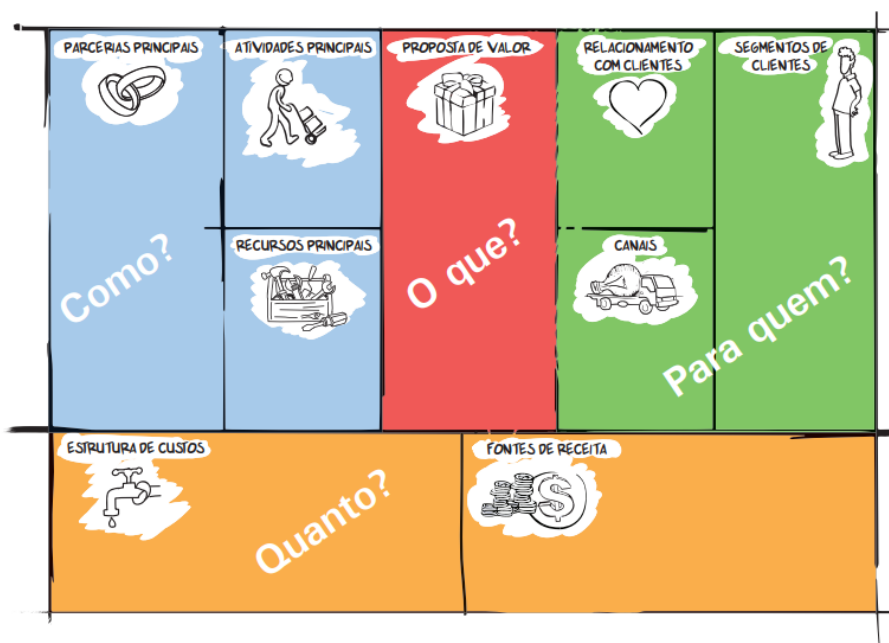
No livro, os autores apresentam uma ferramenta para que empreendedores e executivos consigam discutir e visualizar como o negócio seria executado de forma sistêmica e integrada. Osterwalder e Pigneur (2011) definem o CANVAS como um modelo de negócios que descreve a lógica de criação, entrega e captura de valor de uma organização.

Biava (2017) destaca a necessidade de se conhecer e propagar os meios disponíveis e as alternativas de desenvolver o CANVAS como uma ferramenta intuitiva que funcione de modo dinâmico, visando o desenvolvimento da prática visual que irá orientar no desenvolvimento de uma estratégia organizacional. No CANVAS é possível alinhar e ilustrar as ideias, o que garante que uma melhor compreensão entre todos os integrantes da equipe de modelagem de negócio sobre o cenário atual e futuro da empresa.

De acordo Santos e Pinheiro (2017), um plano de negócio trata-se de um documento no qual as metas de um empreendimento são descritas detalhadamente. Além disso, têm-se os passos que devem ser tomados para que todas as metas sejam alcançadas, reduzindo, desta forma, os possíveis riscos. O plano identifica potenciais erros ainda na fase de maturação da ideia. Com atestado na Figura 1, o CANVAS é composto por blocos constitutivos do modelo de negócio. Osterwalder e Pigneur (2011) ampliaram a forma de representar o planejamento,

desenvolvendo uma “linguagem comum para descrever, visualizar, avaliar e alterar modelos de negócios”.

Figura 1 - *Business Model CANVAS*



Fonte: Cartilha Sebrae CANVAS (2013).

A Figura 1 é uma demonstração da criação de um modelo de negócio, que reúne nove blocos que compõem um empreendimento, agrupados em quatro questões que precisam ser respondidas (SEBRAE, 2020):

- Vou fazer o que? Essa resposta é a Proposta de Valor.
- Para quem vou fazer? Aqui, estão incluídos três blocos: segmento de cliente; canais e relacionamento com clientes.
- Como vou fazer? Quais são os recursos principais; as atividades e os parceiros principais.
- Quanto? Quais e como serão obtidas as receitas e qual será a estrutura de custos para viabilizar o negócio.

Todas as empresas possuem uma missão. No CANVAS identifica-se como proposta de valor. Preencha-se a missão no quadro “o que?”. Macedo et al. (2013) esclarecem que são os produtos e serviços que criam valor para um segmento de cliente específico. O Sebrae (2013) aponta a proposta de valor como a razão ou o motivo pelo qual as pessoas adquirem os seus produtos e serviços, atendendo a uma necessidade, resolvendo um problema ou melhorando alguma situação existente.

O segundo conjunto de quadros é composto por relacionamento com cliente, no qual descreve-se o tipo de relacionamento que a organização vai estabelecer com os seus clientes. Define-se o segmento de cliente como os diferentes grupos de pessoas a quem uma empresa deseja oferecer algo de valor. Os canais de relacionamento com clientes, que também fazem parte deste quadro, são os meios empregados para manter contato com os clientes (MACEDO *et al.*, 2013).

Na terceira parte do quadro têm-se os recursos, que são o planejamento e a identificação de todos os recursos indispensáveis para realizar a proposta de valor; as atividades, que são as ações realizadas diariamente na organização; e os parceiros principais, fornecedores e empresas para apoiar a realização da proposta de valor. Vicelle e Tolfo (2017) tecem que os parceiros ou a rede de fornecedores são indispensáveis para o funcionamento do negócio, pois unir forças pode e deve ajudar na conquista de um bem comum.

Os últimos dois quadros fazem parte do “quanto?”, no qual se planeja quais e como serão obtidas as receitas (isto é, a entrada monetária que ocorre na empresa) e qual será a estrutura de custos para viabilizar o negócio. Para Vicelle e Tolfo (2017), descreve-se em estruturas de custo os valores envolvidos na operação de um modelo de negócios. Macedo *et al.* (2013) abordam que as fontes de receita são as formas como a empresa ganha dinheiro por meio de cada produto ou serviço comercializado.

Na Figura 2, exibe-se um exemplo de um CANVAS elaborado e planejado com uma linguagem simples, em uma única folha, como propõe Osterwalder e Pigneur (2011). O quadro preenchido contém informações sobre como buscar resultados de impacto por intermédio do preenchimento do mapa utilizando *post-its* (que são pequenos pedaços de papel coloridos e autocolantes que usamos temporariamente para ilustrar uma ideia).

Figura 2 - Exemplo de CANVAS.



Fonte: Cartilha Sebrae CANVAS (2013).

Na Figura 2 observa-se as informações mais importantes sobre o modelo de negócio que se pretende implantar. Na construção do quadro, independente do negócio que se almeja, essas relações precisam aparecer. Com base no entendimento dessas relações, se construirá um negócio e se refletirá sobre a viabilidade dele.

Biava (2017) aponta o quadro como um detalhamento completo de um modelo de negócio, pois a objetividade do quadro facilita o entendimento da organização em poucos minutos, dessa forma torna simples a aplicação estruturada e efetiva de princípios. Por isso, o preenchimento deve ser flexível até chegar num consenso e a unificação de ideias e linguagem comum para todos.

Aborda-se, na próxima seção, o *Business Model CANVAS* em uma alternativa idealizada pelo Sebrae, no qual foi disposto em uma plataforma digital que visa facilitar a colaboração do planejamento organizacional, podendo, inclusive, contribuir para o ensino do empreendedorismo.

2.4 PLATAFORMA SEBRAE CANVAS

De acordo com a problemática do presente estudo e dos objetivos traçados anteriormente, trata-se de um estudo descritivo, com abordagem qualitativa, que busca apresentar a utilização da Plataforma Sebrae CANVAS. O estudo descreve o uso da plataforma

e suas funcionalidades, a fim de difundir esse recurso como proposta como proposta metodológica para o ensino de empreendedorismo.

Segundo Gil (2002, p. 41), o estudo descritivo é aquele que busca fazer “a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou [...] o estabelecimento de relações entre variáveis”. Dessa forma, esse estudo, observa as opiniões e experiências sobre a usabilidade da Plataforma Sebrae CANVAS por meio dos alunos.

Justifica-se a abordagem qualitativa, uma vez que os aspectos investigados neste estudo “são desenvolvidos a partir análises que vão para além de dados numéricos” (SEVERINO, 2007, p. 14) e não podem, apenas, ser tratados e avaliados numericamente, pois a proposta desse projeto é conceber uma metodologia prática a fim de enriquecer o ensino de empreendedorismo (SILVA; VALDEMARIN, 2010).

Plataforma Sebrae CANVAS (Figura 3), disponível em www.sebraecanvas.com, foi planejada para a criação de um CANVAS, possibilitando o desenvolvimento de um novo modelo de negócio ou até mesmo modificar um modelo já existente de forma gratuita. O usuário possui ainda a função de interagir com os demais participantes cadastrados na plataforma (SEBRAE, 2020).

Figura 3 - Plataforma CANVAS

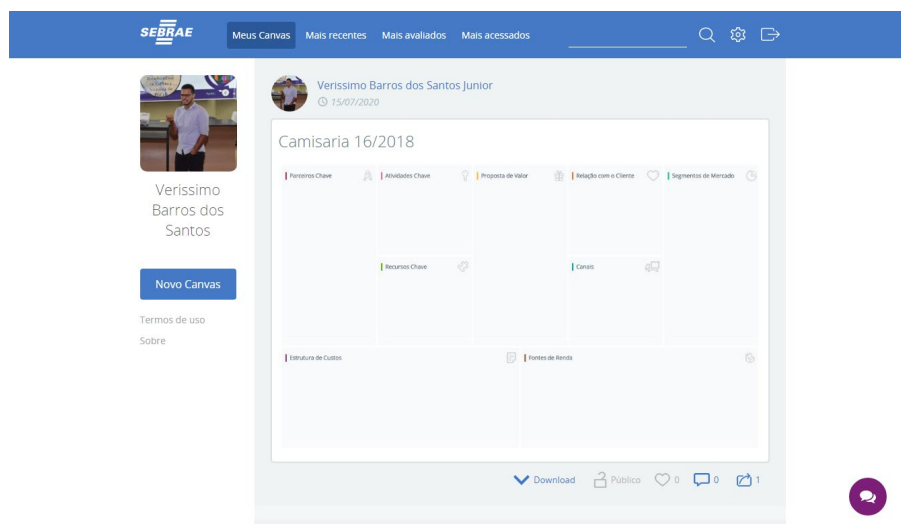


Fonte: Plataforma Sebrae CANVAS (2020)

Para acessar a plataforma é preciso realizar um pequeno cadastro, informando nome completo, CPF, *e-mail* e cadastrar uma senha de acesso. O usuário também tem a opção de entrar com a conta do *Facebook*. A inovação na plataforma passa pela colaboração e troca de informações por meio das funcionalidades como curtir, comentar e compartilhar pelo facebook, twitter e enviar os CANVAS por e-mail ou realizar o download do arquivo em PDF.

Após o cadastro, o usuário pode definir a sua privacidade, podendo escolher que o seu perfil seja público ou privado. Ao deixar o perfil público, ele permitirá o acesso e compartilhamento das informações com todos os demais usuários da plataforma. Logo em seguida, o usuário é direcionado para a tela inicial da plataforma, conforme exposto na Figura 4.

Figura 4 - Tela inicial da plataforma



Fonte: Plataforma Sebrae CANVAS (2020).

Na tela principal, é localizado o menu com a funcionalidade “meus CANVAS”, onde é armazenado os quadros da autoria do usuário. Na guia “mais recentes”, os CANVAS são organizados de forma cronológica. Na função “mais avaliados” estão os quadros que tiveram mais interações entre usuários. Na Figura 5, por exemplo, exibe-se um CANVAS público que está disponível na plataforma com interações que chegam a mais de 5.507 curtidas, 251 comentários e 6.325 compartilhamentos.

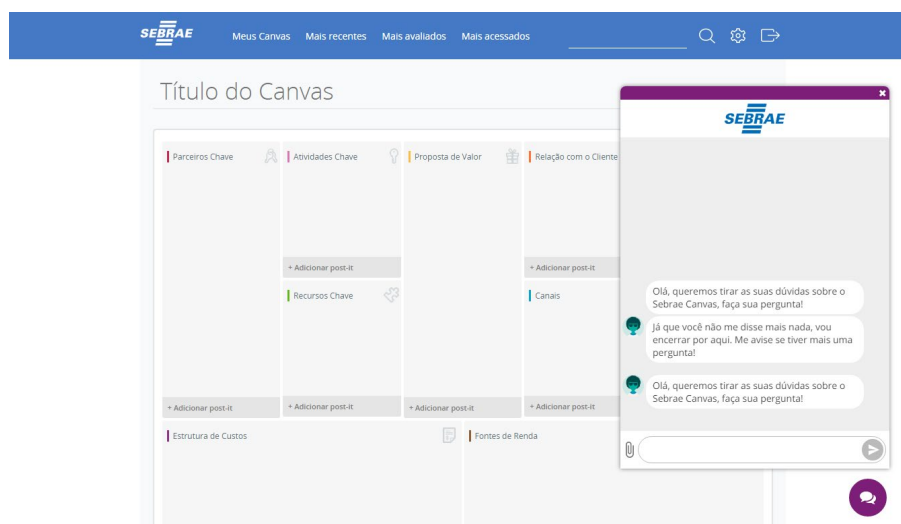
Figura 5 - CANVAS mais avaliado



Fonte: Plataforma Sebrae CANVAS (2020).

Ao elaborar um novo CANVAS, o usuário conta com o apoio de um guia de instruções da plataforma. A cada *clique* na tela são apontadas dicas a serem seguidas. No canto direito é possível tirar as dúvidas online sobre o preenchimento do quadro com a atendente virtual do Sebrae, conforme a Figura 6.

Figura 6 - Atendente virtual do Sebrae



Fonte: Plataforma Sebrae CANVAS (2020).

Nos nove quadros do CANVAS é permitido inserir *post-it* de quatro cores diferentes, como comprova a Figura 7. A qualquer momento é possível excluir ou editar as informações digitadas ou até mesmo alterar a cor. Em cada *post-it* é colocado uma única informação. Caso o modelo de negócio tenha duas propostas de valor, o aconselhado é colocar cada uma em um *post-it*.

Figura 7 - Inserindo os *post-it* no CANVAS



Fonte: Plataforma Sebrae CANVAS (2020).

Após finalizar todo o planejamento é só configurar a privacidade do CANVAS e, se desejar, fazer o download do quadro em PDF. Na aba “comentários”, o usuário-autor (que criou inicialmente o CANVAS) pode interagir com os demais de forma colaborativa por meio dos comentários disponíveis na plataforma.

Aborda-se a seguir como ocorre a utilização colaborativa da Plataforma Sebrae CANVAS e as suas contribuições para o ensino de empreendedorismo.

2.5 PROCESSO DE COLABORAÇÃO NA PLATAFORMA CANVAS

O CANVAS analisa e levanta informações que visam identificar a forma como a empresa ganha o seu sustento. Quando as organizações têm isso definido, torna a compreensão de como a empresa pode continuar com o seu planejamento de forma estratégica (BIAVA, 2017).

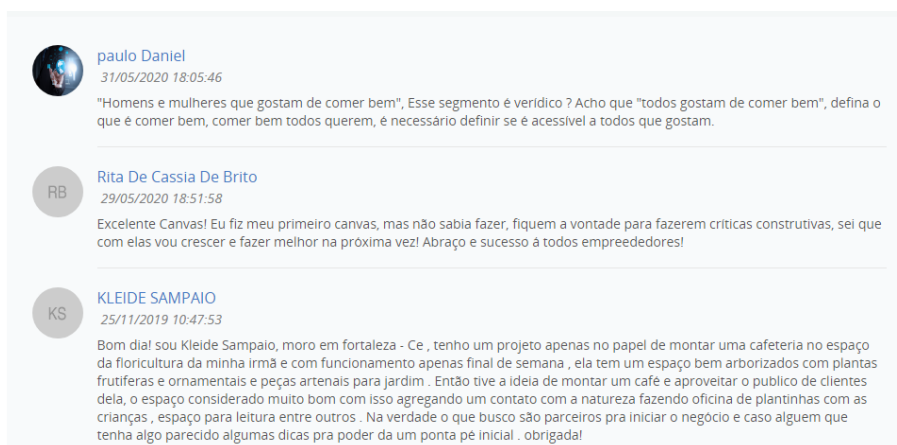
Para Greatti *et al.* (2017), o ensino do empreendedorismo - durante a formação do administrador - é considerado um fator essencial para o seu sucesso profissional, pois fornece entendimento sobre como ocorre a inovação, o processo empreendedor, como identificar oportunidades e como reconhecer as habilidades empreendedoras. Para isso, a pedagogia empreendedora é um importante elemento no fomento de novos profissionais com visão holística para o desenvolvimento das organizações, preparação e utilização de um plano de negócios e a forma de gerenciamento para que o empreendimento cresça.

Diante disso, a fim de contribuir para o avanço do ensino de empreendedorismo, nesta pesquisa investiga-se a plataforma Sebrae CANVAS e seu processo de criação de novos modelos de negócio de forma colaborativa. Além de ser uma plataforma fácil e interativa, ela está aberta a todos de forma gratuita. O usuário, ao realizar o planejamento do quadro, possui todas as informações necessárias e ainda conta com um suporte virtual 24 horas para mais esclarecimentos.

A plataforma conta com recursos visuais como o quadro composto por nove blocos e *post-its* autocolantes de quatro cores diferentes. A plataforma colaborativa vai ao encontro da realidade vivenciada no mundo dos negócios, pois a interação na plataforma permite que se ouça as opiniões de possíveis sócios, parceiros, potenciais clientes, familiares, amigos, enfim, e quem estiver disposto a ajudar.

Como mostra a Figura 8, os usuários podem interagir com todos os membros da rede que se apresentaram interessados no modelo de negócios. Dessa forma, acredita-se que professores e alunos podem utilizar esta ferramenta estratégica em sala de aula, por meios de atividades que simule a inovação e criação de novos negócios.

Figura 8 - Aba de comentários do CANVAS



Fonte: Plataforma Sebrae CANVAS (2020).

Santos e Pinheiro (2017) reforçam a importância do planejamento colaborativo, afirmando que ele prevê e minimiza os inibidores dos resultados e maximiza os facilitadores no processo de tomada de decisão. Críticas e comentários construtivos colaboram para tornar uma análise do negócio bem estruturada e delimitar as decisões que devem ser tomadas.

Na plataforma ainda é possível criar parcerias organizacionais, atrair novos clientes, propagar a ideia e, sobretudo, validar um modelo de negócio, pois investigar o mercado evitará que um projeto siga com erros ou possibilitará que, pelo menos, tais erros sejam minimizados.

Vicelle e Tolfo (2017) afirmam que não basta apenas ter uma ideia de negócio, mas se faz importante consultar o consumidor para saber sua opinião sobre a proposta de valor e viabilidade do negócio. Na Figura 9, a título de exemplo, pode-se observar a interação e colaboração dos membros da plataforma (ou futuros consumidores) na criação de um novo negócio, e ainda a possibilidade de criar parcerias.

Figura 9 - Interação dos membros da plataforma (ou futuro consumidor) no CANVAS



Fonte: Plataforma Sebrae CANVAS (2020).

As parcerias são indispensáveis, pois as empresas não se estruturam de forma isolada, mas com o apoio de uma rede de pessoas ou organizações com metas que se relacionam. Para Macedo *et al.* (2013), são a rede de fornecedores e os parceiros que fazem o modelo de negócio funcionar.

Durante a exploração da plataforma, analisou-se que um dos CANVAS mais comentados é o do usuário Zenóbio Pereira, que intitulou o seu quadro como “CANVAS - exemplo (detalhado)”, publicado em 2015, comentado até o período de elaboração desta pesquisa (agosto/2020), com 251 comentários e 5.507 curtidas como indicado na Figura 10.

Figura 10 - CANVAS elaborado por Zenóbio Pereira



Fonte: Plataforma Sebrae CANVAS (2020).

Na figura acima pode-se ver um grande exemplo de colaboração dos usuários por meio dos comentários em relação ao compartilhamento de como preencher o quadro. De acordo com o Sebrae (2020), a interação na plataforma tem crescido pela grande colaboração entre os usuários e por ser uma plataforma de grande impacto nas organizações ou projetos.

2.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de empreendedorismo, em especial nos cursos de graduação em Administração, é componente indispensável na formação dos alunos, pois entende-se que a pedagogia empreendedora pode promover a geração de novos negócios e o desenvolvimento local com responsabilidade social e inovação.

O mundo é identificado cada vez mais pela velocidade das informações e do avanço da tecnologia para facilitar o planejamento e criação de novos negócios. Diante disso, empresas e empreendedores possuem à sua disposição a plataforma *Business Model CANVAS* que foi o originador da modelagem de negócios por meio de um quadro de preenchimento, interativo e colaborativo.

Na plataforma qualquer pessoa com acesso à *internet* pode utilizar de forma gratuita e ainda contar com a colaboração de toda a rede que ali faz parte. Receber dicas, orientações e críticas faz abrir um novo horizonte para o planejamento. Dessa forma, o quadro de negócios construído em uma plataforma colaborativa valida as ideias de seus usuários por meio das opiniões e com as discussões nos comentários, que abrem um leque de possibilidades antes desconhecidas.

O CANVAS descreve a lógica de criação de um negócio e facilita o entendimento do planejamento por completo. Usar recursos visuais (como o quadro, adesivos autocolantes e cores) por meio da plataforma desenvolvida pelo Sebrae é também uma metodologia ativa de aprendizagem para trabalhar de forma colaborativa, pois promove a troca de experiências (o “aprender com o outro”), e o engajamento da turma - tudo com o protagonismo dos alunos. As trocas de informações entre usuários criam uma grande rede de aprendizagem.

Espera-se que esta pesquisa fomente novas investigações acerca do ensino em empreendedorismo no curso de administração, aprofundando e acompanhando a evolução de questões aqui levantadas sobre o ensino colaborativo, pois pode aprimorar a criatividade, instigar os alunos a saírem da zona de conforto e ainda propor novas ideias inovadoras na tentativa de solucionar um problema.

REFERÊNCIAS

- BIAVA, Jônata de Oliveira. **A metodologia Canvas e suas variações para o desenvolvimento do empreendedorismo**. 2017. 80 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, SC, 2017.
- DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios**. 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GREATTI, Ligia. *et al.* Aprendizagem em empreendedorismo em um curso de administração de uma universidade estadual no sul do Brasil. **Revista Eletrônica Científica do CRA-PR**, v. 4, p. 32-48, 2017.
- LUDTKE, Ana Paula; LUDTKE, Marcelo Regis Ropke. Empreendedorismo: uma análise do perfil dos gestores. *In*: SEMINÁRIO DE JOVENS PESQUISADORES EM ECONOMIA & DESENVOLVIMENTO, 5., 2017, Santa Maria. **Anais [...]**. Rio Grande do Sul: UFSM, 2017.
- KRAKAUER, Patricia Viveiros de Castro; PORTO, Maria Cecilia; OLIVEIRA, C. S. M. E.; ALMEIDA, M. I. R. Ensino de Empreendedorismo: utilização do Business Model Generation. **RAI: Revista de Administração e Inovação**, v. 12, p. 07, 2015.
- MACEDO, Mayara Atherino. *et al.* Business Model Canvas: a construção do modelo de negócio de uma empresa de móveis. *In*: X SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA - SEGET, 10., 2013. Resende. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: [s.n.], 2013.
- OLIVEIRA, Manuel Au-Yong; FERREIRA, João José Pinto. Book Review of Business Model Generation: A handbook for visionaries, game changers and challengers. **African Journal of Business Management**, v. 5, n. 7, 4 Apr. 2011.

OSTERWALDER, Alexander; PIGNEUR, Yves. **Business Model Generation - inovação em modelos de negócios**: um manual para visionários, inovadores e revolucionários. Alta Books, 2011.

OSTERWALDER, Alexander; PIGNEUR, Yves. **Geração de modelo de negócios**. Nova Jersey: Wiley, 2010.

SANTOS, Pedro Vieira Souza; PINHEIRO, Francisco Alves. O plano de negócios como ferramenta estratégica para o empreendedor: um estudo de caso. **Revista Latino-Americana de Inovação e Engenharia de Produção**, v. 5, p. 150-165, 2017.

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Educação Empreendedora e desenvolvimento de uma cultura no Brasil**. 2013. Disponível em: <https://m.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/sebraeaz/o-que-e-educacao-empresarial,61d97e573644d610VgnVCM1000004c00210aRCRD> . Acesso em: 22 ago. 2020.

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Crie novos modelos de negócios com o Sebrae Canvas**. 2020. Disponível em: <https://www.sebraecanvas.com/#/>. Acesso em: 22 ago. 2020.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Marilda da; VALDEMARIN, Vera Teresa (Org.). **Pesquisa em educação: Métodos e modos de fazer**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. (Coleção PROPG Digital - UNESP). ISBN 9788579831294. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/109159>. Acesso em: 22 ago. 2020.

VICELLI, Bruno; TOLFO, Cristiano. **Um estudo sobre valor utilizando o Business Model Canvas**. ESPACIOS (CARACAS), v. 38, p. 14, 2017.

VIEIRA, Saulo Fabiano Amâncio. *et al.* Ensino de empreendedorismo em cursos de administração: um levantamento da realidade brasileira. **Faces: Revista de Administração**, Belo Horizonte, v. 12, p. 1-23, 2013. Versão *online*.

MINI CURRÍCULO E CONTRIBUIÇÕES AUTORES

TÍTULO DO ARTIGO	TENDÊNCIAS DIGITAIS PARA O ENSINO DE EMPREENDEDORISMO: PLATAFORMA COLABORATIVA PARA A CRIAÇÃO DE NOVOS MODELOS DE NEGÓCIOS COM O CANVAS
RECEBIDO	08/06/2021
AVALIADO	16/07/2021
ACEITO	10/08/2021

AUTOR 1	
PRONOME DE TRATAMENTO	Sr.
NOME COMPLETO	Verissimo Barros dos Santos Junior
INSTITUIÇÃO/AFILIAÇÃO	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão
CIDADE	São Luís
ESTADO	Maranhão
PAÍS	Brasil
RESUMO DA BIOGRAFIA	Administrador e Especialista em Informática da Educação pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Cultura e Comunicação Multimídia.
AUTOR 2	
PRONOME DE TRATAMENTO	Sr.
NOME COMPLETO	Jean Carlos da Silva Monteiro
INSTITUIÇÃO	Universidade Federal do Maranhão
CIDADE	São Luís
ESTADO	Maranhão
PAÍS	Brasil
RESUMO DA BIOGRAFIA	Jornalista, Especialista em Comunicação, Cultura e Tecnologia e Mestre em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal do Maranhão. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Cultura e Comunicação Multimídia.
CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES NO ARTIGO	Todos os autores contribuíram na mesma proporção.

Endereço de Correspondência dos autores	de Autor 1: verissimo_barros@hotmail.com Autor 2: falecomjeanmonteiro@gmail.com
---	---

3 A CONSTRUÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS DURANTE O BRINCAR NO CONTEXTO ESCOLAR

Juliana Oliveira Coura

Graduada em Ciências Sociais (Licenciatura) pela Universidade Federal da Bahia.

E-mail: jcoura27@gmail.com

RESUMO

As relações estabelecidas durante o brincar podem indicar dados sobre o desenvolvimento e, especificamente, sobre como se constroem as habilidades sociais das crianças. Considerando a importância dessas interações, a mediação dos adultos é um importante fator que influencia significativamente para o exercício de manejo das emoções e atribuições de significados pelas crianças sobre os acontecimentos que emergem durante o brincar. O contexto escolar, enquanto ambiente repleto de possibilidades para interações entre as crianças, emerge como espaço fundamental de experiências e significados sociais, apresentando-se como dimensão de referência na infância e com efeitos, ao longo do desenvolvimento, para o crescimento pessoal e construção de habilidades sociais. Em face do exposto, a realização deste estudo teve como objetivo investigar como se realizam as intervenções nas brincadeiras para mediar conflitos e como estas interações se associam com a compreensão de educadores sobre o processo de construção de habilidades sociais na infância. A abordagem baseou-se no método qualitativo, de caráter exploratório, adotando-se as entrevistas semiestruturadas como instrumento de coleta de dados, e a análise de conteúdo para interpretação dos resultados. Foram realizadas entrevistas com seis docentes de diferentes escolas, em Salvador-Bahia. Os resultados trouxeram questões instigadoras sobre as compreensões das participantes e suas intervenções na mediação de conflitos durante as brincadeiras, sugerindo interesse para o tema ao refletirem sobre suas atuações, assim como identificação de dificuldades emergentes que apontam para a necessidade de formação continuada, que inclua o tema das habilidades sociais na prática docente, no âmbito da educação infantil e ensino fundamental.

Palavras-chave: Habilidades Sociais. Desenvolvimento Infantil. Mediação de Conflitos.

ABSTRACT

Relationships established in play may indicate important data about development and specifically about how children's social skills are built. Considering the importance of these interactions, adult mediation is an important factor that significantly influences the management of emotions and attributions of meaning by children on events that emerge during plays. The school context, as an environment of multiple possibilities for interactions among children, emerges as a fundamental space of experiences and social meanings. Thus, the school context presents itself as a dimensional reference in childhood, which effects the development of personal growth and construction of social skills. In the view of the above, the purpose of this study was to investigate how playful interventions to mediate conflicts are carried out and how they are associated with educator's understanding of the process of building social skills in childhood. The approach was based on the qualitative method of exploratory character, adopting semi-structured interviews as an instrument of data collection and an analysis of contents to interpret the results. In this regard, interviews were conducted with six teachers from different schools in Salvador-Bahia. The results brought instigating questions about the participants' understandings and their interventions in conflict mediation during plays. And it consequently, suggested interest for the theme after they reflected on their performances. The results also brought the identification of emerging difficulties that point to the demand for a training that includes social skills in teaching practice within the field of early childhood education and elementary school.

Keywords: Social Skills. Child Development. Conflict Mediation.

3.1 INTRODUÇÃO

A infância, enquanto período específico do desenvolvimento humano que envolve a interação de aspectos do desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2013), apresenta, como fundamental fator de influência, as relações que vão sendo construídas nesse período, devido ao impacto significativo das experiências sociais para o desenvolvimento. Esses modos de interações foram estudados e categorizados em comportamentos que favorecem e que interferem na qualidade dos relacionamentos, abrangendo componentes comportamentais, cognitivo-afetivos e fisiológicos, identificados e classificados na área das “habilidades sociais” (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2013). Assim, os valores e normas de cada cultura vão configurando formas de se relacionar que estruturam padrões comunicativos, expressões gestuais e condutas frente às situações de contatos e conflitos.

Dentre as principais especificidades da infância, o brincar revela-se como a forma fundamental de expressão da criança, atuando na apreensão e representação da realidade, na satisfação de desejos e necessidades, na construção de relações, no desenvolvimento das linguagens, das habilidades motoras, cognitivas, de expressividade e autoregulação emocional. O brincar é a “[...] maneira que as crianças têm de interpretar e assimilar o mundo, os objetos, a cultura, as relações e os afetos das pessoas” (WAJSKOP, 1995, p. 66). A criança, em seu percurso de desenvolvimento, experimenta diferentes contextos e, por meio das interações sociais, estabelece relações, com as pessoas e com o mundo físico à sua volta, percebendo, também, as questões sociais e o comportamento das outras crianças (CORDAZZO; WESTPHAL; TAGLIARI; VIEIRA 2010). As brincadeiras, portanto, apresentam-se como elemento de fundamento na constituição subjetiva, para os modos de ser e estar no mundo e, desse modo, são reconhecidas como importante meio para a aquisição de diversas habilidades ao longo do desenvolvimento.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), através da Lei nº 8.069, de julho de 1990 (BRASIL, 1990) no artigo 53, reforça a relação da educação com o pleno desenvolvimento da pessoa. Na escola, a vivência da socialização possibilita a internalização de novos conteúdos, padrões de comportamento e valores sociais (MIRANDA, 1984). Como importante marco para a ampliação de contatos e relações na infância, a inserção escolar, portanto, irá acrescentar novos e diferentes estímulos aos recursos comportamentais adquiridos no contexto familiar.

De acordo com Del Prette e Del Prette (1999), a escola irá proporcionar situações variadas e exigências mais complexas, já que há uma adaptação em relação às novas demandas

sociais, aos diferentes contextos, à novas regras e papéis bem definidos. Nesse sentido, a escola pode ser compreendida como um ambiente que pode, também, apresentar indícios dos componentes configurados como “fatores de proteção” ou “fatores de risco biopsicossocial” para a criança. Os modos de se relacionar, vivenciados na escola, terão a influência de variáveis nessas relações que vão impactar, em suas diversas combinações, o delineamento dos sentimentos, das crenças, da construção do autoconceito, das demais habilidades e competências na miríade de vivências de cada criança.

As relações escola-educadores-família-comunidade suscitam amplas discussões e investigações, por participarem de um sistema de componentes interdependentes (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2013). Pesquisas variadas demonstram a pertinência e complexidade do tema, como, por exemplo, sobre as diferenças nas percepções dos informantes acerca das habilidades das crianças (GONÇALVES; MURTA, 2008), sobre a correlação de dificuldades de aprendizagem com problemas de comportamento (PRETTE; BARRETO; FREITAS, 2012), sobre a inclusão da família em intervenções, compreendendo, como pontuam Ferreira e Marturano (2002), a necessidade de inclusão do sistema familiar para que tarefas do desenvolvimento e fatores de proteção sejam considerados no manejo das questões relacionadas aos desafios apresentados nas questões escolares.

Alguns estudos vão indicar a relação dos déficits em habilidades sociais com transtornos psicopatológicos, como, por exemplo, a investigação de Bolsoni-Silva e Loureiro (2016) sobre estudantes universitários com depressão. Em estudo que investigou a correlação entre habilidades sociais, problemas de comportamento e desempenho acadêmico de estudantes do 6^a e 7^a ano, explorando as particularidades de cada fase, Maia, Soares e Leme (2019) confirmaram a relevância das habilidades sociais na trajetória de desenvolvimento, nos âmbitos acadêmico e social. Os autores indicaram a importância de que professores estejam engajados na identificação do grau de dificuldade nas relações interpessoais dos estudantes, nesse caso, o estudo refere-se ao contexto específico do 6^a e 7^a ano de uma mesma escola. As implicações dos educadores e familiares na construção do repertório das habilidades sociais, avaliando adequações que promovam fatores de proteção para as especificidades de cada faixa etária (ALMEIDA MAIA, 2019) são, portanto, intervenções importantes para o desenvolvimento. De acordo com Miranda (1984), o processo de maturação biológica que a criança passa se dá, também, através da mediação do adulto que, dependendo da condição social da criança, pode se estabelecer de diferentes maneiras.

As dificuldades comportamentais e emocionais, classificadas em problemas externalizantes e internalizantes, se expressam em diferentes formatos, e podem estar

relacionados com quadros de ansiedade, fobia social, agressividade, indisciplina e outros comportamentos antissociais (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2013). As crianças, inseridas em variados contextos, vivenciando configurações familiares particulares e diferentes abordagens pedagógicas que formatam as práticas de cada escola, atualizam o repertório de comportamentos sociais através dessas experiências. A importância de estudos que explorem aspectos da mediação do adulto na construção de habilidades sociais na infância é atual e complexa. É relevante considerar a pandemia da COVID-19 como fator de impacto para mudanças nas interações escolares, pois a circunstância do distanciamento influenciou as interações no contexto escolar, ao mobilizar modalidades de aprendizagem e relacionamentos que inclui dificuldades variadas nessa adaptação. Sobre a utilização das tecnologias no sistema EaD, Santana (2020) afirmaram que é necessário estabelecer uma relação de afinidade com os alunos, visando contribuir com a disposição para aprender. A capacidade de utilização de instrumentos pedagógicos com foco no desenvolvimento dos processos cognitivos e sociais (REIS; PRATA; SOARES, 2012) indica como a promoção de habilidades sociais é um ponto fundamental na prática docente, já que a qualidade das experiências relacionais nesse contexto tem influência para o repertório comportamental que irá configurar fatores de aprendizagem e desenvolvimento em diferentes ambientes. Como ressaltaram Saldaña, Del Prette e Del Prette (2002), na avaliação de habilidades sociais é importante incluir a pessoa, o comportamento e o contexto onde elas acontecem. Os autores explicam, com base em diferentes estudos, que os procedimentos de avaliação, a complexidade do comportamento interpessoal e a falta de consenso sobre o que constitui um comportamento socialmente competente, ainda perpassam o debate científico. Diante dessas considerações, reconhecendo a amplitude e complexidade do tema, a pesquisa adotou como referência para a investigação, a definição de habilidades sociais dada por Del Prette e Del Prette (2013, p. 31), explorando a relação do conceito com a compreensão e prática das docentes entrevistadas.

Estudos na área de habilidades sociais apontam que os comportamentos socialmente habilidosos influenciam aspectos da qualidade de vida, atuando como prevenção na categoria de fatores de proteção para situações que demandam lidar com frustrações e sofrimentos, comuns ao processo de convivência e aprendizagem. Os problemas comportamentais, categorizados em internalizantes e externalizantes (DEL PRETTE, 2013), têm sido associados às dificuldades no relacionamento com os pares (PIZARRO; MARTURANO; FONTANEIN, 2014). Outra relevante ênfase sobre a importância de um olhar atencioso em relação à aquisição de habilidades sociais na infância remete à associação da competência social e das habilidades

sociais com a maior probabilidade de trajetória desenvolvimental satisfatória (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2003; FERREIRA; MARTURANO, 2002).

A partir da exploração do tema, foi possível perceber desafios nas pesquisas em extrair conclusões, em razão da complexidade das variáveis nas investigações. As dificuldades na identificação de possíveis causas e consequências nos contextos das aquisições e manifestações das habilidades sociais, em diálogo com uma diversidade de fatores que influenciam na composição dessas classes, se relacionam, por exemplo, com as influências culturais, fatores fisiológicos, contextos familiares, demandas e exigências específicas do desenvolvimento. Desse modo, aprendizados de regras, normas e valores, tanto em casa quanto na escola, e com regras sociais contraditórias em algumas ocasiões (VITORINO, 2017), vão repercutindo em como as crianças realizam e assimilam as interações, estruturando seu repertório de comportamentos diante de diferentes situações.

Diante das considerações, interessa que se desenvolvam estudos direcionados para a compreensão dos cenários atuais das práticas docentes, com foco na mediação de conflitos no contexto escolar, para o aprofundamento e direcionamento de caminhos de intervenção mais adequados. É importante ressaltar, a partir da indicação de Barreto, Freitas e Del Prette (2011), a coerência de uma avaliação multimodal que contribua para a compreensão de fatores associados às “dificuldades de aprendizagem” e aos “problemas de comportamento”, nos prováveis impactos nas infâncias ao nível psicossocial.

Os déficits em habilidades sociais estão, no geral, associados a problemas e transtornos psicológicos específicos, tais como depressão, ansiedade, isolamento social, problemas de comportamento, dificuldades de aprendizagem, consumo de substâncias psicoativas, etc. (CABALLO, 2003; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001). Por essa razão, são reconhecidos como fatores de risco para o funcionamento psicossocial. Explorar os fatores do contexto escolar que atuam no desenvolvimento de habilidades sociais pode auxiliar na identificação e prevenção, na perspectiva de contribuir para a promoção da qualidade de vida e da prevenção de problemas na infância e adolescência.

Diante do exposto, a pesquisa pretendeu compreender como os educadores entendem o processo de construção das habilidades sociais na infância e como intervém nas brincadeiras para mediar conflitos.

3.2 MÉTODO

O estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, com levantamento bibliográfico do tema e realização de entrevistas semiestruturadas. Foram realizadas leituras prévias, em livros e periódicos relacionados ao tema e àqueles mais especificamente associados à teoria de habilidades sociais dos autores Del Prette e Del Prette (1999, 2011, 2013). Esse material analisado produziu o corpus do conhecimento teórico sobre o objeto da pesquisa. O Roteiro de Entrevista, elaborado com base nas leituras de temas relacionados à construção de habilidades sociais, o desenvolvimento na infância e alguns resultados de pesquisas sobre a construção das habilidades sociais na infância. Nesse sentido, as entrevistas buscaram explorar a compreensão das participantes acerca da construção de habilidades sociais na infância, investigando fatores da mediação de conflito, percepções e suas principais estratégias de intervenções nos conflitos.

Para a definição dos participantes da pesquisa, adotou-se como critério atuar na educação infantil ou fundamental, ter interesse e disponibilidade de horário para realização da entrevista presencial. Essa amostra foi resultado de indicações de profissionais da área da educação e contemplou seis professoras, de cinco escolas de Salvador, na Bahia, quatro atuantes como professoras da educação infantil e duas do ensino fundamental. A pesquisa pretendeu entrevistar, até a data da sua finalização, dez educadores, porém houveram dificuldades relacionadas à disponibilidade de agendamento, especialmente em razão do contexto da Pandemia da COVID-19. As entrevistas presenciais foram realizadas no período de 5 de novembro de 2019 à 12 de fevereiro de 2020, e a adaptação para o modelo de entrevista on-line na data de 27 de março de 2021, para a entrevista realizada nesse período, com Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) enviado integralmente e respondido via áudios, horário pré-definido para presença simultânea da entrevistadora e da entrevistada, e utilização do WhatsApp como recurso de comunicação, um aplicativo de troca de mensagens, áudio e vídeo.

O tratamento dos resultados foi apoiado em Bardin (1977), para o estudo das motivações, atitudes, valores, crenças, tendências que buscamos investigar neste estudo. Triviños (2010, p. 159),

[...] assegura que, assim como qualquer técnica (entrevista, questionário etc.), a análise de conteúdo adquire sua força e seu valor exclusivamente mediante o apoio de determinado referencial teórico. Com fundamento no método de análise do conteúdo, os dados obtidos com as entrevistas foram categorizados em 3 unidades de análise: 'habilidades sociais', 'conflitos' e 'mediação de conflitos'.

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (BARDIN, 1977). Se destina a classificar e categorizar qualquer tipo de conteúdo, reduzindo suas características a elementos-chave, de modo com que sejam comparáveis a uma série de outros elementos (CARLOMAGNO, ROCHA, 2016).

Bardin (1977) determinou três etapas básicas no processo de análise de conteúdo: a) pré-análise, b) descrição analítica, c) interpretação inferencial. A pesquisa seguiu as etapas com a leitura, seleção e organização do material; a descrição analítica, que já inicia na pré-análise, referente à delimitação do corpus que será analisado com a codificação, classificação e categorização, baseando-se nos critérios de exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência; e a interpretação inferencial dos resultados.

Conforme os objetivos da pesquisa, foram definidas, portanto, as categorias para obtenção de dados que respondessem às questões da pesquisa, conforme exposto no Quadro 1:

Quadro 1 - Categorização

(continua)

Categoria: Habilidades Sociais	
“Diferentes classes de comportamentos sociais do repertório de um indivíduo, que contribuem para a competência social, favorecendo um relacionamento saudável e produtivo com as demais pessoas.” (DEL PRETTE, DEL PRETTE, 2013, p. 31).	
Subcategorias	Exemplos de verbalizações
Conceituação O que o educador entende por habilidades sociais.	<p>P1: As habilidades sociais são habilidades que as crianças vão, né, é... adquirindo, no decorrer da sua vida.. é, na sociedade [...].</p> <p>P2: Eu entendo assim, a capacidade de interação, de comunicação, de observação com o meio que eles estão... eu acho que habilidade social é tudo isso. É uma maneira como ele se comporta dentro de um contexto [...].</p> <p>P3: Habilidades sociais? O que eu vejo é que cada um, cada pessoa, cada indivíduo tem suas habilidades que ela deve ser respeitada. Eu entendo dessa forma. Todos nós somos um conjunto de habilidades, né? E que essas habilidades tem que ser vistas, tem que ser distinguidas, separadas e respeitadas.</p> <p>P4: Habilidades sociais? Bem, é você conseguir ter uma relação social né? É você conseguir conviver... é você conseguir se fazer entendida. Acho que habilidade social eu acho que é meio convívio. De você estar convivendo socialmente com as pessoas.</p> <p>P5: Acho que a capacidade que a criança também desenvolve de viver com outras crianças e com outros adultos, né, conseguindo conviver e também respeitar, entender os limites, o que ela pode ou não fazer, se entendendo como ser social no espaço, acho que tem essa relação de saber estar no espaço, respeitar aquilo como ser que convive com outras pessoas.</p> <p>P6: As habilidades sociais são aquelas que envolvem a interação com o outro, envolve todo o processo de, é... convivência, né? De respeito ao outro, de compartilhar [...] compreensão das regras de convívio social, compreensão das questões de autoridade, de respeito à autoridade, de se colocar com, é, autonomia, de saber o seu momento, o seu espaço, o seu limite [...].</p>

Quadro 1 - Categorização

(continuação)

Categoria: Habilidades Sociais	
Subcategorias	Exemplos de verbalizações
<p>Principais habilidades sociais construídas durante o brincar</p> <p>Identificação de quais as principais habilidades sociais desenvolvidas durante o brincar.</p>	<p>P1: [...] A empatia. [...] o respeito ao outro, ao espaço do outro, né, ao que o outro está sentindo... A partilha, é super importante, né [...].</p> <p>P2: [...] capacidade de se colocar no lugar do outro, respeito ao espaço do outro. É... entendimento do limite. [...] Compartilhar, a troca. Essas habilidades, assim, como posso dizer, emocionais, até, de construção também. Porque eles, naquele momento ali do brincar, eles estão desenvolvendo até o que eles gostam [...] mostrando a gente quais as preferências deles, então, assim, essa parte, até o respeito, para a gente, esse momento também precisa existir enquanto professor [...].</p> <p>P3: são as habilidades de movimento, de coordenação mesmo, né? Do interagir, né. Do corpo, do meu, do auto se conhecer, do auto toque, eu vejo que isso é fundamental.</p> <p>P4: Eu acho que... respeito. Interação social, mesmo, né, de saber conviver em grupo. Você ter um controle inibitório, aquela questão de você saber esperar sua vez, de respeitar a opinião do outro... eu acho que é basicamente isso.</p> <p>P5: Eu acho que dividir as coisas, né. [...] Aí vem mais os respeitos, as regras, tanto do espaço social, quanto dos objetos [...].</p> <p>P6: O respeito as regras de convívio social, isso eu acho que é imprescindível, o saber aguardar, o seu momento de falar [...] questões relativas à argumentação, as questões relativas à defesa do seu ponto de vista [...] o respeito ao próximo, a solidariedade [...] respeito à autoridade.</p>
Categoria: Conflitos	
<p>Situações de identificação de dificuldades interpessoais compreendidas a partir da inferência dos tipos de déficits nas habilidades sociais, classificados por Del Prette e Del Prette (2013) de acordo com a frequência, proficiência e importância das habilidades, a partir, respectivamente, da identificação da não ocorrência da habilidade, da frequência da ocorrência, e da proficiência, relacionada ao grau de ocorrência, e às expectativas da demanda do ambiente.</p>	
Subcategorias	Exemplos de verbalizações
<p>Principais conflitos verificados durante o brincar</p> <p>Contexto verificado das dificuldades nas interações compreendidos como conflitos durante o brincar.</p>	<p>P1: Durante as brincadeiras, o que a gente observa muito, é que as crianças ainda estão... é... no momento de, de reconhecer que não tem, que ela não é sozinha no espaço. [...] Então acho que os conflitos, geram, geralmente, quando a criança [...] não quer compartilhar com o outro. É... por conta de não, não entender em algumas brincadeiras as regras, né? [...].</p> <p>P2: – A disputa. No brinquedo. Isso é fato. Disputa pelo espaço. É... pela atenção, do amigo. Eles não conseguem ainda, principalmente nessa faixa etária, dividir. Dividir uma coisa para eles, até porque eles estão vindo geralmente de um contexto familiar [...] a regra da brincadeira [...].</p> <p>P3: O egocentrismo né? [...] a disputa também é um crescimento né? Às vezes eles não tem ainda, não falam, mas, o morder, o empurrar, né, a troca de brinquedo, a disputa por uma cadeira, gera conflitos. [...].</p> <p>P4: [...] Não aceitar perder. Ver o outro se sobressair né, quando o outro começa a ganhar mais, alguém tem uma habilidade maior em algo, e se destaca [...].</p> <p>P5: Os conflitos maiores é em relação ao meu desejo, e ao desejo do outro [...] ainda existe esse obstáculo maior que às vezes é o social, desse desejo de se agrupar [...].</p> <p>P6: [...] crianças de escola pública elas tem uma questão de escassez muito grande, de tudo, de privação mesmo, de coisas que são básicas. [...] das questões da infância propriamente ditas, a criança aprende a dividir, é um processo. [...] Imagine esse processo com alguém que, em casa não tem acesso a esse brinquedo [...] o único espaço em que ela aprende essas coisas é na escola. É... e o único espaço onde ela tem acesso ao brincar é na escola [...].</p>
<p>Capacidade de resolução de conflitos pelas próprias crianças</p> <p>Percepção sobre a aptidão das crianças para resolverem conflitos durante as brincadeiras.</p>	<p>P1: [...] Então acaba que em um, um certo momento, o adulto acaba entrando. Mas eu acho que elas tem habilidades, né, de poder conversar, de falar que não gostou, que não é assim. Principalmente nessa faixa etária de 5 anos, 6 anos, eles já tem isso formado, né [...].</p> <p>P2: Sim, muito, muito. Porque eles, eles apesar desses conflitos existirem [...] Eles querem brincar. Eles tem o desejo de brincar. Então hoje no contexto de sala de aula, eu tenho 17 crianças. Eu tenho cinco que eu posso dizer: olha, essas não sabem [...].</p> <p>P3: Sim, sim, sim. Há sempre, ao brincar, a gente tá sempre orientando né para que quando surja realmente algum, alguma, algum sei lá, alguma desavença a gente está sempre intervendo, fazendo com que permita, ficar, e também fazer a troca, né [...].</p> <p>P4: Algumas. Algumas. Mas eu acho necessária a mediação. Principalmente nessa idade, até porque tem muito essa questão também do egocentrismo, do eu do eu do eu, então eu acho que a criança as vezes precisa dessa mediação. Então.. é importante o adulto tá, no entorno, para poder observar, também eu acho necessário deixar eles se resolverem.</p>

Quadro 1 - Categorização

(continuação)

Subcategorias	Exemplos de verbalizações
	<p>P5: Acho que sim. Para essa faixa etária, ela já tem uma maior propriedade [...] já tiveram mediações suficientes para conseguir entender que elas podem conversar, e que podem buscar soluções. [...] Agora sinto que depende muito de cada criança também [...] O que eu percebo na (nome da escola) é que a gente já consegue, gradativamente, inseri-la que o diálogo é importante. [...].</p> <p>P6: É... Apts? Não! Como eu te falei na questão anterior, longe de estarem aptas. É um processo, um processo árduo, diário. Muitas vezes a gente passa mais tempo trabalhando com essas questões [...] Eles não estão aptos, eles precisam trabalhar essas habilidades com muito afinho, diariamente. Diariamente.</p>
<p>Percepção do conflito que precisa de intervenção do adulto</p> <p>Compreensão dos indicadores para intervenção no conflito.</p>	<p>P1: Eu acho que ele precisa de uma intervenção quando tem, quando o conflito passa a ser mais... é... corporal, eu acho. [...] Ou também, quando, eu acho que assim, quando começam a, a... ter palavras, que possam, é... afetar essa, o emocional [...].</p> <p>P2: Geralmente quando eu percebo que a criança está mais exaltada. Que não vão conseguir resolver no diálogo ali [...] começa com o tom de voz mais alta [...].</p> <p>P3: Quando eu vejo que está além do limite. Eu digo além do limite, né, quando tem a mordida, né? Aquela coisa do puxar o cabelo, que isso é muito comum na faixa etária de 2 anos, 3 anos né? [...].</p> <p>P4: Exatamente quando elas não conseguem resolver. Quando se torna algo que vai postergando, vai avançando, as brigas os conflitos elas continuam sendo pelo mesmo ponto [...].</p> <p>P5: Eu acredito que aí é quando a criança já se desestrutura um pouquinho porque eu observo muito o brincar delas nessa faixa etária. [...] pelo adulto estar próximo, observando, naturalmente, a gente consegue entender quando a criança já está indo para um ápice mais do choro, ou da frustração maior [...].</p> <p>P6: Então, é.. quando eles envolvem violência. Verbal ou física. Quando... o desrespeito, a, a regra não é... sinalizado por alguém, mais que está naquele grupo [...].</p>
Categoria: Mediação de Conflitos	
<p>Situações de “Mediação de conflitos” associadas aos fatores compreendidos como indicadores para a intervenção, de acordo com a “funcionalidade do desempenho em termos de sua adequação à ocasião e das consequências obtidas.” (DEL PRETTE, DEL PRETTE, 2018, p. 49).</p>	
<p>Relação da mediação de conflitos com a construção das habilidades sociais</p> <p>Identificação de compreensão da relação da mediação de conflitos com a construção das habilidades sociais.</p>	<p>P1: [...] essa coisa [...] de conversar, de estar de frente com a pessoa, de falar dos seus sentimentos, com todas as palavras, sem mascarar, né [...] a partir desse diálogo, da mediação, [...] a gente constrói [...] laços. Porque a gente fica sabendo coisas do outro, que a gente não sabia. [...] pode fortalecer, né, o vínculo [...] a coisa da empatia mais forte, eu acho [...].</p> <p>P2: Eu hoje acho que é uma das coisas mais importantes [...] que hoje o professor pode fazer, e deixar pra eles como legado. Porque eu vejo uma geração hoje de falta de diálogo, de falta de empatia, de falta de respeito muito grande com o outro. [...] essa habilidade de resolver [...] sem partir para uma agressão, sem partir pra uma gritaria [...].</p> <p>P3: a mediação é como eu te digo, tem que, tem que ter sempre, ela é constante. E, respeitar as habilidades né? Porque dentro das brincadeiras tem suas habilidades. [...]</p> <p>P4: Acho que é justamente a construção de regras. É saber o que você pode, saber o que você não pode [...] Quando você intervém eu acho que você pode falar o que é certo, o que não é certo, o que é legal, o que não é legal. Mas construir esses combinados juntos. [...] faço eles refletirem, isso é legal? Se fizesse com você, você gostaria? [...]</p> <p>P5: [...] Eu acho que quando a gente começa a desenvolver com uma criança que ela não é só, porque existe muito o egocentrismo nessa faixa etária [...] Então são mínimas ações que correspondem ao lugar do outro [...] sinto que quando a gente começa a desenvolver isso, desde muito pequenininho. De uma noção de respeito, mas também de uma noção de ‘ah, esse espaço do parque ele é compartilhado’. [...]</p> <p>P6: [...] a medida que eu vou fazendo menos intervenção e que eles vão conseguindo, no próprio brincar, [...] sem a minha intervenção como figura de autoridade, [...] eles vão conseguindo ouvir uns aos outros, respeitar uns aos outros, cooperar entre si, por um objetivo comum [...].</p>

Quadro 1 - Categorização

(conclusão)

Categoria: Mediação de Conflitos	
<p>Procedimentos e atitudes adotadas durante a mediação de conflitos nas brincadeiras</p> <p>Identificação de como educadores intervêm nas brincadeiras para a mediação de conflitos.</p>	<p>P1: Uma coisa que [...] para mim, sempre foi um, um ponto sempre gera uma angústia assim terrível, porque, eu não gosto de conflitos, né. [...] eu tento, né [...] conversar, né, muito. De escutar os dois lados. [...] E essa coisa da desculpa, para mim também é bem forte. Porque para mim pedir desculpa por pedir num... não resolve. Eu acho que tem que ser uma desculpa, uma desculpa que o outro veja, consiga acessar que o outro mudou.</p> <p>P2: Primeiro que eles usem o diálogo [...] Ai eu tento colocar para eles que a brincadeira é deles, que eles podem usar a imaginação deles. Ou eu vou dando outros recursos, a brincadeira é sua, você pode colocar mil personagens. [...].</p> <p>P3: Ai eu boto para pensar. Sinalizo [...] que não foi correto a atitude dele naquele momento. [...] E ai mostrar que a pró ficou insatisfeita, ate mesmo botar pra pensar né? Tirar ele daquele momento, né[...] A gente acaba conversando, questão de 2 3 minutos vai pensar no que fez, tá feio, tá errado [...].</p> <p>P4: Sempre a conversa. Sempre a conversa. Sempre levo, é, a criança pra refletir. E a gente, como eu falei anteriormente, é, traçar os combinados juntos. [...] E também a questão da reflexão [...] Quando não dá certo, é aquela criança que ela insiste que aquele comportamento [...] geralmente a gente tem atividades direcionadas [...] a gente vai até fazer uma construção de texto, a gente vai fazer uma pesquisa falando sobre como é que você deve, tal, se comportar [...].</p> <p>P5: eu aprendi, ao longo, ne, da minha experiência [...] a noção de espelhamento. [...] Então se a criança tá num conflito, preciso escutar primeiro [...] Às vezes o olhar do adulto ainda está condicionado ‘Quem está certo, quem está errado’ [...] Eu chamo para conversar, [...] E permito, e dou espaço, para que ambas se expressem. [...]</p> <p>P6: [...] eu procuro antes de, iniciar a brincadeira, explicar quais são as regras [...]. Normalmente eu atribuo alguma sanção ligada ao não cumprimento da regra [...] eu acho que também é necessário compreender a ação e reação. [...] em um primeiro momento eu sou mais direta, né? [...] E a medida que eu vou percebendo que eles estão resolvendo os conflitos com autonomia, sem envolver, é... agressão verbal ou física [...] vou deixando que eles resolvam, e vou intervindo cada vez menos, até que a dinâmica proceda [...].</p>
<p>Dificuldade encontrada durante o processo de mediação de conflitos nas brincadeiras</p> <p>Identificação da percepção dos desafios e dificuldades durante o processo de mediação de conflitos nas brincadeiras.</p>	<p>P1: Eu acho que a dificuldade é quando parte para o corporal. Eu entendo que é impulso [...] do ser humano mesmo, a defesa. [...] como é que a família resolve esses conflitos? [...]</p> <p>P2: A criança que bate muito. A criança que ela é muito agressiva, mesmo com o diálogo, mesmo que o colega peça desculpa, ela... vai bater. [...] E bater é sempre um grande problema porque a gente tem uma demanda de famílias que não querem que o filho seja, né, agredido [...].</p> <p>P3: é o entendimento de alguns pais. [...] o que me dá dor de cabeça. [...] E com o pai a gente fica imaginando, meu deus, como é que vai chegar até ele? [...].</p> <p>P4: Quando não tem aceitação mesmo da criança. A questão da birra. É ‘o não, não fui eu’ ‘Não quero’, não. E não fazer. É a insistência pelo erro, digamos assim. [...]. E quando [...] a família vem para a gente como se a criança fosse a vítima, e não vê o lado da escola. [...].</p> <p>P5: É a intervenção de outros adultos. [ri] [...] às vezes a criança precisa de um tempo maior, aí muitas vezes o que eu sinto é que o adulto fica aflito para que as coisas se resolvam logo. [...]</p> <p>P6: A minha maior dificuldade é lidar com esse complicador [...] econômico e social. [...] o fato deles não terem outros espaços em que essas brincadeiras [...] como acontece, né, com crianças da classe média [...] a criança, quando vê a bola, já, sabe, entra num processo assim de ‘Ahhh, a gente vai brincar de bola’ [voz de animação] [...] uma, ansiedade, muito maior [...] porque é uma oportunidade única pra eles. [...] o nível de frustração é tão grande que ele diz ‘Eu não quero mais brincar [...]’.</p>

Fonte: Elaboração própria com dados da pesquisa.

A “classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo gênero (analogia), com os critérios definidos” (BARDIN, 1977, p. 117), constituinte da etapa de categorização, resultou nas 3 unidades apresentadas, habilidades sociais, conflitos e mediação de conflitos, e suas subcategorias correspondentes, constituindo as unidades de sentido para a análise temática, conforme os

objetivos da pesquisa: compreender como os educadores intervêm nas brincadeiras para mediar conflitos e como entendem o processo de construção de Habilidades Sociais na infância.

3.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No presente estudo, seis participantes, com idades variando entre 30 e 50 anos, apresentaram suas compreensões sobre a construção de habilidades sociais durante as brincadeiras no contexto escolar. As participantes atuam em diferentes escolas: duas delas trabalhando com Educação Fundamental e quatro com Educação Infantil. Apenas uma não possui pós-graduação e duas possuem a mesma pós-graduação, em psicopedagogia. O menor tempo de atuação com a faixa etária atual foi de 2 anos, referente à educação infantil e o maior tempo, 22 anos, também na educação infantil. Em relação ao tempo de formação, apresentaram variadas durações, sendo a menor de 6 anos e a maior, 22 anos. Houve participação de cinco professoras de rede de ensino particular, e uma do ensino público (Quadro 2).

Quadro 2 - Perfil dos participantes do estudo

	P1	P2	P3	P4	P5	P6
Sexo	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino
Idade	44 anos	50 anos	32 anos	36 anos	30 anos	46 anos
Tempo de formada	13 anos	22 anos	7 anos	10 anos	6 anos	12 anos
Escolaridade	Superior completo	Superior completo	Superior completo	Superior completo	Superior completo	Superior completo
Pós-graduação	Orientação escolar/ gestão ambiental	Não possui pós-graduação	Psicopedagogia	Psicopedagogia / Gestão escolar	Gestão e coordenação	Educação, Pobreza e Cidadania (UFBA).
Faixa etária que trabalha	5/6 anos	3 anos	5 anos	7/9 anos	3 anos	9/11 anos
Quanto tempo na docência com essa faixa etária	13 anos	22 anos	3 anos	5 anos	2 anos	8 anos
Rede de ensino	Ensino particular	Ensino particular	Ensino particular	Ensino particular	Ensino particular	Ensino Público

Fonte: Elaboração própria.

Com a análise dos dados obtidos nas entrevistas, a partir das categorias estabelecidas, foi possível identificar semelhanças e divergências na compreensão das participantes sobre o processo de construção de habilidades sociais na infância, e nas estratégias utilizadas para a intervenção nos conflitos durante as brincadeiras, no contexto escolar.

3.3.1 Habilidades Sociais

O conceito de habilidades sociais dado por Del Prette e Del Prette (2018, p. 33) revela um sentido descritivo de “identificar os componentes comportamentais, cognitivo-afetivos e fisiológicos que contribuem para um desempenho socialmente competente.” Denominadas como as “habilidades prioritárias no desenvolvimento interpessoal da criança” (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2013, p. 46), a classificação das habilidades sociais se organiza em sete classes, a saber: autocontrole e expressividade emocional; civilidade; empatia; assertividade; fazer amizades; solução de problemas interpessoais; habilidades sociais acadêmicas. Sobre a construção de habilidades durante as brincadeiras, foram citadas, novamente, a “empatia” e “respeito”, manifestando frases como “*construção de relações, com diferentes pessoas, também. É... o respeito ao outro*” (P1); “*capacidade de se colocar no lugar do outro*” (P2); “*respeitar a opinião do outro*” (P4); “*os respeitos, as regras, tanto do espaço social, quanto dos objetos*” (P5); “*respeito as regras de convívio social*” (P6).

Sobre as principais habilidades sociais, para identificação das classes nos relatos, o “respeito” foi a classe mais frequente, citado por quase totalidade das entrevistadas. A palavra “empatia” foi mencionada por duas professoras (P1, P2), e houveram expressões como “*respeito ao outro*” (P1); “*respeito ao espaço do outro*” (P1, P2), “*respeitar a opinião do outro*” (P4), que se relacionam com à classificação na classe de “empatia.” Também foram ressaltados “*os respeitos, as regras, tanto do espaço social, quanto dos objetos*” (P5) e o “*respeito as regras de convívio social*” (P6). Em relação à questão sobre as principais habilidades sociais desenvolvidas durante o brincar, apenas uma professora citou o papel do adulto como também participante do processo na construção das habilidades, ao dizer “*até o respeito, para a gente, esse momento também precisa existir enquanto professor*” (P4). As demais participantes citaram essa participação associada à construção de habilidades quando questionadas sobre as intervenções. Barreto, Freitas e Del Prette (2011) explicaram que estudos demonstraram existência de discrepância entre os avaliadores, sobre o repertório de habilidades sociais das crianças com problemas de comportamento, indicando a possibilidade de subestimação ou superestimação do repertório real por parte dos informantes ou da própria criança. Essas leituras podem sugerir investigações que explorem como os educadores entendem e participam da construção das habilidades sociais na infância, também durante o brincar, pois os dados podem auxiliar compreensões acerca da formação, das práticas, do apoio institucional dos demais participantes do campo escolar, relativas ao repertório de habilidades e como trabalham a construção destas com as crianças.

Considerando os elementos envolvidos nas dinâmicas de diálogo e relação com as crianças, e com a participação da família, Del Prette e Del Prette (1999) ponderaram a abrangência do campo das habilidades sociais e da relação com os rituais sociais da subcultura grupal, ressaltando que a aprendizagem, ao longo do desenvolvimento, perpassa o exercício de novos papéis e a assimilação de normas culturais. Del Prette e Del Prette (2013) discutiram sobre a importância das experiências de aprendizagem para o estilo interpessoal, já que as condições encontradas nos ambientes pela criança irão influenciar a qualidade de suas relações interpessoais subsequentes. Os desempenhos habilidosos e não-habilidosos serão discriminados e fonte de diversas consequências, o que irá repercutir na manutenção ou mudança de padrões comportamentais. As avaliações pré e pós intervenção incluem, portanto, a consideração dos dois microsistemas, família e escola. Isso fundamenta a necessidade de alinhamento entre esses dois contextos, já que:

Levando-se em conta que os padrões de comunicação variam completamente entre culturas e dentro da mesma cultura, dependendo de fatores tais como a idade, o sexo, a classe social e a educação, as habilidades sociais devem ser consideradas dentro de um marco cultural determinado. Além desse fator cultural, o indivíduo traz para a situação social suas atitudes, valores, convicções, capacidades cognitivas e um estilo próprio de interação. O grau da efetividade social de uma pessoa deve ser considerado, ainda, com base na relação entre as consequências de seus desempenhos em uma situação particular e os objetivos e metas por ela idealizados, implicando que o comportamento considerado adaptado em uma situação pode não ser apropriado em outra (SALDAÑA; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2002, p. 278).

A relação das habilidades sociais com a categoria de “competência social”, definida como capacidade que favorece o relacionamento saudável e produtivo com as demais pessoas, inclui o contexto físico, o evento antecedente e consequente de comportamentos sociais e as regras explícitas e implícitas, designados “fatores da situação”, assim como os “fatores pessoais”, relacionados aos objetivos, sentimentos, avaliação sobre próprio repertório comportamental e a relação com o outro, e as demandas da situação. Esses são elementos atuantes no contexto escolar, que influenciam a dinâmica de decisão pelo enfrentamento ou fuga/esquiva da situação interpessoal (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2013).

A escola, inserida em uma dinâmica cultural, portanto, dialoga com a diversidade de atores que participam de um contexto social mais amplo, estruturado pela lógica neoliberal que, conforme pontuam Pacievitch, Girelli, Eyng (2009), tem o consumismo, a competitividade como fatores que influenciam as relações de professores, estudantes e demais funcionários. Nesse sentido, cabe reafirmar a importância da função social da escola enquanto promotora da formação para a cidadania, incluindo, além de conhecimentos e habilidades acadêmicas, o

desenvolvimento de valores, atitudes e habilidades de convivência humana (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2013).

3.3.2 Conflitos

A categoria “Conflitos” abarcou subcategorias para compreensão desta análise, a saber: principais conflitos verificados durante o brincar; percepção da capacidade de resolução de conflitos pelas próprias crianças; percepção do conflito que requer intervenção do adulto.

Com base nessas referências, a pesquisa investigou a compreensão das participantes acerca da categoria “conflito”, explorando nas questões as dificuldades interpessoais que embasam a inferência de três tipos de déficits nas habilidades sociais, classificados por Del Prette e Del Prette (2013) de acordo com a frequência, proficiência e importância das habilidades, a partir, respectivamente, da identificação da não ocorrência da habilidade, da frequência da ocorrência, e da proficiência, relacionada ao grau de ocorrência, e às expectativas da demanda do ambiente.

É importante ressaltar que o prejuízo social dos déficits das habilidades sociais, apontado por estudos, configura-os como fator de risco para comportamentos antissociais e agressivos (PAVARINO; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005), e que a emergência da agressividade compreende o contexto das situações de conflito, conforme argumentou Yattes (2014), com base em Hay (2005), explicando que o conflito envolve expressões emocionais de raiva e sua supressão, a resistência às ações dos outros, afastando o olhar ou evitando a interação, protestos vocais ou verbais, uso da força contra outras pessoas, reações de defesa e insultos verbais. As contribuições das participantes acerca da categoria “conflitos” considerou abarcar, em certo nível, dada as limitações do estudo já citadas, as condições e necessidades escolares que envolvem, também, os conhecimentos das concepções, disposição e competência dos educadores acerca das “habilidades sociais” (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2013). É importante assinalar que os “déficits de repertório” podem também se associar à dificuldade (ansiedade) em emitir esse desempenho (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2013). Os relatos auxiliaram a elucidar alguns aspectos da atuação dos profissionais da educação infantil e fundamental especificamente na resolução de conflitos interpessoais durante as brincadeiras.

Sobre os principais conflitos identificados nos relatos, foram citadas, por duas participantes, situações relacionadas ao que Del Prette e Del Prette (2013) categorizaram como tipos de déficits associado ao fator “falta de conhecimento”, quando a criança tem falha em emitir a habilidade por pouca familiaridade ou desconhecimento das normas e padrões

socialmente aceitáveis, trazendo expressões como: “regras e não entendimento” (P1), “espaço em que aprende essas coisas é na escola” e “entender como funciona uma regra” (P6). Uma das professoras, atuante na rede pública, explicou que muitos estudantes da escola vivenciam situações de violência doméstica, associando a dificuldade das crianças na emissão de habilidades, questão classificada pelos autores como “restrição de oportunidades e modelos” (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2013, p. 54) o que inclui situações de carência de modelos adequados de habilidades sociais no contexto familiar.

Desse modo, nas situações de conflitos, foram identificadas classes de habilidades sociais, conforme a classificação referenciada, de “autocontrole e expressividade emocional” e “civildade”, com expressões como: “não entender em algumas brincadeiras as regras, né?” (P1); “Não aceitar perder [...] nem todas as crianças aceitam as regras bem” (P4); “assertividade”: “a possibilidade da negociação [...] decidir, conversar, mediar” (P5); “empatia” e “solução de problemas interpessoais”: “conflitos maiores é em relação ao meu desejo, e ao desejo do outro” (P5); “Tentam burlar de alguma forma para se beneficiar” (P4); “Fazer amizades”: “Já começa a querer constituir um vínculo de amizade” (P5).

Examinando a questão sobre a aptidão das crianças para resolverem conflitos, apenas uma participante indicou negativamente, colocando ênfase com a frase “longe de estarem aptas [...] precisam trabalhar essas habilidades com muito afinho, diariamente” (P4). As demais reconheceram a capacidade das crianças para resolverem conflitos, algumas citando a mediação nesse processo. As professoras de educação infantil afirmaram, logo no início, a palavra “sim”, variando expressões como: “Eu acho que sim. Embora os adultos, é, tendem a, a, apoiar mesmo né?” (P1); “Sim, muito, muito. [...] Eles querem brincar. Eles têm o desejo de brincar [...] a grande maioria já consegue resolver através do diálogo” (P2); “Sim, sim, sim. Há sempre, ao brincar, a gente tá sempre orientando né” (P3). “Acho que sim. Para essa faixa etária, ela já tem uma maior propriedade, e o que eu digo, já tiveram mediações suficientes [...] Já tem uma linguagem mais desenvolvida [...]” (P5). Uma professora da educação fundamental reconheceu a aptidão em algumas crianças, afirmando: “Algumas. Algumas. Mas eu acho necessária a mediação. [...] O adulto tá, no entorno, para poder observar, também eu acho necessário deixar eles se resolverem” (P4). Sobre as falas sobre a aptidão das crianças para resolverem conflitos, a “mediação” foi citada relacionada às ideias de orientação e intervenção, sugerindo participação ativa do educador.

Sobre a subcategoria da identificação de necessidade de intervenção nos conflitos, no geral, as educadoras mencionaram expressões relacionadas às situações de dificuldades nas interações como, por exemplo, “invadir o corpo do outro” (P1); “tom de voz mais alto” (P2);

“além do limite [...] a mordida, né? Aquela coisa do puxar o cabelo” (P3); *“quando elas não conseguem resolver. Quando se torna algo que vai postergando, vai avançando”* (P4); *“ápice mais do choro ou da frustração maior”* (P5); *“quando eles envolvem violência. Verbal ou física. Quando... o desrespeito, a, a regra”* (P6).

Embora não se tenha a pretensão de aprofundar a discussão sobre o conceito de comportamento agressivo, dada sua complexidade, é importante notar que os temas emergentes na identificação da necessidade de intervenção nas interações das crianças foram situações relacionadas à categoria de “problemas externalizantes”, associados às expressões de agressividade física e/ou verbal (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2013). Sobre este tema, Yattes (2014) ressaltou a importância de considerar a interação entre fatores biológicos e socioambientais, já que os comportamentos agressivos têm um valor adaptativo no desenvolvimento, atuando com mecanismos cerebrais relacionados à raiva e controle, que se diversifica na medida que variáveis contextuais acrescentam na experiência elementos que contribuem para o surgimento e manutenção desta classe comportamental.

Lira (2013), em estudo sobre os conflitos na relação professor-aluno, ressaltou, com base na literatura sobre o assunto, a importância da comunicação e aproximação do docente em conhecer os alunos como indivíduos e a realidade que os cerca, a fim de não encará-los sob a ótica dos estereótipos, o que reafirma a importância da formação continuada e métodos que possam ser trabalhados pela instituição escolar. As variáveis cognitivas e afetivas do professor e do aluno afetam a relação e incluem crenças, motivações, sentimentos e habilidades (DEL PRETTE; FERNANDES PAIVA; DEL PRETTE, 2005).

Del Prette e Del Prette (2013) sinalizaram que o não-verbal está presente e tem um grande peso na comunicação. No contexto do desenvolvimento infantil, este aspecto dialoga com a referência a teoria da “Aprendizagem Social”, de Bandura, explorada por Saldaña, Del Prette, Del Prette (2002, p. 275), ressaltando que:

o conteúdo das atividades de uma pessoa em seu ambiente social depende da força de um padrão peculiar de comportamento social, em resposta a estímulos emocionais, e da avaliação do indivíduo sobre o próprio comportamento ou de uma aprendizagem eficiente.

Nesse sentido, é fundamental considerar os fatores envolvidos nas interações que perpassam a convivência dos demais atores na escola. Del Prette e Del Prette (1999) explicitaram que os componentes cognitivos das habilidades sociais são: conhecimentos prévios sobre a cultura, o ambiente, papéis sociais e sobre si próprio; expectativas e crenças, e

estratégias e habilidades de processamento. Os conflitos, enquanto fenômeno inerente das interações, vão abranger, portanto, aspectos culturais, sociais e individuais.

3.3.3 Mediação de Conflitos

A categoria “Mediação” associada aos fatores compreendidos como indicadores para a intervenção, de acordo com a “funcionalidade do desempenho em termos de sua adequação à ocasião e das consequências obtidas” (DEL PRETTE, DEL PRETTE, 2018, p. 49), abrangeu três subcategorias: relação da mediação de conflitos com construção de habilidades sociais; procedimentos e atitudes adotados durante a mediação de conflitos nas brincadeiras infantis; e dificuldades encontrada durante processo de mediação de conflitos nas brincadeiras infantis.

Uma interessante intervenção foi mencionada pela professora do ensino público, ao citar a brincadeira como também propiciadora de propostas que contribuem para o desenvolvimento de habilidades sociais não somente no momento que surgem os conflitos. Ela compartilhou uma experiência de brincadeira que foi adaptada com objetivo de estimular a cooperação entre os estudantes, e explicou *“Ao invés deles competirem entre si pra ver quem ia ganhar, eles precisavam é... estar com, colaborando os dois times para que aquelas balas caíssem e fossem divididas por todo o grupo”* (P6). Nesse caso, portanto, foi demonstrado a inclusão de práticas que visaram contribuir para o reforço de atitudes colaborativas e pró-sociais no contexto escolar, alinhadas com a perspectiva da aprendizagem social.

Sobre subcategoria da relação da mediação de conflitos com a construção de habilidades sociais, todas, exceto uma participante (P3), confirmaram a associação destas categorias, citando, principalmente, classes como “empatia” (P1, P2, P4, P5, P6), com expressões nas falas como: *“você deve tratar o outro, e como você quer ser tratado”* (P4); *“noção de respeito”* (P5); *“ouvir uns aos outros, respeitar uns aos outros, cooperar entre si”* (P6). Também foram citadas situações da mediação como momento de *“falar dos seus sentimentos, com todas as palavras”* (P1); *“habilidade de resolver, de desenvolver, o conflito sem partir para uma agressão”, “a gente está ensinando ali regras, de conduta social, de valores para eles”* (P2); a *“construção de regras”* (P4); *“regras e rotinas”* (P5).

Del Prette e Del Prette (2013) consideraram como constituintes das habilidades sociais educativas, e que possibilitam condições interativas de ensino, por exemplo, “gratificar diferencialmente os comportamentos sociais dos alunos, pedir mudança de comportamento, fazer perguntas, mediar a participação, entre outros”, aspectos encontrados em alguns relatos das educadoras. Considerando o brincar como contexto de aprendizado para crianças, foram

identificadas nas falas de 04 educadoras a “escuta” e “mediação” para favorecer o diálogo como estratégia de busca de entendimento entre as crianças, visando contribuir para a “empatia”, como demonstram as frases: *“trazer a criança a refletir [...] cada um coloca o seu ponto de vista [...] Como podem se apoiar. [...]”* (P1); *“pedir que eles se coloquem no lugar do colega”* (P2); *“Como é que você gostaria de ser tratado? Então, de que forma você deve tratar o seu colega?”* (P4); *“[...] permito, dou espaço para que ambas se expressem [...]”* (P5).

Sobre a subcategoria dos procedimentos/attitudes tomadas durante a mediação/resolução de conflitos nas brincadeiras infantis, apenas uma participante detalhou a prática, demonstrando um domínio mais estruturado para as situações de conflito (P5). Foram citadas estratégias como utilizar “sempre a conversa”, “traçar combinados” e, em situações de “comportamento insistente e recorrente”, foi mencionado acréscimo de consequências, como tirar algo, exemplificando a situação de excluir a possibilidade da criança de ir ao parque, ou encaminhar para alguma atividade direcionada, sobre “como ser”, associando à palavra “comportar.” Além disso, o diálogo foi a ferramenta mais citada, com exemplificações de estímulos para que a criança *“fale o que quer”, “peça desculpa”, “explique o que você não gostou.”* Uma professora associou a mediação com o resultado de *“adultos mais fortes [...] que digam [...] não gosto disso, eu não quero isso; que não permita que o outro faça o que você não goste com você”* (P2), indicando, fundamentalmente, a construção da assertividade.

Explorando o conteúdo da subcategoria sobre os procedimentos de intervenção, uma professora afirmou *“eu não gosto de conflitos”* (P1), explicando que se mobiliza quando vê uma criança machucando outra, o que traz à tona o entendimento do adulto pode influenciar no apoio ao desenvolvimento de estratégias para enfrentar dificuldades, já que no relato a mesma educadora trouxe dificuldades na mediação. Outra educadora, ao citar aspectos da faixa etária, explicitou a importância da oralidade como ferramenta que auxilia no manejo dos conflitos que surgem durante as interações, explicando que se coloca no lugar de mediadora, posicionando-se para trazer com tranquilidade o que a outra criança disse, e afirmou *“para que ela ouça de mim, sem essa carga emocional, sem essa relação de culpa”* (P5). Ela ressaltou que contribui para o conflito como *“algo constitutivo, como algo positivo, capaz de escutar e capaz de expressar as necessidades e as emoções vividas no momento”* (P5).

Na categoria Mediação, destacou-se as discrepâncias nas atuações, e a importância dos profissionais da educação compreenderem as medidas preventivas e protetivas, considerando a fase de desenvolvimento e contexto para adequada intervenção em relação às dificuldades interpessoais, para planejar estratégias pedagógicas e terapêuticas efetivas (BARRETO; FREITAS; DEL PRETTE, 2011). As soluções para enfrentar situações problemáticas vão se

sofisticando com o crescimento cognitivo, a exposição de modelos sociais variados e a abrangência da experiência emocional-social (SAARNI, 1999), o que, mais uma vez, reforça a relevância da formação continuada dos profissionais para uma efetiva contribuição para o desenvolvimento das habilidades sociais no âmbito escolar, sem desconsiderar os desafios da implicância da família nesse processo. Além dos questionamentos e angústias relacionados à participação das famílias, com frases como: *“a gente não tem o apoio da família, quando a família não está alinhada com o discurso da escola [...] Ai a gente faz um trabalho, e a família desconstrói esse trabalho”* (P4), as educadoras mencionaram dificuldades na mediação em si. Uma educadora trouxe dificuldade em relação ao aspecto corporal envolvido (P1), *“como é que a família resolve esses conflitos? [e conclui] a minha dificuldade seria administrar isso comigo mesma, sabe? [...] e entender que isso é um processo, que a criança tá aprendendo.”* Foram citadas a construção de combinados e reflexão como estratégias, com explicações como, por exemplo, que esta alternativa não dá certo quando a criança insiste no comportamento, mencionando, também, a “questão da birra”, descrita por frases como “o não, não fui eu” “não quero, não” e “a insistência pelo erro.”

Uma professora (P3) indicou a ação de colocar as crianças “para pensar”, com afirmações como: *“não foi correto a atitude”* e *“a pró ficou insatisfeita”*, relatando que costuma orientar 2, 3 minutos para a criança *“ir pensar no que fez”*, afirmando *“tá feio, tá errado”*, *“se chorar vai ser pior.”* Apesar de não ter sido possível obter mais dados acerca desta postura para compreensão mais apurada da fala, outras questões no relato sugerem nível de inconsistência em relação ao comportamento esperado para essa faixa etária. Destacou-se o tempo de atuação da educadora, 22 anos com a faixa etária de 3 anos, o que trouxe questionamentos sobre a relação entre a experiência, a formação e as capacitações em cuidados com essa etapa do desenvolvimento, ao afirmar que coloca as crianças “para pensar.” Na primeira infância, os processos cognitivos e linguísticos são pouco desenvolvidos, e o recurso dos processos sensório-motor é a via mais acessada para o controle da emoção, até que, com a conquista da linguagem, a criança vai desenvolvendo formas de autocontrole e autoexpressão (GREENBERG; SNELL, 1999), conforme ressaltou a professora 5, o que auxilia a contextualização do adulto para a pertinência de cada interação.

Também foi citada a necessidade de explicar as regras antes de iniciar a brincadeira (P6), indicando o conflito relacionado ao fator já mencionado da “falta de conhecimento”, atrelado à falha em emitir habilidades esperadas. A atribuição de sanção ao não cumprimento da regra foi citada, sem exemplificar, e indicado que, na repetição do ato agressivo, a família é chamada para conversa. Nesse relato, a professora afirmou que:

Normalmente o que a gente escuta é ‘Mas meu filho vai ficar apanhado?’ ou então, é... é uma família que a gente percebe que tem um histórico de violência doméstica e a criança reproduz isso em sala. Mas a gente precisa também, né, ter contato com essa família, conversar, e buscar algumas, mudanças de comportamento (P6).

Nesse contexto, sobre a dificuldade enfrentada nessas situações, a professora reiterou o contexto econômico e social das crianças da escola pública, citando a violência doméstica como complicador. A situação da “oportunidade única de brincar” (P6) foi associada ao nível baixo de tolerância à frustração dessas crianças, afirmando que “fica mais, potencializado pela escassez” (P6).

Em um estudo em cinco escolas públicas no estado de São Paulo, com participação de 294 crianças, com idade entre 7 e 9 anos, no qual foram utilizados o “Critério de Classificação Econômica Brasil” e o “Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais”, a classificação socioeconômica foi associada positivamente às habilidades sociais e negativamente a comportamentos problemáticos em todas as comparações (PIZATO; MARTURANO; FONTAINE, 2014). Dados como esses podem sugerir o impacto das condições socioeconômicas nas experiências que apresentam exposição ao estresse, sem desconsiderar, conforme discutiram Pesce, Assis e Oliveira (2017), a atuação do ambiente familiar, do funcionamento neurocomportamental, de outros fatores e aspectos que podem ser adversos nos processos de interação.

O conceito do egocentrismo não foi explorado nesse estudo, mas foi identificado nas falas de três professoras, duas atuantes na Educação Infantil e uma, na Educação Fundamental. Sobre o contexto no qual foram citados, um foi associado à situação de disputa (P3), e outro na questão sobre a aptidão das crianças para resolução de conflitos, com a frase “Principalmente nessa idade, até porque tem muito essa questão também do egocentrismo, do eu do eu do eu, então eu acho que a criança as vezes precisa dessa mediação” (P4). Uma educadora explicou “porque existe muito o egocentrismo nessa faixa etária [...] e que nem todos os desejos vão ser de alguma forma é, como é que eu posso dizer, contemplados numa escola [...]” (P5). Em um estudo desenvolvido com quinze educadoras, com formações iniciais em Pedagogia e/ou Magistério, atuantes na Educação Infantil e nos dois anos iniciais do Ensino Fundamental, com base na “teoria das representações sociais”, Sasso e Morais (2013, p. 45-46) identificaram, em linhas gerais, analisando as falas das participantes, que há uma representação de egocentrismo com distorção do conceito, salientando que:

o entendimento dessa incapacidade pode ser decisivo na intervenção do professor, que pode entendê-lo de forma superficial e exigir, pela autoridade, que a criança o obedeça, seja dividindo o objeto em questão ou pedindo desculpas etc., ou pode agir no sentido de favorecer a descentração, possibilitando que a criança se coloque no ponto de vista do outro envolvido.

Uma das falas que dialoga com esse estudo, quando uma entrevistada ressaltou, ao responder sobre as principais habilidades sociais desenvolvidas durante o brincar, que “o brinquedo que ela traz não é, ... tipo, é dela, mas que se ela traz pro ambiente, coletivo, né? A gente entende que, ela vá compartilhar. Então acho que os conflitos, geram [...] quando ela [...] não quer compartilhar com o outro” (P1). A expectativa do compartilhamento em um sentido “obrigatório” no contexto da educação infantil não indica uma abordagem mais cuidadosa acerca da competência ainda em desenvolvimento da criança, para uma intervenção que também considere a noção da construção da classe da assertividade na defesa dos próprios direitos (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2013). Uma professora, respondendo sobre a mediação de conflitos e construção das habilidades sociais, contrapôs trazendo o mesmo exemplo, afirmando que

[...] às vezes, força-se a barra para a criança emprestar as coisas, ou ela chega no espaço e acha que tem que obriga-la a ser social. Né? como: ‘Não, mas aqui a gente divide tudo. Não necessariamente’. Ela também vai precisar dizer ‘isso aqui é meu, me pertence. E eu vou dividir no momento que eu achar que consigo. Esse é um respeito importante’. (P1)

As professoras da educação infantil (P3, P4) tiveram uma compreensão do conceito pontuando o respeito à fase, sem detalhar muito, uma trazendo “a participação do adulto no processo mediando” (P4), e outra que afirmou “isso faz parte do crescimento, né. E, é natural nessa faixa etária, é tão comum, né? Então as nossas intervenções vão se cessando esses tais acontecimentos” (P3).

No geral, não foram citados métodos ou procedimentos que indicassem orientações ou presença de treinamento para as intervenções, o que corrobora que a relação da mediação com as habilidades sociais, de modo geral, acontece de forma assistemática no contexto escolar (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2003). Apenas duas professoras associaram a postura adotada nessas situações de mediação à escola, uma sugerindo certa posição institucional, apenas mencionando de maneira vaga, e outra demonstrando domínio na abordagem. A educadora que respondeu de forma mais específica, afirmou utilizar o “espelhamento” nas intervenções, noção que explicou ter aprendido ao longo da sua experiência profissional na instituição.

3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentou questões instigadoras acerca da construção de habilidades sociais no contexto escolar. Foi identificada heterogeneidade de práticas e visões sobre as intervenções, e as educadoras citaram, no geral, experiências relatadas de conflitos com base em experiências cotidianas da dinâmica escolar, sem mencionar cursos ou capacitações para a categoria docente e outros funcionários escolares. As dificuldades na mediação de conflitos apresentaram associação com o papel desempenhado nas famílias, sugerindo dificuldades relacionadas à efetividade da comunicação e seus efeitos na integração família-escola.

Com a análise, observou-se a importância do tema da construção de habilidades sociais na infância que, por encontrar-se em crescente produção de estudos e revelar diversas particularidades e recortes, indica-se a continuidade com realização de novas pesquisas que explorem com mais profundidade as categorias relacionadas às relações interpessoais realizadas dentro do contexto escolar, assim como investiguem a atenção e os cuidados que permeiam essas intervenções.

Deve-se ressaltar que o interesse demonstrado pelo assunto contrastou com as dificuldades reiteradas das educadoras na mediação de conflitos. Os dados convergiram para reafirmar a importância de formações e práticas que foquem o desenvolvimento do repertório de habilidades sociais, de modo que as repercussões das interações no contexto escolar possam contribuir para a promoção da saúde nas infâncias, para a prevenção de quadros de sofrimentos e para a promoção da qualidade das relações. Como os impactos da pandemia da COVID-19 interferiram na realização de mais entrevistas, limitando a amostra, a contribuição do estudo indica possíveis questões de relevância para investigações de intervenções dos adultos no contexto das situações conflituosas com as crianças no contexto escolar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA MAIA, F. Relações Interpessoais em alunos na transição para o 6º ano do Ensino Fundamental. **Revista Perspectivas en Psicología**, [Bogotá], v. 16, n. 1, p. 1-13, 2019.

Disponível em:

<http://rpsico.mdp.edu.ar/bitstream/handle/123456789/1106/01.pdf?sequence=1&isAllowed=>

Acesso em: 8 jun. 2019.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARRETO, S. O.; FREITAS, L. C.; DEL PRETTE, Z. A. P. Habilidades sociais na comorbidade entre dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento: uma avaliação multimodal. **Psico**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 503-510, 2011. Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/7593>. Acesso em: 8 jun. 2019.

BOLSONI-SILVA, A. T.; LOUREIRO, S. R. O Impacto das Habilidades Sociais para a Depressão em Estudantes Universitários. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, DF, v. 32, n. 4, p.1-8, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ptp/v32n4/1806-3446-ptp-32-04-e324212.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2019.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 128, n.135 p.13563-13577, 16 jul. 1990. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=1&data=16/07/1990&totalArquivos=80>. Acesso em: 17 nov. 2019.

CABALLO, V. E. **Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais**. São Paulo: Santos, 2003.

CORDAZZO, S.T. D.; WESTPHAL, J. P.; TAGLIARI, F. B; VIEIRA, M. L. Brincadeira em Escola de Ensino Fundamental: Um estudo observacional. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 14, n. 1, p. 43-52, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/14299/12791>. Acesso em: 11 jan. 2020.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática**. Petrópolis: Vozes, 2013.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das Habilidades Sociais: terapia e educação**. Petrópolis: Vozes, 1999.

DEL PRETTE, Z. A. P.; FERNANDES PAIVA, M. L. M.; DEL PRETTE, A. Contribuições do referencial das habilidades sociais para uma abordagem sistêmica na compreensão do processo de ensino-aprendizagem. **Interações: revista do Programa de Pós-Graduação em Psicologia**, São Paulo, v.10, n. 20, p. 57-72, 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072005000200005&lng=pt&tlng=pt . Acesso em: 8 mar. 2021.

FERREIRA, M. C. T.; MARTURANO, E. M. Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v.15, n.1, p. 35-44, 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722002000100005&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 5 mar. 2019.

GONÇALVES, E. S.; MURTA, S. G. Avaliação dos efeitos de uma modalidade de treinamento de habilidades sociais para crianças. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 430-436, 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722008000300011&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 15 mar. 2019.

GREENBERG, M.T.; SNELL, J. Desenvolvimento do cérebro e desenvolvimento emocional: o papel do ensino na organização do lobo frontal. *In*: SOLOVEY, P.; SLUYTER, D. J. (org.).

Inteligência emocional da criança: aplicação na educação no dia-a-dia. Rio de Janeiro: Campus, 1999. p.123-153.

LIRA, A. Conflitos professor-aluno: desafio à formação docente. *In:* CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO: EDUCERE, 11.; SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADES E EDUCAÇÃO - SIRSSE, 2.; SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PROFSSIONALIZAÇÃO DOCENTE - SIPD, 4., 2013, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Pontificia Universidade Católica do Paraná, 2013. p. 9159-9179.

MIRANDA, M. G. O. Processo de socialização na escola: a evolução da condição social da criança. *In:* LANE, S.T.M.; WANDERLEY, C. (org.). **Psicologia Social: O homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 125-135.

PACIEVITCH, T.; GIRELLI, E.; EYNG, A. M. Violências nas escolas: mediação de conflitos e o clima escolar. *In:* CONGRESSO DE EDUCAÇÃO - EDUCARE, 9.; ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 3., 2009, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: PUCPR, 2009. p. 7066-7079.

PAPALIA, D.E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PAVARINO, M. G.; DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z.A. P. Agressividade e empatia na infância: um estudo correlacional com pré-escolares. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 9, n. 2, p. 215-225, 2005.

PESCE, R. P.; ASSIS, S, G.; OLIEIRA, R. V. C. Problemas de comportamento externalizantes em crianças: um olhar sobre violência familiar e temperamento. *In:* BORSA, J. C; BANDEIRA, D.R. (org.). **Comportamento agressivo na infância: da teoria à prática**. São Paulo Person Clinical Brasil, 2017. p. 265-283.

PIZATO, E. C. G.; MARTURANO, E. M.; FONTAINE, A. M. G. V. Trajetórias de habilidades sociais e problemas de comportamento no ensino fundamental: influência da educação infantil. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 189-197, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722014000100021. Acesso em: 21 fev. 2019.

PRETTE, Z. A. P. D.; BARRETO, S. O.; FREITAS, L. C. Habilidades sociais na comorbidade entre dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento: uma avaliação multimodal. **Psico**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 4, p. 503-510, 2012.

QUEIROZ, N. L. N.; MACIEL, D. A.; BRANCO, A. U. Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. **Revista Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 34, p. 169-179, 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863X2006000200005&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 8 fev. 2019.

REIS, V. T.C.; PRATA, M.A. R.; SOARES, A. B. Habilidades sociais e afetividade no contexto escolar: Perspectivas envolvendo professores e ensino-aprendizagem. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 30, n. 69, p. 347-357, 2012. Disponível em:

<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/23290/22363>. Acesso em: 8 fev. 2019.

SAARNI, C. Competência emocional e autocontrole na infância. *In*: SOLOVEY, P.; SLUYTER, D. J. (org.). **Inteligência emocional da criança**: aplicação na educação no dia-a-dia. Rio de Janeiro: Campus, 1999. p. 54-95.

SALDAÑA, M. R. R.; DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. A importância da teoria da aprendizagem social na constituição da área do treinamento de habilidades sociais. *In*: GUILHARDI, H. J.; MADI, M. B. B.; QUEIROZ, P. P.; SCOZ, M. C. (org.). **Sobre comportamento e cognição**: contribuições para a construção da teoria do comportamento. Santo André: ESETec, 2002. p. 269-283.

SASSO, B.; MORAIS, A. O Egocentrismo Infantil na Perspectiva de Piaget e Representações de Professoras. **Schème - Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas**, Marília, v. 5, n. 2, p. 24-51, 2013. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/scheme/article/view/3571>. Acesso em: 2 fev. 2019.

SANTANA, R. C. 5 A Tecnologia Educacional e a Educação à Distância no século XXI. **Revista Scientia**, Salvador, v. 5, n. 3, p. 77-101, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/scientia/issue/view/REVISTA%20SCIENTIA%20N.14>. Acesso em: 2 fev. 2019.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2010.

VITORINO, F.C. A. Habilidades sociais na infância como integração entre família e escola. **Psicologia Acessível**, [s. l.], 2 mar. 2017. Disponível em: <https://psicologiaacessivel.net/2017/03/02/habilidades-sociais-na-infancia-como-integracao-entre-familia-e-escola/>. Acesso em: 1 dez. 2019.

WAJSKOP, G. O brincar na educação infantil. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, n. 92, p. 62-69, 1995. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/859>. Acesso em: 3 mar. 2019.

YATTES, D. B. Comportamentos agressivos e desenvolvimento neuropsicológico. *In*: BORSA, J. C.; BANDEIRA, D. R. (org.). **Comportamento agressivo na infância**: da teoria à prática. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014. p. 150-164.

MINI CURRÍCULO E CONTRIBUIÇÕES AUTORES

TÍTULO DO ARTIGO	A CONSTRUÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS DURANTE O BRINCAR NO CONTEXTO ESCOLAR
RECEBIDO	04/05/21
AVALIADO	19/08/21
ACEITO	24/08/21

AUTOR 1	
PRONOME DE TRATAMENTO	Sra.
NOME COMPLETO	Juliana Oliveira Coura
INSTITUIÇÃO/AFILIAÇÃO	
CIDADE	Brumado
ESTADO	Bahia
PAÍS	Brasil
RESUMO DA BIOGRAFIA	Graduada em Ciência Sociais (Licenciatura) pela Universidade Federal da Bahia.
CONTRIBUIÇÃO DO AUTOR NO ARTIGO	Autora

Endereço de Correspondência dos autores	Autor 1: jcoura27@gmail.com
---	--

4 NÍVEL DE CONHECIMENTO DE ACADÊMICOS DE SAÚDE SOBRE CUIDADOS PALIATIVOS NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DE SALVADOR - BAHIA

Luan Pereira Barros

Graduando da UNICEUSA.

E-mail: pereirabarrosluan@gmail.com

Lay Beribá

Graduação em Fisioterapia pela Universidade Católica do Salvador, pós-graduação em Ortopedia e Traumatologia, especialização em RPG pelo Instituto Phillippe Souhard.

E-mail: laymartinez@gmail.com

RESUMO

Introdução: O aumento do envelhecimento populacional e a maior prevalência de doenças crônicas, evidencia a necessidade dos cuidados paliativos e de profissionais especializados atuando nessa demanda de pacientes. **Objetivo:** Investigar qual o nível de conhecimento dos acadêmicos de cursos de saúde em instituições de ensino superior sobre cuidados paliativos. **Metodologia:** Trata-se de um estudo do tipo transversal observacional com acadêmicos de saúde de instituições de ensino superior no município de Salvador-Bahia, realizado por um questionário, distribuído no formato digital aos participantes. **Resultados:** A maior parte afirmou ter conhecimento sobre cuidados paliativos, evidenciaram também o sentimento de impotência frente a uma paciente fora da possibilidade de cura e que se sentiam preparados para lidar com questões relacionadas a espiritualidade e o paciente. **Conclusão:** Infere-se que os acadêmicos já tiveram contato com o termo cuidados paliativos. Apesar disso, quando perguntados subjetivamente sobre o conceito, grande parte demonstrou baixo nível de entendimento, segundo o significado preconizado pela OMS.

Palavras-chave: Cuidados paliativos. Conhecimento. Estudantes. Espiritualidade.

ABSTRACT

Introduction: The increase in population aging and the higher prevalence of chronic diseases, highlights the need for palliative care and specialized professionals working on these patients' demands. **Introduction:** The increase in population aging and the higher prevalence of chronic diseases, highlights the need for palliative care and specialized professionals working on these patients' demands. **Objective:** To investigate the level of knowledge of students of health courses in higher education institutions on palliative care. **Methodology:** This is a cross-sectional observational study with health academics from higher education institutions in the city of Salvador-Bahia, carried out by a questionnaire, distributed in digital format to the participants. **Results:** Most of them said they had knowledge about palliative care, they also evidenced the feeling of helplessness towards a patient out of the possibility of cure and that they felt prepared to deal with issues related to spirituality and the patient. **Conclusion:** It is inferred that academics have already had contact with the term palliative care. Despite this, when asked subjectively about the concept, most of them showed a low level of understanding, according to the meaning recommended by the WHO.

Keywords: Palliative care. Knowledge. Students. Spirituality.

4.1 INTRODUÇÃO

A organização mundial da saúde (OMS) em 2002 define cuidados paliativos (CP) como “assistência promovida por uma equipe multidisciplinar, que objetiva a melhoria da qualidade de vida do paciente e seus familiares, diante de uma doença que ameace a vida, por meio da prevenção alívio do sofrimento, da identificação precoce e avaliação impecável e tratamento de dor e demais sintomas físicos, sociais, psicológicos e espirituais”.

Segundo Calvacanti *et al* (2018) os cuidados paliativos necessitam de uma formação específica, diante da complexidade e composições das atribuições de um profissional de saúde, que trabalha nesse setor. As responsabilidades não são apenas técnicas ou com protocolos metodológicos, mas em relação constante entre paciente, família e equipe.

Os profissionais de saúde, atualmente, ainda não estão aptos para falar sobre terminalidade, por um lado por conta do tabu em volta do assunto e por outro lado, pela sensação de impotência, que isso pode gerar na equipe. Isso acontece, normalmente, pela não abordagem do tema durante as atividades acadêmicas, e quando abordado, por vezes de maneira superficial, causa um estranhamento, quando o principal e crucial a se fazer é ajudar o paciente a entender e dar significado a vida e ao fim da vida (FERREIRA, NASCIMENTO E SÁ, 2018).

Novas medidas de cuidado, são de suma importância para o contexto social, visto que o envelhecimento populacional é algo presente e resultante em parte das novas tecnologias que permitem o prolongamento e à assistência a vida. Com o aumento da taxa de pessoas, mais idosas, é muito mais fácil a exposição a agentes nocivos e doenças crônicas, necessitando assim de uma atenção real, sem buscar a cura, mas proporcionando o alívio dos sintomas e sofrimento do paciente, através da palição (GUTIERREZ, B.A.O.; BARROS, 2012).

O aumento no envelhecimento populacional e nas taxas de doenças crônicas gera a necessidade de mais profissionais com uma visão completa do paciente, além de ser importante que o contato com esse tema seja o quanto antes, devendo acontecer na graduação para melhor formação e entendimento do mesmo. Diante disso, o objetivo desse estudo é investigar qual o nível de conhecimento dos acadêmicos de cursos de saúde em instituições de ensino superior sobre cuidados paliativos em Salvador-Bahia.

4.2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo do tipo transversal observacional com acadêmicos de saúde em instituições de ensino superior no município de Salvador - Bahia.

O projeto foi enviado para o comitê de ética da UNIP para apreciação e aprovação respeitando os princípios éticos de uma pesquisa dos seres humanos previstos nos termos da resolução nº 466/2012 do conselho Nacional de Saúde, conforme o parecer n. 4.183.397.

A coleta fora realizada entre 09 de setembro e 05 de outubro de 2020 com amostra sendo composta por acadêmicos de saúde dos cursos de medicina, enfermagem, fisioterapia, nutrição e psicologia; com diferente faixa etária, de ambos os sexos, entre o 3º e 6º ano de graduação em redes públicas e/ou privadas de ensino superior. Para participação da pesquisa, os acadêmicos assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

O instrumento para validação do estudo, foi um questionário, desenvolvido pelos pesquisadores, contendo 23 questões, sendo 4 abertas e 19 objetivas, divididos em identificação pessoal e conhecimentos prévios sobre cuidados paliativos.

O questionário foi cadastrado no Google Forms e enviado online a acadêmicos por meio das redes sociais, contendo o termo de consentimento livre e esclarecido e o formulário utilizado na pesquisa.

Para teste do instrumento da pesquisa, foi realizado um estudo piloto com 2 voluntários, em setembro de 2020, que se adequaram aos critérios de inclusão, sendo enviado o questionário de maneira digital para avaliação.

As variáveis investigadas foram os dados sociodemográficos (idade, sexo), o curso de graduação e instituição de ensino, ano de graduação, e perguntas relacionadas aos cuidados paliativos, como: nível de entendimento, espiritualidade, abordagem com a família do paciente, ensino sobre o tema na graduação entre outras perguntas.

As variáveis categóricas foram expressas por sua frequência absoluta e porcentagem. A análise estatística foi realizada por meio do programa Microsoft Office 2010 e os dados estatísticos e representados por meio de gráficos e tabelas.

4.3 RESULTADOS

A amostra do presente estudo foi composta por um total de (69) participantes, de ambos os sexos, 43,5% sexo masculino e 56,5% sexo feminino.

Quanto ao ano de graduação, foi observado que 26,1% dos participantes estavam no 3º ano de curso, 34,8% no 4º ano de curso; 21,7% no 5º ano e 17,4% no 6º ano de graduação.

Em relação ao curso estudado, 26,1% acadêmicos eram de fisioterapia; 26,1% medicina; 21,7% de nutrição; 15,9% psicologia e 10,1% de enfermagem.

Foi observado também qual o tipo da instituição em que os acadêmicos realizavam a graduação sendo 73,9% de instituições privadas e 26,1% de instituições públicas. Todos os dados citados acima estão representados na Tabela 1.

Tabela - 1 Classificação da amostra de acadêmicos quanto ao sexo, período da graduação, curso de saúde e instituição (privada e pública)

Variáveis	Nº	%
Sexo		
Masculino	30	43,5
Feminino	39	56,5
Ano de Graduação		
3º ano	18	26,1
4º ano	24	34,8
5º ano	15	21,7
6º ano	12	17,4
Curso de Graduação		
Fisioterapia	18	26,1
Medicina	18	26,1
Nutrição	15	21,7
Psicologia	11	15,9
Enfermagem	7	10,1
Instituição		
Privada	51	73,9
Pública	18	26,1

Sobre a questão relacionada quanto a já terem ouvido falar sobre cuidados paliativos, todos entrevistados, sendo 100% responderam que sim.

Quanto ao conhecimento sobre o significado do termo cuidados paliativos, 74% da amostra respondeu conhecer parcialmente; 23,2 % responderam conhecer plenamente e somente 2,8% responderam que não tinham nenhum conhecimento

Também foi perguntando, se durante a graduação foi abordado em alguma disciplina específica sobre o tema cuidados paliativos, tendo 62,3% respondido que não 37,7% respondido que sim. Estes resultados estão representados na tabela 2.

Tabela 2 - Conhecimento do significado de cuidados paliativos e sua discussão em disciplinas nos cursos de saúde dos acadêmicos entrevistados

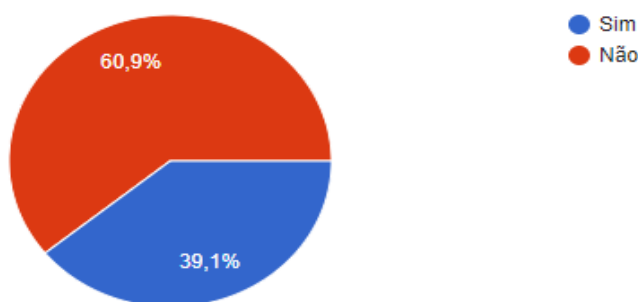
Variáveis	Nº	%
Significado de cuidados paliativos		
Plenamente	16	23,2
Parcialmente	51	74
Não	2	2,8
Alguma Disciplina abordou o tema na graduação		
Sim	27	37,7
Não	43	62,3

Durante a entrevista, houve uma questão subjetiva para que os acadêmicos entrevistados pudessem informar qual era a matéria que o assunto foi abordado. As respostas demonstraram grande variedade de disciplinas tendo entre as mais citadas: geriatria, gerontologia, nutrição do adulto e idoso, oncologia, clínica médica, humanismo, saúde mental, psicologia hospitalar, cuidados paliativos, palição, ética profissional e bioética.

Em relação a participação em palestras, eventos ou congressos relacionados a palição 60,9% não participaram e 39,1% já tinham participado de algum evento até o momento da pesquisa.

Gráfico 1 - Distribuição da participação de acadêmicos de saúde em atividades sobre palição como: palestras, eventos ou congressos

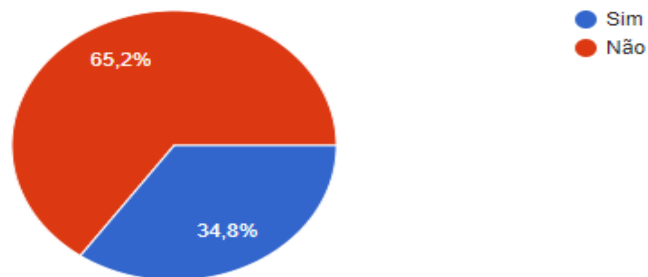
69 respostas



Quanto ao conhecimento sobre o termo extubação paliativa, técnica que pode ser utilizada em determinados casos nos cuidados paliativos, 65,2% dos participantes da amostra não conheciam sobre o termo e 34,8% responderam que entendiam sobre o que se tratava o termo.

Gráfico 2 - Conhecimento de acadêmicos de saúde sobre o termo extubação paliativa

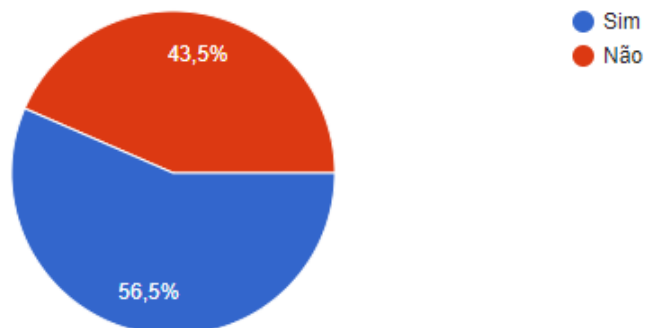
69 respostas



Em relação a se sentir capacitado para atendimento e manejo de pacientes crônicos com a finalização da graduação, 56,5% responderam estarem preparados e 43,5% responderam não se sentirem preparados.

Gráfico 3 - Capacitação dos acadêmicos de saúde quanto ao atendimento e manejo de pacientes crônicos com a finalização da graduação

69 respostas



Quando perguntados se saberiam lidar com demandas relacionadas a espiritualidade de cada paciente, 60,9% responderam que saberiam lidar, enquanto que 39,1% responderam que não.

Quanto a questão de sentir-se preparado para o acolhimento familiar 59,4% responderam estar preparados, enquanto 40,6% responderam que não.

Tabela 3 - Capacidade do acadêmico de saúde para abordagem na espiritualidade do paciente e acolhimento familiar

Variáveis	Nº	%
Demandas da espiritualidade do paciente		
Sim	42	60,9
Não	27	39,1
Preparação para o acolhimento familiar		
Sim	41	59,4
Não	28	40,6

4.4 DISCUSSÃO

A população do estudo foi composta em sua maioria por participantes do sexo feminino, estudantes do 4º ano de cursos de saúde, dentre eles medicina e fisioterapia, sendo 73,9% de instituições de ensino superior privado.

No presente estudo, quando perguntados sobre o conhecimento do significado do termo cuidados paliativos os resultados variaram entre 74% conhecendo parcialmente, 23,2% plenamente e 2,8% declararam não conhecer o significado.

O estudo de Pinheiro (2010) com 50 acadêmicos de medicina do 5º e 6º ano, indicou que 61% dos alunos entrevistados não conheciam o conceito de CP elaborado pela organização mundial da saúde. Já no estudo de Orth *et al.* (2019) os resultados foram parecidos com o do presente estudo, sendo que 79,8% dos entrevistados afirmaram conhecimento sobre o termo, enquanto 20,2% afirmaram já terem ouvido sobre o termo, mas não possuíam conhecimento sobre o assunto.

No atual estudo havia uma pergunta subjetiva, sobre o significado de cuidados paliativos. Baseando-se na definição da Organização Mundial da Saúde(OMS) e comparando as respostas, considerando o fato de que 67 pessoas da amostra responderam, categorizou-se 4,47% com alto nível de conhecimento, 16,41% com moderado nível de conhecimento e 79,10% baixo nível de conhecimento sobre o significado do termo. Resultado que diverge do encontrado quando perguntados objetivamente sobre o conceito, visto que grande parte disse conhecer plenamente e parcialmente.

Esses achados concordam com o observado no estudo de Lemos *et al.* (2017) que evidenciou em 193 estudantes de medicina que o conhecimento sobre cuidados paliativos não era satisfatório, concluindo a necessidade de aprimoramento dentro das instituições de ensino, para abordagem desse tema.

Sobre a compreensão do termo cuidados paliativos, Alves Junior *et al.* (2019) relataram que 100% dos estudantes de enfermagem declararam total compreensão do termo, porém apenas 28,5% responderam corretamente sobre qual o paciente indicado aos cuidados paliativos e 40% dos estudantes de medicina indicaram a população correta para a palição.

Quanto a abordagem dos CP durante a graduação em alguma disciplina, 62,3% responderam que não e 37,7% responderam que sim, dentro da amostra estudada. Já no estudo de Alves Junior *et al.* (2019) 45% dos estudantes de enfermagem afirmaram que não houve uma disciplina que abordasse exclusivamente sobre os cuidados paliativos, já 56% dos estudantes de medicina afirmaram que o assunto foi abordado parcialmente.

No estudo de Melo *et al.* (2019) a diferença nos resultados fora ainda mais significativa, onde em uma amostra com 108 estudantes de medicina apenas 8,3% acredita ter recebido de maneira suficiente o conteúdo sobre cuidado de pacientes terminais concluindo que a educação médica necessitava de uma abordagem mais significativa sobre a palição e pacientes terminais.

Os achados de Guimarães *et al.* (2020) que buscaram entender a percepção de estudantes de enfermagem sobre cuidados paliativos, realizado com 66 participantes, identificou que 83,3% dos acadêmicos declararam que não tiveram contato direto em nenhuma disciplina sobre o tema durante a graduação.

No presente estudo, também foi investigado se os acadêmicos de saúde acreditavam que os cuidados paliativos, incluíam os pacientes com doenças crônicas e 95,7% responderam que sim. São consideradas doenças que necessitam de um modelo paliativista, doenças cardíacas, doenças renais, doenças neurológicas, hepáticas e demências, tais como a insuficiência cardíaca, insuficiência renal, doença de Alzheimer, dentre outras, a AIDS também é uma doença para cuidados paliativos (ARANTES, 2012).

Os resultados foram diferentes no estudo de Alves Junior *et al.* (2019), que evidenciou que 66% dos estudantes de enfermagem acreditavam que a indicação para palição, era para pacientes que receberam o diagnóstico de um câncer terminal, já dentre os estudantes de medicina 60% fizeram a mesma afirmação.

Existem indicações para os cuidados paliativos, determinados pela OMS, que são pacientes com doenças crônicas e que tendem a progredir, ameaçando a continuidade da vida, logo é necessária uma avaliação minuciosa do paciente, para distinguir e identificar seu estado biopsicossocial, entendendo assim o nível de sofrimento do indivíduo e adequá-lo dentro do serviço de cuidados paliativos (ARANTES, 2012).

Sobre sentir-se preparado para atuar com o paciente crônico, fora da possibilidade de cura, incluso nos cuidados paliativos, 56,5% responderam que sim e 43,5% responderam que

não, dentro da amostra do presente estudo. Já no estudo de estudo de Alves Junior *et al.* (2019) os resultados não tiveram tanta diferença percentual onde 52% dos estudantes de enfermagem se sentiam preparados, 48% acreditavam não estarem preparados para atender pacientes em CP e dos estudantes de medicina 34,3% declararam sentirem-se preparados para o atendimento.

É de extrema importância sentir-se apto para atender os pacientes em cuidados paliativos, pois a falta de assistência técnica qualificada submete pacientes que se encontram em palição a um desgaste, muitas vezes, negligenciados pelos serviços de saúde (LIMA; NIETSCHE; TEIXEIRA, 2012).

Guimarães *et al.* (2020) evidenciaram no seu estudo que 77,2% dos 66 estudantes de enfermagem entrevistados, relataram que tiveram orientação de manejo para a cronicidade presente nos pacientes de CP, porém foi pertinente dentre eles o sentimento de autocrítica por não se sentirem preparados e capacitados para lidarem com esse grupo de patologias crônicas que se enquadram na palição.

Sobre a abordagem dos CP dentro da graduação Lima, Nietzsche e Teixeira (2012) relataram que é necessário o aprofundamento sobre o assunto no conteúdo programático das disciplinas que estejam dentro do tema, para que os estudantes possam sentir-se aptos para atenderem os pacientes de palição quando já forem profissionais de saúde.

Sobre percepção de que a espiritualidade é um fator importante para os pacientes em cuidados paliativos 97,1% acreditam que sim. Houve uma pequena diferença nos resultados de Ferreira *et al.* (2015) que realizou um estudo com 59 profissionais das equipes multidisciplinares de assistência em CP onde 70,7% afirmaram que a espiritualidade produziu efeitos positivos na vida do paciente.

Achados que corroboram com o estudo de Correia *et al.* (2018) com 134 estudantes de saúde em que 69,1% consideraram a espiritualidade em cuidados paliativos como algo importante a ser estruturado ainda na graduação, já 19,5% acreditavam que era pouco relevante, e 11,3% consideraram que não era importante a inclusão do estudo na espiritualidade em CP na instituição de ensino superior.

Quanto a sentir-se preparado para lidar com as questões relacionadas à espiritualidade dos pacientes em cuidados paliativos 60,9% afirmaram que sim e 39,1% afirmaram que não no presente estudo. Em contrapartida no estudo de Ferreira *et al.* (2015) sobre sentir-se preparado para abordar espiritualidade com os pacientes, 10,3% afirmaram sentir-se muito preparado, 43,1% moderadamente preparado e 36,2% pouco preparado para essa abordagem específica.

Quando perguntados sobre sentir-se capacitado para acolhimento à família do paciente em cuidado paliativo, 59,4% responderam que sim e 40,6% responderam que não, dentro da

amostra do presente estudo. No estudo de Pereira, Rangel e Giffoni (2019) dos 81 acadêmicos de medicina entrevistados sobre cuidados paliativos, 74,13% declararam não se sentirem preparados para lidar com a família do paciente, incluindo no momento da morte do mesmo, por não terem recebido suporte suficiente da faculdade para esse tipo de situação.

Ainda sobre acolhimento à família, Pinheiro (2010) num estudo com 50 acadêmicos de medicina, foi encontrado que 61% dos alunos entrevistados afirmaram não se sentirem prontos para comunicar notícias delicadas para pacientes e família, sugerindo a criação de uma disciplina específica sobre cuidados paliativos na graduação. Achados que discordam de Correia *et al.* (2018) que buscaram entender se os estudantes entrevistados se sentiam capazes de interagir com pacientes em CP e sua família e constatou que 69,2% dos estudantes entrevistados consideravam-se capazes desde que com alguma supervisão.

Quanto ao sentimento de impotência para cuidar de uma paciente fora da possibilidade de cura 75,4% da amostra do presente estudo responderam que sim, abrindo discussão para entender e potencializar a saúde mental dos futuros profissionais de saúde. Os resultados do estudo de Lima e Júnior (2015) que buscou identificar a concepção de 16 enfermeiros sobre o processo de “morte e morrer” em seu ambiente laboral, evidenciou os sentimentos de impotência, tristeza, frustração, vazio e culpa por não poderem ajudar mais, gerando uma atitude de afastamento de pacientes que estão próximos do morrer.

Já no estudo de Alves Junior *et al.* (2019) evidenciaram que 90% dos estudantes de enfermagem possuem um sentimento de compaixão e 10% de impotência. Orth *et al.* (2019) com 190 acadêmicos de medicina 50,5% relataram despreparo para lidar com a morte dos pacientes e os sentimentos da família, associando a morte com perda e frustração. No estudo de Correia *et al.* (2018) 68% dos estudantes de medicina entrevistados, declararam sentimento de impotência ao lidar com pacientes terminais.

Sobre a possibilidade de atuar com cuidados paliativos quando já forem profissionais de saúde, 72,5% responderam que sim e 27,5% responderam que não no presente estudo. Achados que convergem com Oliveira *et al.* (2020) em estudo com 100 acadêmicos de fisioterapia do último ano de curso, que constatou que mais da metade afirmaram sentir interesse de atuar nos cuidados paliativos após a graduação. Já os resultados de Orth *et al.* (2019) foram diferentes sobre o mesmo questionamento, visto que 68,1% dos estudantes de saúde não possuem interesse em atuar nos cuidados paliativos.

As vantagens desse estudo foram o baixo custo de realização, o risco mínimo oferecido aos participantes, por não ter ocorrido nenhum tipo de intervenção, e por ser um tema interessante e considerado novo. As limitações foram conseguir participantes para adesão ao

estudo e por ser um questionário autoaplicável, pode ter havido interpretação dúbia além da dificuldade em encontrar estudos sobre cuidados paliativos e estudantes de saúde.

4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Infere-se que os acadêmicos já tiveram contato com o termo cuidados paliativos. Apesar disso, quando perguntados subjetivamente sobre o conceito, grande parte demonstrou baixo nível de entendimento, segundo o significado preconizado pela OMS.

Diante do crescimento do envelhecimento populacional e prevalência de doenças crônicas, torna-se importante que os cuidados paliativos sejam mais difundidos e abordados ainda na graduação, principalmente baseado nos princípios, abordagem familiar, emocional e espiritual com os pacientes, para que os profissionais possuam uma visão mais holística do cuidado.

Sugere-se também, entender as motivações dos acadêmicos de saúde, em atuarem nos cuidados paliativos quando formados, visto que a maioria não demonstrou conhecimento do conceito de dado pela OMS e até mesmo, pelo fato de os mesmos não terem o assunto abordado ainda na graduação, e ainda assim não terem participado de atividades extracurriculares que discutissem sobre a palição.

Faz-se necessário que mais estudos desse tipo sejam realizados, com uma população ainda maior, para que os cuidados paliativos sejam mais difundidos e fundamentados em pesquisas científicas.

REFERÊNCIAS

ALVES JUNIOR, Valdir Donizeti Alves Jr Alves Donizeti *et al.* **Cuidados paliativos: conhecimento de estudantes de graduação em enfermagem e em medicina.** *Revista de Saúde*, [S.L.], v. 10, n. 2, p. 07-11, 9 dez. 2019.

ARANTES, A. L. Q. Indicações de Cuidados Paliativos. *In. Manual de Cuidados Paliativos ANCP*. 2. ed.: Cap. 1.4, p. 56-74. Rio de Janeiro, 2012.

CAVALCANTI, I. M. C. *et al.* Princípios dos cuidados paliativos em terapia intensiva na perspectiva dos enfermeiros. *Revista Cuidarte*, [s.l.], v. 10, n. 1, p.1-10, 20 dez. 2018.

CORREIA, Divanise Suruagy *et al.* Cuidados Paliativos: importância do tema para discentes de graduação em medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, [s.l.], v. 42, n. 3, p. 78-86, set. 2018.

FERREIRA, Alberto Gorayeb de Carvalho *et al.* Concepções de Espiritualidade e Religiosidade e a Prática Multiprofissional em Cuidados Paliativos. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 3, n. 18, p. 227-244, set. 2015.

FERREIRA, J. M. G.; NASCIMENTO, J. L. SÁ, F. C. Profissionais de saúde: um ponto de vista sobre a morte e a distanásia. **Revista Brasileira de Educação Médica**, [s.l.], v. 42, n. 3, p. 87-96, set. 2018.

GUIMARÃES, Julianna de Albuquerque Melo *et al.* Percepções de estudantes de Enfermagem sobre cuidados paliativos. **Revista Rene**, Campina Grande, v. 21, n. 44033, p. 1-7, jul. 2020.

GUTIERREZ, B. A. O.; BARROS, T. C. de. O despertar das competências profissionais de acompanhantes de idosos em cuidados paliativos. **Revista Temática Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 239-258, 2012.

LEMOS, Carlos Ferri Pontual de *et al.* Avaliação do Conhecimento em Cuidados Paliativos em Estudantes durante o Curso de Medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, [s. l.], v. 41, n. 2, p. 278-282, jun. 2017.

MELO, Isabella Fernandes Ribeiro *et al.* Lidando com o sofrimento e a morte: avaliação do conhecimento em cuidados paliativos em estudantes durante o curso de medicina. **E-Scientia**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 41-45, out. 2019.

LIMA, Márcia Gabriela Rodrigues de; NIETSCHE, Elisabeta Albertina; TEIXEIRA, Joice Ane. Reflexos da formação acadêmica na percepção do morrer e da morte por enfermeiros. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, [s.l.], v. 14, n. 1, p. 181-188, 31 mar. 2012.

LIMA, Raquel dos Santos; COSTA JÚNIOR, Jerônimo Abreu. The process of death and dying in nurses vision. **Revista Ciência & Saberes**, Caxias, v. 1, n. 1, p. 25-30, ago. 2015.

OLIVEIRA, Amanda Raquel Nascimento *et al.* Cuidados paliativos em oncologia: conhecimento dos acadêmicos de fisioterapia. **Brazilian Journal Of Development**, [s.l.], v. 6, n. 8, p. 56558-56573, ago. 2020.

ORTH, Larissa Chaiane *et al.* Conhecimento do Acadêmico de Medicina sobre Cuidados Paliativos. **Revista Brasileira de Educação Médica**, [s.l.], v. 43, n. 11, p. 286-295, 2019.

PEREIRA, Erika Aguiar Lara; RANGEL, Adriana Belle; GIFFONI, Julia Calixto Guimarães. Identificação do Nível de Conhecimento em Cuidados Paliativos na Formação Médica em uma Escola de Medicina de Goiás. **Revista Brasileira de Educação Médica**, [s.l.], v. 43, n. 4, p. 65-71, dez. 2019.

PINHEIRO, Thais Raquel Silva Pavão. Avaliação do grau de conhecimento sobre cuidados paliativos e dor dos estudantes de medicina do quinto e sexto anos. **O Mundo da Saúde**, São Paulo, v. 3, n. 34, p. 320-326, mar. 2010.

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro Participante:

Gostaríamos de convidá-lo a participar como voluntário da pesquisa intitulada Nível de conhecimento de acadêmicos de saúde sobre cuidados paliativos nas instituições de ensino superior de Salvador - Bahia que se refere a um projeto de conclusão de curso do(s) participante(s) pesquisador(a) 1 do(a) do pesquisador (a) participante sob a orientação do (a) prof (a) pesquisador(a) 2, o qual pertence ao Curso de Fisioterapia da Facsal.

O(s) objetivo(s) deste estudo é quantificar o nível de conhecimento sobre cuidados paliativos de acadêmicos de saúde. Os resultados contribuirão para uma nova proposta de aprendizado dentro da graduação em saúde, buscando um modelo de tratamento que busca oferecer qualidade de vida e não a cura a determinados pacientes, visto o envelhecimento populacional como algo crescente tornando essa população mais exposta a doenças crônicas.

Sua forma de participação consiste em responder um questionário em com tempo médio de 10 minutos como também sua autorização para apresentar os resultados desse estudo em eventos da área de saúde e a publicação em revistas científicas nacionais e internacionais.

Seu nome não será utilizado em qualquer fase da pesquisa, o que garante seu anonimato, e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os voluntários.

Não será cobrado nada e não haverá gastos, decorrentes de sua participação, se houver algum dano decorrente da pesquisa, o participante será indenizado nos termos da Lei.

Considerando que toda pesquisa oferece algum tipo de risco, nesta pesquisa o risco pode ser avaliado como: A pesquisa oferece um risco mínimo.

São esperados os seguintes benefícios imediatos da sua participação nesta pesquisa: Promover uma ideia do que seriam os cuidados paliativos e permitir que os participantes possam realizar mais estudos sobre o tema da pesquisa, permitindo assim novas maneiras de tratar e cuidar de um paciente.

Gostaríamos de deixar claro que sua participação é voluntária e que poderá recusar-se a participar ou retirar o seu consentimento, ou ainda descontinuar sua participação se assim o preferir, sem penalização alguma ou sem prejuízo ao seu cuidado.

Desde já, agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para maiores informações.

Esse termo terá suas páginas rubricadas pelo pesquisador principal e será assinado em duas vias, das quais uma ficará com o participante e a outra com o pesquisador principal.

Eu _____ (nome do participante e número de documento de identidade) confirmo que (pesquisadores) explicou-me os objetivos desta pesquisa, bem como, a forma de participação. As alternativas para minha participação também foram discutidas. Eu li e compreendi este Termo de Consentimento, portanto, eu concordo em dar meu consentimento para participar como voluntário desta pesquisa.

SALVADOR, BAHIA: 09 de setembro de 2020.

(Assinatura do participante da pesquisa)

Eu, _____
(Nome do membro da equipe que apresentar o TCLE)

Obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do participante da pesquisa ou representante legal para a participação na pesquisa.

(Assinatura do membro da equipe que apresentar o TCLE)

(Identificação e assinatura do pesquisador responsável)

ANEXO B - CONVITE

Oi, tudo bem? Meu nome é Luan, sou estudante de fisioterapia, e estou realizando uma pesquisa para meu TCC sobre cuidados paliativos, entre acadêmicos de saúde, por meio de um breve questionário online. Você pode responder? Será muito importante para minha pesquisa!

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfH1FIdZgzP37lVKOji99w_F2PHZg-LGQ4KBOEg0o9Q45eDig/viewform?usp=sf_link

ANEXO C - QUESTIONÁRIO

- 1) Nome:
- 2) Idade:
- 3) Sexo: M () F ()
- 4) Instituição de ensino:
- 5) Curso de Graduação: Medicina () Enfermagem () Fisioterapia () Nutrição ()
Psicologia ()
- 6) Ano de graduação: 1º () 2º () 3º () 4º () 5º () 6º ()
- 7) Já ouviu falar sobre cuidados paliativos?
Sim () Não ()
- 8) Você possui entendimento sobre o significado de cuidados paliativos?
Plenamente () Parcialmente () Não ()
- 9) Para você, o que significa cuidados paliativos?
- 10) Durante a graduação você teve alguma disciplina com abordagem específica sobre esse tema?

Sim () Não ()
- 11) Se sim, em qual disciplina _____
- 12) Já participou de seminários ou palestras relacionadas aos cuidados paliativos?
Sim () Não ()
- 13) Acredita que cuidados paliativos sejam somente para pacientes em estágio terminal da doença?

Sim () Não ()
- 14) Já ouviu o termo e conhece o que é a extubação paliativa?
Sim () Não ()
- 15) Acredita que cuidados paliativos sejam também para pacientes crônicos?
Sim () Não ()

- 16) Com base nos seus conhecimentos adquiridos na graduação curricular e extracurricular, se sente capacitado (a) em tratar pacientes crônicos?
Sim () Não ()
- 17) Acredita que a espiritualidade é um fator importante para o paciente em cuidados paliativos?
Sim () Não ()
- 18) Sente-se preparado (a) para lidar com situações relacionadas a espiritualidade com o paciente de cuidados paliativos?
Sim () Não ()
- 19) Acredita que seja capacitado (a) em lidar com a família de pacientes em cuidados paliativos?
Sim () Não ()
- 20) Existe o sentimento de impotência em saber que estará tratando o paciente sem possibilidade de cura, que é o paciente em cuidados paliativos?
Sim () Não ()
- 21) Concorda com a postura de não realizar mais nenhuma medida para prolongamento da vida no paciente, dando-lhe apenas o conforto necessário?
Sim () Não ()
- 22) Atuaria com pacientes em cuidados paliativos?
Sim () Não ()

MINI CURRÍCULO E CONTRIBUIÇÕES AUTORES

TÍTULO DO ARTIGO	NÍVEL DE CONHECIMENTO DE ACADÊMICOS DE SAÚDE SOBRE CUIDADOS PALIATIVOS NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DE SALVADOR - BAHIA
RECEBIDO	23/06/2021
AVALIADO	22/07/2021
ACEITO	08/08/2021

AUTOR 1	
PRONOME DE TRATAMENTO	Sr.
NOME COMPLETO	Luan Pereira Barros
INSTITUIÇÃO/AFILIAÇÃO	UNICEUSA
CIDADE	Salvador
ESTADO	Bahia
PAÍS	Brasil
RESUMO DA BIOGRAFIA	Graduando da UNICEUSA.
CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES NO ARTIGO	Autor
AUTOR 2	
PRONOME DE TRATAMENTO	Sra.
NOME COMPLETO	Lay Beribá
INSTITUIÇÃO	UNICEUSA
CIDADE	Salvador
ESTADO	Bahia
PAÍS	Brasil
RESUMO DA BIOGRAFIA	Graduação em Fisioterapia pela Universidade Católica do Salvador, pós-graduação em Ortopedia e Traumatologia, especialização em RPG pelo Instituto Phillippe Souchard.
CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES NO ARTIGO	Coautor

Endereço de Correspondência dos autores	Autor 1: pereirabarrosluan@gmail.com Autor 2: laymartinez@gmail.com
---	--

5 PRECONCEITO, INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS E SAÚDE SEXUAL NA POPULAÇÃO LGBT+: UM ESTUDO TRANSVERSAL

Rayza Brenda Tomaz Barbosa da Silva

Graduanda em Fisioterapia pelo Centro Universitário Maurício de Nassau.

E-mail: Rayzabrendatomaz@gmail.com

Allanna Stephany Cordeiro de Oliveira

Graduada em Enfermagem pelo Centro Universitário Maurício de Nassau.

E-mail: allannastephanny@gmail.com

Wesley Barbosa Sales

Graduando em Fisioterapia pelo Centro Universitário Maurício de Nassau.

E-mail: wesleysales8@gmail.com

Isabelle Eunice de Albuquerque Pontes

Graduada em Fisioterapia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Mestre em Saúde Materno Infantil.

E-mail: Isabelle_albuquerque@hotmail.com

Jairo Domingos de Moraes

Fisioterapeuta pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Mestre e Doutor em Modelos de Decisão em Saúde.

E-mail: Jairodomingos.1@hotmail.com

RESUMO

Introdução: O preconceito e a discriminação contra o comportamento sexual homossexual são considerados na literatura como determinantes da saúde, pois causam vulnerabilidades específicas, constituem uma barreira simbólica de acesso, afetam a qualidade da assistência em saúde e têm forte potencial para desencadear o processo de saúde-doença, enfermidade e morte prematura. **Objetivo:** Descrever as características sócio demográficas e relativas aos preconceitos enfrentados, o acometimento de infecções sexualmente transmissíveis e o estado da saúde sexual da população LGBT+. **Metodologia:** Trata-se de um estudo transversal, com indivíduos da população LGBT+, através de acesso por um questionário online. No qual, foram critérios para inclusão no estudo: estudo indivíduos que façam parte da população LGBT+, maiores de 18 anos, que tenham vida sexual ativa. **Resultados:** Foram incluídos no estudo 95 participantes, dos quais 66,3% tinha entre 18 e 25 anos, 30,5% entre 26 e 35 anos e 3,2% acima de 36 anos, com uma amostra por orientação sexual, onde 33,3% era gay, 32,29% bissexual, 28,13% lésbica e 6,25% outros (transexual e pansexual). **Discussão:** O acesso de gays, bissexuais e transgêneros à saúde é caracterizado por barreiras, como comportamento impróprio e cuidados discriminatórios por parte dos profissionais de saúde, que acabam isolando-os do mundo dos serviços de saúde. **Conclusão:** Dessa forma, o estudo auxilia os profissionais de saúde, influenciando o modo com que possam ver o atendimento em saúde com um olhar mais humanizado independente da orientação sexual da pessoa.

Palavras-chave: Minorias Sexuais e de Gênero. Pessoas LGBTQIA+. Acesso aos Serviços de Saúde. Saúde Pública.

ABSTRACT

Introduction: Prejudice and discrimination against homosexual sexual behavior are considered in the literature as determinants of health, as they cause specific vulnerabilities, constitute a symbolic barrier to access, affect the quality of health care and have strong potential to trigger the health process -disease, illness and premature death. **Objective:** Describe the socio-demographic characteristics and the prejudices faced, the involvement of sexually transmitted infections and the sexual health status of the LGBT + population. **Methodology:** This is a cross-sectional study, with individuals from the LGBT + population, through access through an online questionnaire. The criteria for inclusion in the study were: I study individuals who are part of the LGBT + population, over 18 years of age, who have an active sex life. **Results:** 95 participants were included in the study, of which 66.3% were between 18 and 25 years old, 30.5% between 26 and 35 years old and 3.2% over 36 years old, with a sample for sexual orientation, where 33.3 % were gay, 32.29% bisexual, 28.13% lesbian and 6.25% others (transsexual and pansexual). **Discussion:** The access of gays, bisexuals and transgenders to health is characterized by barriers, such as inappropriate behavior and discriminatory care by health professionals, who end up isolating them from the world of health services. **Conclusion:** In this way, the study helps health professionals, influencing the way they can see health care with a more humanized look regardless of the person's sexual orientation.

Keywords: Sexual and Gender Minorities. LGBTQIA+ people. Access to Health Services. Public health.

5.1 INTRODUÇÃO

Um dos aspectos mais importantes da natureza humana é a sexualidade. O modo com que cada pessoa expressa e recebe afeto, não é limitando-se ao coito, e está submetida à autoestima do sujeito. Os problemas na sexualidade sucedem de fatores biológicos, culturais e biopsicossociais, e compreendem várias condições, como as parafilias, os transtornos de identidade de gênero e as disfunções sexuais (SOBECKI-RAUSCH; BROWN; GAUPP, 2017).

No momento em que os elementos orgânicos da resposta sexual demonstram alguma variação, pode-se considerar a existência de uma disfunção sexual. Essa variação funcional pode ser de uma causa psicossocial ou orgânica. Independente da causa, ela se manifesta causando danos ao componente orgânico da resposta, ou seja, a sexualidade é vista como uma função. Então, pode-se afirmar que a disfunção sexual é uma interrupção, total ou parcial da resposta sexual (SOBECKI-RAUSCH; BROWN; GAUPP, 2017). Segundo Albuquerque *et al.* (2013), a resposta sexual normalmente tem sua divisão em quatro etapas, que são: desejo, excitação, orgasmo e resolução.

Contudo, as condições psicossociais que atingem a sexualidade podem ser instituídas por questões sociais, tabus e crenças comportamentais, vivências destrutivas (vivências desastrosas na primeira relação, violência sexual), relações inadequadas e revolução sexual, ou seja, são fatores socioculturais desencadeando. Além disso, a disfunção sexual também ser causada por fatores orgânicos, como: traumas físicos, drogas, sequelas cirúrgicas, doenças crônicas e agudas e anomalias genéticas (ALBUQUERQUE *et al.*, 2013).

A população em geral pode ser acometida por disfunções sexuais, incluindo a população LGBT+ (população composta por gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros e outros). Quando os LGBT+ sofrem com essas disfunções, perpassam em conjunto do sentimento de vergonha por possuir a disfunção e os tabus, enfrentam o transtorno aditivo de ter que revelar uma orientação sexual que não é socialmente aceita, correndo o risco amedrontador de ser rejeitado ou sofrer alguns tipos de maus-tratos pelo profissional. Pesquisas mostram que a população LGBT+ diariamente evita encaminhar-se a especialistas, e quando procuram algum profissional, geralmente escondem sua orientação sexual (GRABSKIL; KASPAREK, 2017).

A fisioterapia vem demonstrando eficácia no tratamento destas disfunções, sendo responsabilizada pela mobilidade e restauração da musculatura do assoalho pélvico (MAP), melhorando o aporte sanguíneo na região, aliviando as dores e tratando ou prevenindo as

limitações das incapacidades físicas. Nesse sentido, a atuação da fisioterapia nestas disfunções tem sido a melhor alternativa para aumentar a qualidade de vida das mulheres e homens, pois o tratamento propicia a melhora da autoconfiança e do coito, além do reestabelecimento da conscientização do corpo masculino e feminino (TRINDADE; LUZES, 2017; SCHVARTZMAN, 2016).

Outro problema muito comum para essa população é a ocorrência de discriminação e preconceito. Isto se dá não apenas no convívio social, mas pode acontecer também nos ambientes de atendimento à saúde, o que muitas vezes se torna empecilho para o cuidado com a saúde geral (GUIMARÃES *et al.*, 2017).

Assim, o preconceito e a discriminação contra o comportamento sexual homossexual são considerados na literatura como determinantes da saúde, pois causam vulnerabilidades específicas, constituem uma barreira simbólica de acesso, afetam a qualidade da assistência em saúde e têm forte potencial para desencadear o processo de saúde-doença, enfermidade e morte prematura (GUIMARÃES *et al.*, 2017).

Reafirmar que o direito à atenção humana não é discriminado com base na orientação sexual e identidade de gênero é um avanço concreto e deve ser amplamente divulgado, considerado um meio legal para alcançar o direito à saúde LGBTQIA+ e reconhecer o impacto da discriminação e do preconceito no seguimento de saúde-doença desse público. Este é um marco importante na verificação das necessidades de saúde dessas partes e da complexidade e diversidade das questões de saúde que as afetam. Oferecendo discussões sobre restrições de acesso a serviços médicos, usados anteriormente apenas para prevenir e tratar infecções sexualmente transmissíveis (IST'S) (MORAES-FILHO *et al.*, 2019)

Dessa forma, a qualidade de vida sexual da população LGBTQIA+ está totalmente relacionada as lacunas da sua vivência dentro da sociedade, assim o preconceito pode levar a problemas em seu dia-a-dia.

Assim, indaga-se quais as características sócio demográficas e relativas aos preconceitos enfrentados, o acometimento de infecções sexualmente transmissíveis e o estado da saúde sexual da população LGBTQIA+ +?

Diante do exposto, o objetivo deste estudo foi descrever as características sócio demográficas e relativas aos preconceitos enfrentados, o acometimento de infecções sexualmente transmissíveis e o estado da saúde sexual da população LGBTQIA+ nos serviços públicos e .

5.2 METODOLOGIA

Foi realizado um estudo transversal, com indivíduos da população LGBT+, através de acesso por um questionário online, pela plataforma do Google Forms. O uso de ambientes virtuais para a realização de pesquisas na área de saúde representa uma possibilidade econômica, aliada a uma maior praticidade e comodidade aos participantes da pesquisa. A população deste estudo foi por composta por indivíduos que fazem parte da população LGBTQIA+ (gays, lésbicas, bissexuais, transexuais e demais), maiores de 18 anos.

Foram critérios para inclusão no estudo: estudo indivíduos que façam parte da população LGBTQIA+, maiores de 18 anos, que tenham vida sexual ativa. Foram excluídos aqueles que possuíam algum déficit cognitivo que o impedisse de responder às questões.

Para a coleta de dados, utilizou-se um questionário que foi encaminhado e respondido pelo participante através do Google Forms. Este questionário foi composto por 64 questões, que versavam desde os dados de identificação, aspectos sociodemográficos, questões sobre saúde sexual, disfunções sexuais, aspectos emocionais, até questões sobre o sono.

Os dados foram gerados a partir das respostas dos participantes, formaram um banco específico de dados, com o qual foi realizada a análise estatística, no software EpiInfo. As variáveis categóricas foram resumidas através de frequência absolutas e relativas percentuais; as variáveis numéricas, através de médias e desvios padrão.

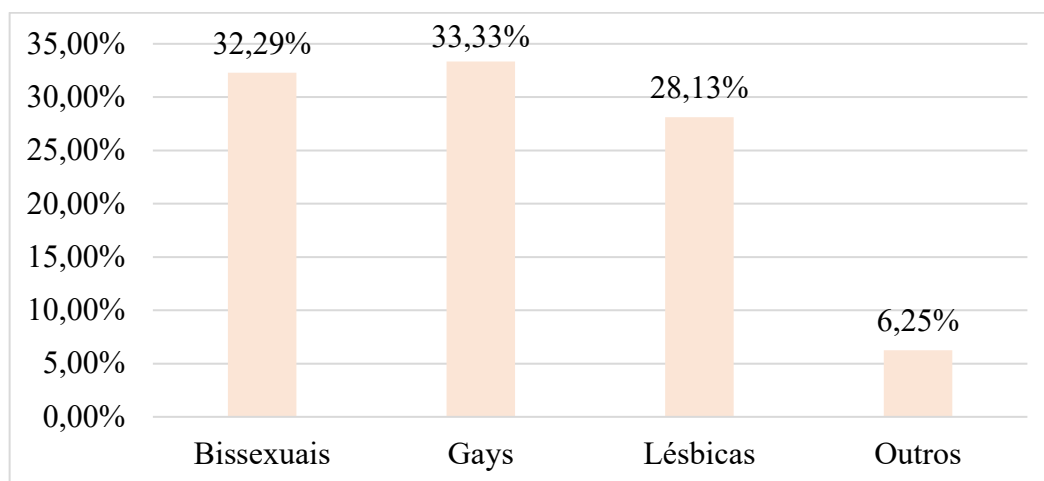
Esta pesquisa atende aos princípios da Declaração de Helsinque para pesquisa em seres humanos e resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, através da Plataforma Brasil, com o CAAE: 34084820.7.0000.5176. Os participantes só foram incluídos no estudo após concordarem voluntariamente em participar, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

5.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram incluídos no estudo 95 participantes, dos quais 66,3% tinha entre 18 e 25 anos, 30,5% entre 26 e 35 anos e 3,2% acima de 36 anos. Com relação ao estado civil, 91,6% dos participantes era solteiro, 6,3% era casado, 1,05% separado e 1,05% viúvo. Os dados sobre escolaridade mostram que 47,4% dos participantes tinham ensino superior incompleto, 23,1% ensino superior completo, 23,1% ensino médio completo, 5,3% ensino médio incompleto e 1,1% ensino fundamental completo. O Gráfico 1 mostra a divisão da amostra por orientação

sexual, onde 33,3% era gay, 32,29% bissexual, 28,13% lésbica e 6,25% outros (transexual e pansexual).

Gráfico 1 - Orientação sexual dos participantes da pesquisa



Fonte: Elaboração própria (2020).

No Brasil a população LGBTQIA+ são estimadas mais de 20 milhões de pessoas constituindo esse público. Embora a comunidade LGBTQIA+ considere esse número subestimado, pois muitas pessoas optam por não declarar sua identidade de gênero ou orientação sexual, esse número já representa cerca de 10% da população nacional (RAMOS, 2019).

Identifica-se que 60.000 casais do mesmo sexo vivem juntos no país. O número de maridos e esposas corresponde ao número total de famílias em que os próprios residentes declaram viver nesta união voluntária, o que equivale a 0,1% dos pais do total de famílias. A maioria das uniões gays (99,6%) não é formalizada (por meio de registro civil ou religioso) e concentra-se principalmente nos estados do Sudeste (52%), seguidos dos estados do Nordeste (20%), estados do Sul (13%) e estados do Centro-Oeste (8,4%) e Norte (6%). Entre os entrevistados que viviam com o mesmo sexo, 26% tinham alto nível de escolaridade, quase a metade (47,4%) é católica e 25,8% declaram não ter religião (ADJUTO, 2010).

A Tabela 1, abaixo, traz os preocupantes dados sobre o preconceito sofrido pelos indivíduos LGBTQIA+ no dia a dia e também nos serviços de saúde.

Tabela 1 - Questionamentos feitos aos participantes da pesquisa acerca do preconceito e discriminação sofridos no cotidiano e nos serviços de saúde

Questão	Sim (n/%)	Não (n/%)
Você já sofreu preconceito no seu dia a dia por ser LGBTQIA+?	74/77,9	21/22,1
Você já sofreu discriminação em algum serviço de saúde por ser LGBTQIA+?	30/31,6	65/68,4
Você já deixou de ir a algum serviço de saúde por medo de sofrer preconceito por ser LGBTQIA+?	39/41	56/59

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

O acesso de gays, bissexuais e transgêneros à saúde é caracterizado por barreiras, como comportamento impróprio e cuidados discriminatórios por parte dos profissionais de saúde, que acabam isolando-os do mundo dos serviços de saúde. A relação entre homossexualidade e saúde foi frequentemente discutida no século passado. Motivos de debates e desafios nas ciências médicas e sociais (CESARO, 2018)

Neste caso, as pessoas LGBTQIA+ podem não ser capazes de atender plenamente suas necessidades de saúde porque estão subordinadas a homofobia e outros tipos de preconceito. Além disso, esse grupo se preocupa em revelar sua orientação sexual nos serviços de saúde e imagina que isso terá um impacto negativo na qualidade de sua assistência médica (ARAÚJO *et al.*, 2006).

Esses obstáculos fazem com que os usuários desta população se sintam desvalorizados, deixem de buscar os serviços e não possam exercer seus direitos sociais protegidos pela lei e que lhes garantem direitos de cidadania (SANTOS *et al.*, 2020).

Além disso em um estudo realizado por Santos *et al.* (2020), com o objetivo de analisar a percepção dos homossexuais masculinos acerca do acesso aos serviços públicos de saúde, apontaram que a falta de profissionais bem preparados é um dos principais obstáculos para a resolução de seus problemas de saúde, evidenciando a necessidade de apoio psicológico. A violência contra pessoas LGBTQIA+ é considerada um fator estressante, que pode ter um impacto negativo em sua saúde mental e qualidade de vida, levando à depressão e suas consequências, como ansiedade, isolamento social, transtornos alimentares e uso ou abuso de substâncias psicotrópicas

Outra informação coletada na pesquisa diz respeito ao uso de preservativos na relação sexual e também sobre a ocorrência de infecções sexualmente transmissíveis (IST). Nos últimos seis meses, apenas 22,1% dos participantes relatou que usou preservativo durante as relações

sexuais. Com relação às IST, 10,6% relatou que já foi infectado ou ainda tem a IST, dentre as quais foram citadas: AIDS, HPV, sífilis e gonorreia.

A análise e apresentação de fatores relacionados à alta prevalência de HIV, sífilis e doenças venéreas em populações de homossexuais em diferentes países mostram que não apenas fatores biológicos, mas também a vida social, saúde mental, experiência emocional, discriminação, e outros aspectos subjetivos (por exemplo, percepções, expectativas, etc.) influenciam uma maior exposição a essas infecções (BRIGNOL *et al.*, 2015).

A epidemia de infecções sexualmente transmissíveis e a discriminação dessa população indicam que a complexa cadeia de relações entre estigma e doença acaba levando ao afastamento do público LGBTQIA+ da atenção à saúde e à necessidade de ações voltadas à promoção da saúde para ações diferenciadas, o objetivo é reduzir a desigualdade de grupo no contexto da exclusão social e da desigualdade em saúde, ainda que disponível no SUS (BRIGNOL *et al.*, 2015).

Por outro lado, as políticas para enfrentar a desigualdade da população LGBTQIA+ requerem fortes medidas estratégicas, incluindo a formação de profissionais de saúde em sexualidade LGBTQIA+ e práticas sociais. Essa é uma questão fundamental para alinhar os cuidados às suas reais necessidades de saúde (BEZERRA *et al.*, 2019).

Outra parte muito importante do inquérito questionava os participantes quanto à sua vida sexual. O quadro 1, abaixo, mostra um compilado das perguntas e respostas dos participantes, salientando-se que as perguntas diziam respeito às últimas quatro semanas.

Quadro 1 - Questionamentos sobre as respostas sexuais dos participantes

(continua)

Questão	Resposta	%
Com qual frequência você sentiu desejo sexual?	Nunca ou quase nunca	26,2
	Às vezes	36,9
	Sempre ou quase sempre	36,9
Como você classificaria seu nível de desejo sexual?	Baixo ou muito baixo	21
	Moderado	35,8
	Alto ou muito alto	43,2
Qual seu nível de excitação sexual durante a relação?	Baixo ou muito baixo	5,7
	Moderado	14,7
	Alto ou muito alto	54,7
	Sem atividade sexual nas últimas quatro semanas	24,9

Quadro 1 - Questionamentos sobre as respostas sexuais dos participantes

Questão	Resposta	(conclusão)
		%
Com qual frequência você atingiu orgasmo na atividade sexual ou quando estimulado?	Nunca ou quase nunca	19
	Algumas vezes	10,5
	Sempre ou quase sempre	46,4
	Não aplicável	24,1

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Além disto, quando questionados sobre dor durante ou após a relação sexual, 32,6% referiram dor variando entre sempre, algumas vezes e poucas vezes.

Quanto ao grau de satisfação com sua vida sexual, 24,2% relataram que estavam muito ou moderadamente insatisfeitos, além de 17,9% disseram que para eles era indiferente.

É visto que pessoas heterossexuais relatam um nível significativo maior de frequência e satisfação sexual do que as pessoas lésbicas, gays e bissexuais. Por outro lado, também é analisado que mulheres lésbicas possuem uma quantidade maior de orgasmos esperados do que mulheres bissexuais e hetero (SILVEIRA; CERQUEIRA-SANTOS, 2019).

Depois de verificar a existência dessas diferenças, é necessário perguntar-se sobre de onde este fato surge. Primeiro, alguns autores apontam que a homofobia e o estigma que os casais heterossexuais não experimentam, interferem na felicidade e satisfação tanto quanto nos casais lésbicos e gays (BELOUS; WAMPLER, 2016).

Também foi questionado aos participantes sobre os sentimentos que eles têm na maior parte do tempo. As respostas foram: 65,2% sentem-se ansiosos, 15,8% depressivos, 11,7% otimistas e 7,3% alegres.

Quem não segue os padrões normativos impostos pelo ser humano é vítima de fobias, o que o torna muito vulnerável e causa muita dor, indignação e humilhação. A falta de respeito, cordialidade e acolhimento no cuidado dessas pessoas é muito comum, o que fragiliza o comportamento de cuidar (COUTO JUNIOR; OSWALD; POCAHY, 2018)

Pesquisa realizada no Estado do Ceará apontou que os principais problemas de saúde dessa população foram tristeza, baixa autoestima e ansiedade, seguidos de depressão e insônia. Um estudo realizado na Inglaterra teve como objetivo compreender a prevalência de problemas de saúde mental entre pessoas LGBT e descobriu que existe homossexualidade e insatisfação geral, transtorno de ansiedade generalizada, doenças neurológicas, episódios depressivos, fobias e pensamentos e comportamentos suicidas relação próxima. Outro estudo sobre homossexualidade na maturidade e na velhice descobriu que o transtorno de ansiedade

generalizada e a depressão grave são particularmente proeminentes entre as doenças mais comuns (FRANCISCO *et al.*, 2020).

É importante destacar que as pessoas pertencentes a esse grupo têm trazido um pesado fardo mental para essas pessoas, o que as torna propensas ao adoecimento mental. Por sua vez, isso afeta diretamente o desempenho das atividades diárias e a dor pessoal (FRANCISCO *et al.*, 2020).

5.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portando, o estudo atingiu seu objetivo principal demonstrando que maior parte dos participantes sofrem algum tipo de preconceito no seu dia-a-dia, como também uma parcela já sofreu esse preconceito no atendimento à saúde por causa da sua orientação sexual.

É observado que em relação ao desejo sexual e a excitação sexual, uma grande parcela da amostra relata possuir entre moderado e baixo, o que pode ser explicado pelo preconceito que é vivenciado, que está diretamente ligado com a percepção de si e pode vim a gerar problemas mentais, interligado com a insegurança sobre seu próprio corpo e o modo como “deve-se” sentir.

Outra variável encontrada foi a do não uso do preservativo em suas relações, mesmo a pesquisa sendo realizada com lésbicas o que poderia justificar o número baixo deste uso, a amostra de bissexuais e gays se sobressaem, mostrando assim que muitos não fazem o uso. Além disso, algumas IST foram mais mencionadas como HIV, HPV, sífilis e gonorreia. Por fim, a variável de sentimentos mais vivenciados indicou que o sentimento mais prevalente é ansiedade.

A pesquisa possuiu algumas limitações desde um número moderado de participantes, a uma quantidade relativamente baixa de estudos nessa área o que dificultou a discussão dos resultados. Desse modo, faz necessários mais pesquisas nessa área para que ocorra uma delimitação mais abrangente da saúde nesta população, que necessita de uma atenção maior, visto que podem sofrer diversos problemas em decorrência a um gesto de atitude da sociedade.

Assim, este estudo auxilia os profissionais de saúde, influenciando o modo com que possam ver o atendimento em saúde com um olhar mais humanizado independente da orientação sexual da pessoa, como também para que ocorra mais educação em saúde para desmistificar o preconceito e tratar assuntos que mais atinge esse público.

REFERÊNCIAS

- ADJUTO, G. IBGE identifica 60 mil casais gays no país. **Terra**. 2010. Disponível em <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/ibge-identifica-60-mil-casais-gays-no-pais,945873f2ef6da310VgnCLD200000bbcecb0aRCRD.html>. Acesso em: 07 dez. 2020.
- ALBUQUERQUE, G.A. *et al.* Homossexualidade e o direito à saúde: um desafio para as políticas públicas de saúde no Brasil. **Saúde em Debate**, v. 37, n. 98, p. 516-524, 2013.
- ARAÚJO, M. A. L. *et al.* Relação usuária-profissional de saúde: experiência de uma mulher homossexual em uma unidade de saúde de referência de Fortaleza. **Escola Anna Nery**, v.10, n.2, p. 323-7, 2006.
- BELOUS, C. K; WAMPLER, R. S. Development OD he gay and lesbian relationship satisfaction scale. **Journal of marital and Family Therapy**, v.42, n.3, p. 451-465, 2016.
- BEZERRA, M. V. R. *et al.* Política de saúde LGBT e sua invisibilidade nas publicações em saúde coletiva. **Saúde Debate**, v. 43, n. especial 8, p. 305-323, 2019.
- BRIGNOL, S *et al.* Vulnerabilidade no contexto da infecção por HIV e sífilis numa população de homens que fazem sexo com homens (HSH) no Município de Salvador, Bahia, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, v. 31, n. 5, p. 1-14, 2015.
- CESARO, C. G. K. Políticas públicas de saúde à população LGBT: percepção das travestis que se prostituem diante da realidade da cidade de Confresa - MT. **ACENO [Internet]**, v. 3, n. 5, p. 223-41, 2018.
- COUTO JUNIOR, D.R; OSWALD, M.L.M.B; PACAHY, F.A. Gênero, sexualidade e juventude(s). **Civitas Revista de Ciências Sociais**, v. 18, n. 1, p. 124-37, 2018.
- FRANCISCO, L. C. F. L. *et al.* Ansiedade em minorias sexuais e de gênero: uma revisão integrativa. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 69, n. 1, 2020.
- GRABSKIL, B; KASPAREK, K. Sexual problems in homo- and bisexual men - the context of the issue. **Psychiatr. Pol**, v. 51, n. 1, p. 75-83, 2017.
- GUIMARÃES, R.C.P *et al.* Assistência à saúde da população LGBT em uma capital brasileira: o que dizem os Agentes Comunitários de Saúde? **Tempus, actas de saúde coletiva**, v. 11, n. 1, 2017.
- MORAES-FILHO, I. M. *et al.* O papel da enfermagem no rompimento dos preconceitos LGBT nos serviços de saúde. **REVISA**, v. 8, n.3, p. 242-5, 2019.
- RAMOS, M. 10% dos brasileiros são LGBTI, mas estão sub-representados na política. **Brasil de Fato**, São Paulo, 19 junho de 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/06/19/cerca-de-10-da-populacao-brasileira-pessoas-lgbti-sao-sub-representadas-na-politica>. Acesso em: 06 dez. 2020.
- SANTOS, L. E. S. *et al.* O acesso ao Sistema Único de Saúde na percepção de homossexuais masculinos. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, n. 2, p. 1-8, 2020.

SCHVARTZMAN, R. **Intervenção Fisioterapêutica em Mulheres Climatéricas com Dispareunia**: Ensaio Clínico Randomizado. 2016. 79 f. TCC (Graduação) - Curso de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

SILVEIRA, P.; CERQUEIRA-SANTOS, E. Homofobia internalizada y satisfacción sexual en parejas homosexuales, **Psicogente**, v. 22, n. 41, p. 1-18, 2019.

SOBECKI-RAUSH, J.N; BROWN, O; GAUPP, C.L. Sexual Dysfunction in Lesbian Women: A Systematic Review of the Literature. **Semin Reprod Med**, v. 35, p. 448-459, 2017.

TRINDADE, S. B.; LUZES, R. Atuação Do Fisioterapeuta Nas Disfunções Sexuais Femininas, **Revista discente da UNIABEU**, v. 5, n. 9, p.10-16, 2017.

MINI CURRÍCULO E CONTRIBUIÇÕES AUTORES

TÍTULO DO ARTIGO	PRECONCEITO, INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS E SAÚDE SEXUAL NA POPULAÇÃO LGBT+: UM ESTUDO TRANSVERSAL
RECEBIDO	25/06/2021
AVALIADO	03/07/2021
ACEITO	08/08/2021

AUTOR 1	
PRONOME DE TRATAMENTO	Sr.
NOME COMPLETO	Rayza Brenda Tomaz Barbosa da Silva
INSTITUIÇÃO/AFILIAÇÃO	UNINASSAU/JP
CIDADE	João Pessoa
ESTADO	Paraíba
PAÍS	Brasil
RESUMO DA BIOGRAFIA	
CONTRIBUIÇÃO DO AUTOR NO ARTIGO	Autor
AUTOR 2	
PRONOME DE TRATAMENTO	Sr.
NOME COMPLETO	Allanna Stephany Cordeiro de Oliveira
INSTITUIÇÃO	UNINASSAU/JP
CIDADE	João Pessoa
ESTADO	Paraíba
PAÍS	Brasil
RESUMO DA BIOGRAFIA	
CONTRIBUIÇÃO DO AUTOR NO ARTIGO	Autor
AUTOR 3	
PRONOME DE TRATAMENTO	Sr.
NOME COMPLETO	Wesley Barbosa Sales
INSTITUIÇÃO/AFILIAÇÃO	UNINASSAU/JP
CIDADE	João Pessoa
ESTADO	Paraíba
PAÍS	Brasil
RESUMO DA BIOGRAFIA	Graduando em Fisioterapia pelo Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU - JP/PB).
CONTRIBUIÇÃO DO AUTOR NO ARTIGO	Autor
AUTOR 4	
PRONOME DE TRATAMENTO	Sr.
NOME COMPLETO	Isabelle Eunice de Albuquerque Pontes
INSTITUIÇÃO/AFILIAÇÃO	Universidade Estadual da Paraíba
CIDADE	João Pessoa
ESTADO	Paraíba
PAÍS	Brasil
LINK LATTES	
ID ORCID	https://orcid.org/0000-0002-2194-8971
RESUMO DA BIOGRAFIA	Graduada em Fisioterapia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Mestre em Saúde Materno Infantil (IMIP/Recife).
CONTRIBUIÇÃO DO AUTOR NO ARTIGO	Coautor

AUTOR 5	
PRONOME DE TRATAMENTO	Sr.
NOME COMPLETO	Jairo Domingos de Morais
INSTITUIÇÃO/AFILIAÇÃO	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
CIDADE	João Pessoa
ESTADO	Paraíba
PAÍS	Brasil
RESUMO DA BIOGRAFIA	Fisioterapeuta pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB; Mestre e Doutor em Modelos de Decisão em Saúde.
CONTRIBUIÇÃO DO AUTOR NO ARTIGO	Coautor

Endereço de Correspondência dos autores	Autor 1: Rayzabrendatomaz@gmail.com Autor 2: allannastephanny@gmail.com Autor 3: wesleysales8@gmail.com Autor 4: Isabelle_albuquerque@hotmail.com Autor 5: Jairodomingos.1@hotmail.com
---	--

6 SINTOMAS OSTEOMUSCULARES EM COBRADORES DE ÔNIBUS DE SALVADOR - BA

Greice Ribeiro de Jesus

Graduanda da UNICEUSA.

E-mail: gree.1416@gmail.com

Michelle Castro Montoya Flores

Graduação em fisioterapia pela Universidade Católica do Salvador; Especialista em Saúde Pública com ênfase em PSF; Especialista pelo COFFITO em Fisioterapia em UTI neonatal.

E-mail: mcmflores@gmail.com

RESUMO

Introdução: Agravos na exposição que ocorrem nos grandes centros urbanos tornam os cobradores de ônibus susceptíveis a fatores de risco físicos, biológicos, psicológicos, químicos e ambientais que podem estar relacionados ao ambiente de trabalho e gerar prejuízo no seu desempenho profissional e na qualidade de vida. **Objetivo:** estimar os sintomas osteomusculares em cobradores de ônibus. **Metodologia:** estudo quantitativo de corte transversal realizado com profissionais cobradores de ônibus atuantes no município de Salvador-Bahia. Para coleta de dados foi utilizado um questionário sócio-demográfico produzido pelas autoras, o questionário nórdico de sintomas osteomusculares (QNSO) e a escala visual analógica (EVA). **Resultados:** a amostra foi composta por 56 cobradores, a maioria dos participantes eram homens com idade entre 30 a 40 anos, com 5 a 10 anos de atuação. Os sintomas osteomusculares foram relatados por 92,9% dos profissionais, destacando-se a região lombar e joelhos como mais acometidos, em relação à intensidade foi considerada moderada, 51,8% não realizam atividade física, 53,1% relaciona os sintomas com a sua atividade laboral e o estresse foi relatado por 44,6%, como o que mais incomodava no ambiente de trabalho. **Conclusão:** diante desses resultados concluiu-se que existe uma alta frequência de sintomas osteomusculares em cobradores de ônibus coletivo e se faz necessários estudos mais robustos e voltados para essa categoria de trabalhadores.

Palavras-chave: Dor Musculoesquelética. Transtornos Traumáticos Cumulativos. Saúde do Trabalhador. Fisioterapia.

ABSTRACT

Introduction: Diseases in the exposure that occur in large urban centers make bus collectors susceptible to physical, biological, psychological, chemical and environmental risk factors that may be related to the work environment and cause damage to their professional performance and quality of life. **Objective:** to estimate musculoskeletal symptoms in bus collectors. **Methodology:** quantitative cross-sectional study conducted with professional bus collectors working in the city of Salvador-Bahia. For data collection, a socio-demographic questionnaire produced by the authors, the Nordic musculoskeletal questionnaire (QNSO) and the visual analog scale (EVA) were used. **Results:** the sample consisted of 56 collectors, most of the participants were men aged between 30 and 40 years, with 5 to 10 years of experience. Musculoskeletal symptoms were reported by 92.9% of the professionals, especially the lumbar region and knees as the most affected, in relation to the intensity it was considered moderate, 51.8% do not perform physical activity, 53.1% relate the symptoms to their work activity and stress were reported by 44.6%, as what most bothered them in the work environment. **Conclusion:** in view of these results, it was concluded that there is a high frequency of musculoskeletal symptoms in public bus collectors and more robust studies aimed at this category of workers are necessary.

Keywords: Musculoskeletal Pain. Cumulative Traumatic Disorders. Occupational Health. Physiotherapy.

6.1 INTRODUÇÃO

Os Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT) são um conjunto de doenças que afetam tendões, músculos, nervos e vasos do corpo, causados por traumas cumulativos, decorrentes da exigência da tarefa e ambiente de trabalho, podendo afetar o sistema musculoesquelético como um todo. Dentre os sintomas estão: dor localizada, irradiada ou generalizada, formigamento, dormência, sensação de diminuição de força e enrijecimento muscular (ZANDONADI *et al.*, 2018; PUNNETT, 2014).

A dor osteomuscular é uma condição que afeta ossos, músculos, articulações e estruturas circunvizinhas, que englobam diversos distúrbios relacionados ao trabalho, por consequência do esforço repetitivo, do uso excessivo ou por lesões musculoesqueléticas, podendo ser aguda ou crônica, focal ou difusa (SBED, 2010).

A profissão de cobrador de ônibus exige do trabalhador a utilização de diferentes movimentos e ações, que podem desencadear diversas alterações e desconforto postural. Além de fatores biológicos, intrínsecos de cada indivíduo, existem também fatores externos como, poluição, ruído no trânsito, contato direto com o público que acabam causando estresse e comprometendo a saúde desses profissionais (VIEIRA *et al.*, 2015; MACEDO, BATTISTELLA, 2007).

Alguns transtornos físicos e psicossociais acabam sendo adquiridos no decorrer da vida do trabalhador, tais como depressão, algias constantes, absenteísmo, aposentadoria por invalidez e desenvolvimento de doenças predispostas geneticamente. Essas consequências trazem um prejuízo à qualidade de vida, que é descrita como sinônimo de felicidade e saúde (ZANDONADI *et al.*, 2018).

A profissão de cobrador de ônibus é muito importante para a sociedade, tendo em vista a grande responsabilidade esperada na realização de tal função. Agravos decorrentes da exposição que ocorrem nos grandes centros urbanos tornam os cobradores susceptíveis a fatores de risco físicos, biológicos, psicológicos, químicos e ambientais que podem estar relacionados ao ambiente de trabalho e gerar prejuízo no seu desempenho profissional e na qualidade de vida desse indivíduo.

Diante do exposto, o objetivo do presente trabalho é estimar os sintomas osteomusculares em cobradores de ônibus.

6.2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo quantitativo de corte transversal, realizado no período de agosto a outubro de 2020 com profissionais cobradores de ônibus atuantes no município de Salvador Bahia.

Este estudo foi realizado de acordo com os preceitos éticos contidos na Resolução n. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e submetido à aprovação pelo Comitê da Universidade Paulista, conforme parecer n. 3.428.143 e CAAE-33164920.9.0000.5512.

A amostra do estudo foi constituída por cobradores que atendiam aos seguintes critérios de inclusão: idade a partir de 25 anos (idade que se pode atuar como cobrador de ônibus), de ambos os sexos, atuantes nas empresas de transporte público de Salvador e que concordassem em participar do estudo.

Os dados para a pesquisa foram obtidos através de 3 instrumentos. O primeiro foi um questionário estruturado pelas pesquisadoras e possuía as seguintes variáveis: perfil sociodemográfico (nome, sexo, idade, cor, escolaridade, estado civil, filhos); características profissionais (tempo de profissão, horas semanais e dias trabalhados, renda mensal); outras informações (ambiente de trabalho, afastamento, relação SO e trabalho, ocupação e atividade física).

O segundo foi o Questionário Nórdico de Sintomas Osteomusculares (QNSO), validado e adequado para a população brasileira por Pinheiro, Torccoli e Carvalho (2002). Esse instrumento tem como objetivo compreender questões relacionadas à presença de sintomas musculoesquelética nas diversas regiões do corpo, sendo essas regiões agrupadas em três grupos: coluna (pescoço, costas superior e costas inferior); membros superiores (ombro, cotovelo punho/mão); e membros inferiores (quadril/coxa, joelho, tornozelo/pé), considerando a ocorrência de sintomas nos últimos 12 meses e sete dias precedente à resposta do questionário; a realização de atendimento médico e afastamento de atividades rotineiras nos últimos 12 meses.

O terceiro foi a Escala Visual Analógica (1940) que tem como finalidade a avaliação da intensidade da dor com escore variando de 0 a 10, em que 0 significa ausência de dor e 10 a pior dor possível; podendo essa dor ser classificada como leve (escore de 1 a 2), moderada (escore de 3 a 7) e intensa (8 a 10).

Com finalidade de testar o instrumento elaborado pelas autoras, foi realizada uma avaliação piloto no início de agosto de 2020, sendo enviado o questionário via digital para um profissional que atendeu aos critérios de inclusão. Após as alterações da versão inicial,

o instrumento foi desenvolvido e cadastrado através da plataforma Google Forms, via online, sendo também anexado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e enviado para os participantes do estudo por meio de grupos em aplicativos de conversa obtidos previamente pelo pesquisador, considerando para compor a amostra todos os questionários respondidos no período de 15 à 26 de setembro de 2020.

Como todas as variáveis do estudo são categóricas, elas foram expressas por sua frequência absoluta e percentagem. A análise estatística foi realizada pelo programa Microsoft Office Excel 2010, sendo apresentados em forma de tabelas e gráficos.

6.3 RESULTADOS

No presente estudo um total de 56 cobradores de ônibus responderam a pesquisa, sendo a maioria do sexo masculino (78,6%) com faixa etária de maior predominância de 30 a 40 anos (55,4%). Tendo em vista o nível de escolaridade, 73,2% dos cobradores de ônibus possuíam o ensino médio completo e somente 3,6% ensino superior completo (Tabela 1).

Tabela 1 - Frequência das variáveis sociodemográficas de uma amostra de profissionais cobradores de ônibus de Salvador - BA

Variáveis	(N = 56)	%
(continua)		
Sexo		
Masculino	12	21,4
Feminino	44	78,6
Faixa Etária		
25 a 30I	1	1,8
30 a 40I	31	55,4
40 a 50I	20	35,7
Acima de 50	4	7,1
Cor		
Negro	20	35,7
Branco	3	5,4
Pardo	31	55,4
Outros	2	3,6
Escolaridade		
Ensino fundamental completo	4	7,1
Ensino fundamental incompleto	2	3,6
Ensino médio completo	41	73,2

Tabela 1 - Frequência das variáveis sociodemográficas de uma amostra de profissionais cobradores de ônibus de Salvador - BA

Variáveis	(N = 56)	(conclusão) %
Ensino médio incompleto	4	7,1
Nível superior completo	2	3,6
Nível superior incompleto	3	5,4
Estado Civil		
Solteiro	23	41,1
Casado	29	51,8
Divorciado	4	7,1
Filhos		
Sim	53	94,6
Não	3	5,4

Variáveis categóricas expressas em frequência absoluta e percentage.

Em relação ao tempo de atuação, observou-se que 60,7% atua de 5 a 10anos como cobrador, tem jornada de trabalho acima de 7hs e 20min (50%) e sua grande maioria (78,6%) não possui outra ocupação. Quando questionados sobre o que mais os incomodam em seu ambiente de trabalho, destaca-se o estresse com 44,6% (Tabela 2).

Tabela 2 - Frequência das variáveis de tempo, renda e condições de trabalho de uma amostra de profissionais cobradores de ônibus de Salvador - BA

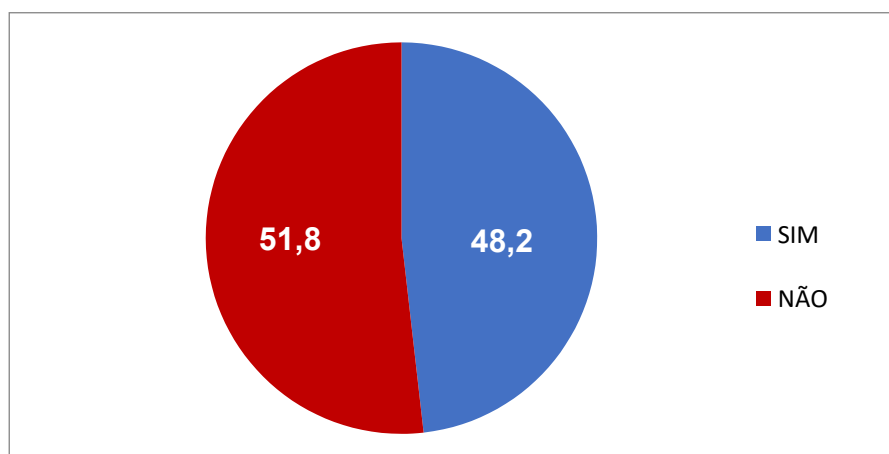
Variáveis	(N = 56)	(continua) %
Tempo de Atuação		
1 a 5I	13	23,2
5 a 10I	34	60,7
10 a 15I	4	7,1
15 ou mais	5	5,8
Jornada de Trabalho		
Abaixo de 7hs e 20min	2	3,6
7hs e 20min	26	46,4
Acima de 7hs e 20min	28	50
Renda		
1 salário mínimo	3	5,4
Entre 1 e 2 salários mínimos	53	94,6
Entre 2 e 3 salários mínimos	-	-

Tabela 2 - Frequência das variáveis de tempo, renda e condições de trabalho de uma amostra de profissionais cobradores de ônibus de Salvador - BA

Variáveis	(N = 56)	(conclusão) %
Outra Ocupação		
Sim	12	21,4
Não	44	78,6
O que mais incomoda no ambiente de trabalho		
Ruído	15	26,8
Temperatura	2	3,6
Vibração	6	10,7
Cadeira	8	14,3
Estresse	25	44,6

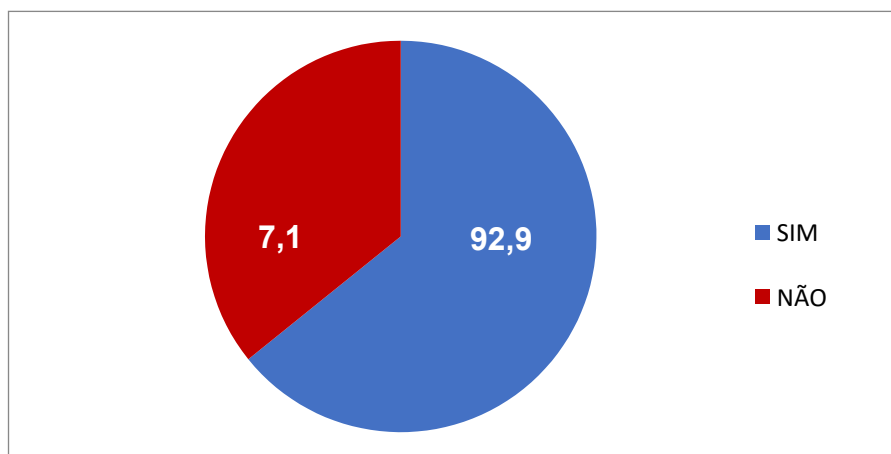
Variáveis categóricas expressas em frequência absoluta e percentagem.

Gráfico 1 - Frequência da prática de atividade física de uma amostra de profissionais cobradores de Salvador - BA.



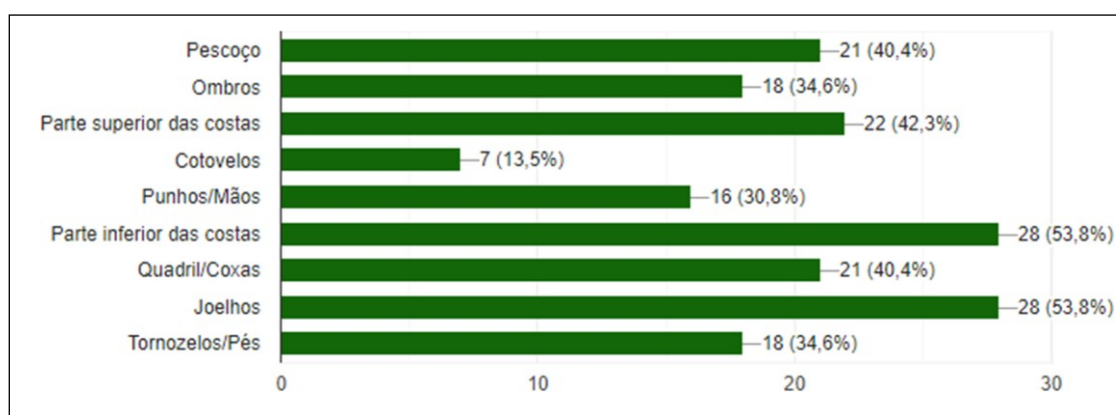
Em relação à queixa de sintomas osteomusculares nos últimos 12 meses, a maioria dos cobradores 92,9% relatou algum sintoma (Gráfico 2).

Gráfico 2 - Frequência de Sintomas Osteomusculares de uma amostra de profissionais cobradores de ônibus de Salvador - BA nos últimos 12 meses



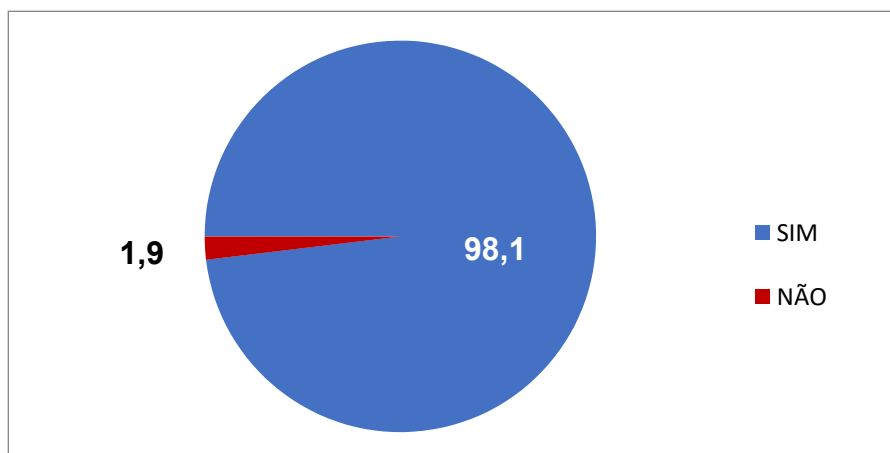
Quanto aos locais mais acometidos nos últimos 12 meses, destaca-se as regiões de parte inferior das costas (53,8%) e joelhos com 53,8% das queixas (Gráfico 3).

Gráfico 3 - Distribuição das regiões mais acometidas por Sintomas Osteomusculares de uma amostra de profissionais cobradores de Salvador-Ba nos últimos 12 meses



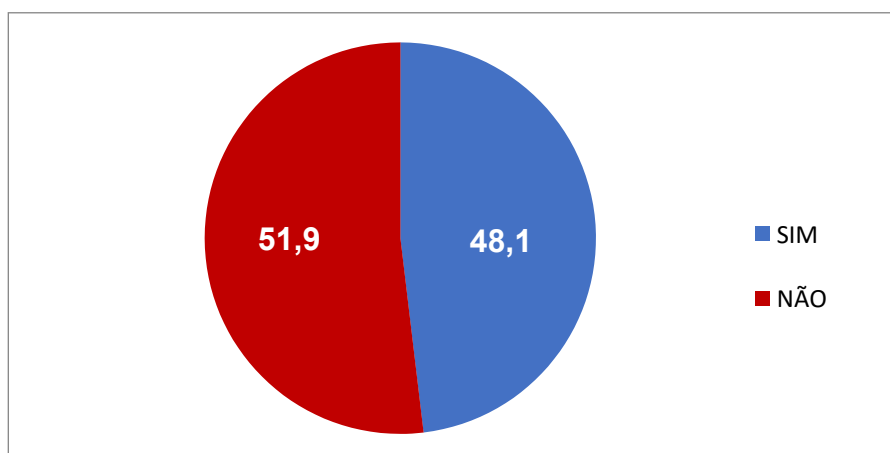
Quanto ao sintoma osteomuscular ter relação com a atividade laboral, 98,1% dos cobradores marcou no questionário que sim (Gráfico 4).

Gráfico 4. Relação Sintoma osteomuscular e Trabalho de uma amostra de profissionais cobradores de ônibus de Salvador - BA



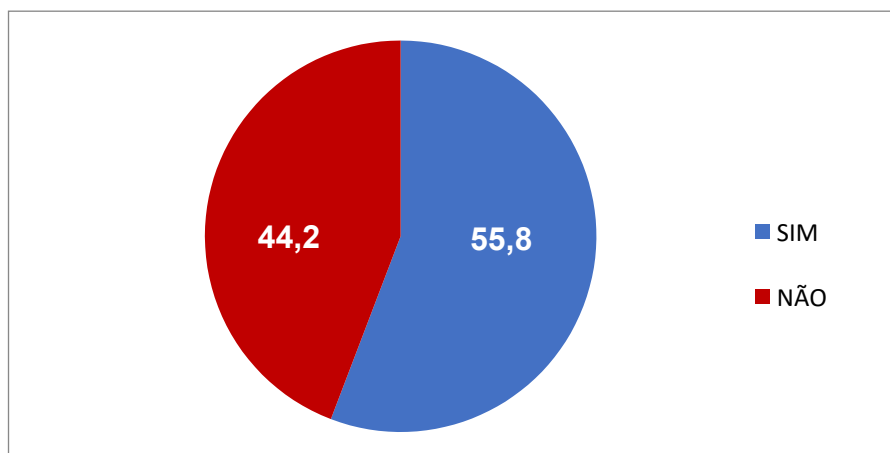
Sobre o afastamento devido aos sintomas osteomusculares, 51,9% dos trabalhadores responderam que não se ausentaram de suas atividades normais ou laborais por conta de algum sintoma (Gráfico 5).

Gráfico 5 - Relação Afastamento e Sintomas Osteomusculares de uma amostra de profissionais cobradores de ônibus de Salvador - BA



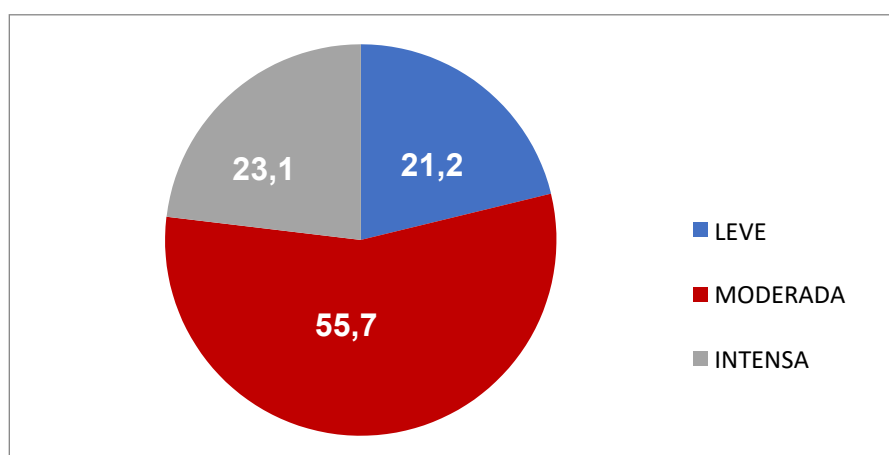
Quando foram questionados sobre a existência de queixa de SO nos últimos 7 dias, os cobradores afirmaram que sentiram algum sintoma osteomuscular nesse período, e que estes ocorrem nas regiões mais acometidas citadas anteriormente (inferior das costas e joelhos) (Gráfico 6).

Gráfico 6 - Frequência de Sintomas Osteomusculares em uma amostra de profissionais cobradores de ônibus de Salvador - BA nos últimos 7 dias



Para a avaliação da intensidade dos sintomas osteomusculares, foi utilizada a Escala Visual Analógica, em que 55,7% dos trabalhadores relataram intensidade moderada (Gráfico 7).

Gráfico 7 - Distribuição da condição de Intensidade dos sintomas osteomusculares de acordo com a Escala Visual Analógica numa amostra de profissionais cobradores de ônibus de Salvador - BA



6.4 DISCUSSÃO

Em relação ao perfil da amostra dos participantes desse estudo, foi observado que 78,6% deste são do sexo masculino e com faixa etária predominante de 30 a 40 anos. Os achados encontrados nos estudos de Simões, Assunção e Medeiros (2016) e Vieira *et al* (2015) realizados com cobradores e motoristas de ônibus respectivamente são semelhantes, sendo

observada a predominância de profissionais do sexo masculino e idade média de 36 anos. Historicamente, essa é uma função realizada por homens, como relata Guterres *et al* (2011) que sugere que a atividade de cobrador é um território masculino.

No presente estudo, verificou-se que em relação ao nível de escolaridade 73,2% dos cobradores possuíam o ensino médio completo e somente 3,6% ensino superior completo. Esses achados corroboram o estudo de Abreu *et al* (2016), e é explicado pelo autor que este dado é devido ao próprio processo de admissão, em que o ensino médio é exigido como pré-requisito. Já a baixa procura pelo ensino superior ocorre possivelmente pelo conformismo diante da pouca possibilidade de promoção dentro da empresa.

Quanto ao tempo de atuação profissional como cobrador de ônibus, identificou-se que 60,7% atuavam de 5 a 10 anos e possuíam jornada de trabalho diária acima de 7hs e 20min. Resultados semelhantes foram observados em um estudo realizado em São Paulo, em que 58,2% dos profissionais estavam na empresa há menos de dez anos e exerciam suas atividades por mais de 6 horas por dia (VITTA *et al.*, 2013).

Os achados acima também são semelhantes aos do estudo de Vieira *et al* (2015), realizado com profissionais cobradores de ônibus em Juazeiro do Norte, em que a média de tempo de atuação é de 6 anos e jornada de trabalho de 60 horas semanais, sendo sugerido que o ritmo de trabalho acelerado pode ter repercussão na saúde, bem como em sobrecarga, fadiga, tensão e alterações musculoesqueléticas.

No presente estudo, observou-se que os cobradores em sua grande maioria (78,6%) não possuíam outra ocupação. Em um estudo realizado com motoristas e cobradores de Pelotas-RS foi relatado que 95% dos participantes consideravam essa atividade laboral como a única atividade profissional, além de possuírem a jornada de trabalho elevada (GUTERRES *et al.*, 2011). Esse resultado pode estar intimamente ligado ao fato do profissional cobrador ter uma carga horária de trabalho elevada, podendo interferir na escolha de não exercer outra ocupação em seu tempo livre.

Em relação às condições trabalhistas, foi questionado aos participantes sobre o que mais os incomodam em sua prática de trabalho, destacando-se assim a condição do estresse com 44,6%. Esse resultado pode ser explicado pela constante adaptação ao ambiente de trabalho muitas vezes caótico, além disso, essa função requer alta responsabilidade por parte dos cobradores, pois são profissionais que lidam com dinheiro e a insegurança por risco de assaltos, longas jornadas de trabalho, trânsito intenso, acidentes e ambiente público que os deixam vulneráveis ao estresse (MARTINS, LOPES, FARINA, 2014; ABREU *et al.*, 2016).

Em um estudo realizado com motoristas de transporte coletivo, utilizando como método o Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (ISSL), em que avalia se a pessoa manifesta estresse com a prevalência de sintomas físicos ou psicológicos, foi apontado como principais sintomas a tensão muscular e a sensação de desgaste físico constante (MARTINS, LOPES, FARINA, 2014).

Questionou-se aos participantes sobre a prática de exercícios e/ou atividade física, sendo identificado que 51,8% dos profissionais responderam não realizar nenhum tipo. Esses achados corroboram com o estudo de Simões, Assunção e Medeiros (2016) realizado com motoristas e cobradores de ônibus de Belo Horizonte, em que 51,8% desses profissionais também não praticavam atividade física em suas horas vagas.

Sabe-se que a atividade física além de trazer benefícios para o funcionamento fisiológico do corpo também é importante na prevenção e redução do nível de estresse (JUNIOR et al., 2019), achado esse que pode reforçar a associação da prevalência de estresse na população do presente estudo que não pratica atividade física em seu tempo livre.

Em relação à prevalência de sintomas osteomusculares nos últimos 12 meses, observou-se que 92,9% dos cobradores relatou algum tipo de sintoma. Esses resultados são semelhantes aos do estudo de Abreu *et al* (2016) realizado com 38 motoristas e cobradores de São Luis — MA, em que 92% relataram sentir dor osteomuscular.

É possível que o aparecimento dos sintomas osteomusculares possa estar relacionado ao fato que os profissionais cobradores tiveram uma baixa adesão a atividade física. Em um estudo realizado com motoristas de ônibus, observou-se que os participantes com estilo de vida sedentária tiveram 7 vezes mais chances de se queixarem de sintomas osteomusculares (VITTA *et al.*, 2013).

Sobre a frequência dos locais do corpo mais acometidos por sintomas, tanto nos últimos 12 meses quanto nos últimos 7 dias, verificou-se que as principais queixas foram nas regiões de parte inferior das costas (lombar) com 53,8% e joelhos também com 53,8%. Esses dados são semelhantes aos de outros estudos, em que citaram a lombar e joelhos como os locais mais acometidos por sintomas osteomusculares (VIEIRA *et al.*, 2015; VITTA *et al.*, 2013; ABREU *et al.*, 2016; SOUZA, OLIVEIRA, 2015).

Uma pesquisa realizada com outra categoria de profissionais (motorista de caminhão), porém, com ambiente laboral parecido, corrobora com o presente estudo e concluiu que existe alta prevalência de lombalgia associada a estressores externos (medo de acidentes e roubos) e fatores relacionados a estresse, tensão ou fadiga, por jornada extensa de trabalho, levando a má qualidade de vida (LEMOS, MARQUEZE, MORENO, 2014).

Segundo nota informativa emitida pelo Ministério da Saúde, juntamente com o Sistema de Informação de Agravos de Notificação, sintomas como dor e parestesia manifestam-se na coluna vertebral, estando de acordo com os resultados do estudo em destaque (BRASIL, 2019).

Uma pesquisa comparando motorista e cobrador sugere que a lombalgia é maior em motorista devido à angulação do assento e a postura sentada, enquanto que os cobradores tem maior variabilidade de movimento devido ao aumento da liberdade de espaço minimizando a ocorrência desse sintoma, o que diverge dos resultados encontrados no atual estudo (MACEDO, BATTISTELLA, 2007).

Com relação à região de joelhos, Vieira *et al* (2015) relataram que sintomas nos membros inferiores poderiam estar relacionados a diminuição do retorno venoso ocasionando déficit na circulação sanguínea, dor, formigamento, parestesia e fadiga, além dos quadros algícos recorrentes.

O presente estudo identificou que 98,2% dos cobradores relacionavam os sintomas osteomusculares com o seu trabalho. Tal achado corrobora com um estudo realizado com outra categoria profissional (policiais militares do grupo de patrulha ostensiva de motocicleta), em que eles acreditavam que os sintomas osteomusculares teriam relação com a atividade laboral que exerciam (BRAGA *et al.*, 2018). Assim como motoristas de carreta, que relacionaram os sintomas com o processo de trabalho, como descrito por Saporiti *et al* (2010).

Apesar da maioria dos participantes do presente estudo terem relatado que os sintomas osteomusculares teriam relação com sua prática laboral, 51,9% da amostração se afastou de sua atividade durante a manifestação dos sintomas. O que pode ser confirmado no estudo realizado em cobradores de ônibus coletivo, em que a dor lombar não foi um fator para absenteísmo no trabalho (VIEIRA *et al.*, 2015).

Já em uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, em conjunto com o Ministério da Saúde foi relatado que cerca de 14 milhões de brasileiros deixaram de ir ao trabalho por questões de saúde, incluindo gripe, resfriado, dor na coluna, pescoço, nuca e em membros superiores (IBGE, 2015).

Quando perguntados sobre a intensidade dos sintomas osteomusculares, tendo como base a Escala Visual Analógica, foi evidenciado nesse estudo que 55,7% dos profissionais cobradores relataram intensidade moderada. Esse resultado corrobora com o estudo de Guterres *et al* (2011), em que motoristas e cobradores relataram dor de intensidade moderada. A partir desses resultados encontrados pode-se inferir que a baixa taxa de absenteísmo no trabalho pode estar associada a essa percepção de dor moderada, não sendo esta vista como um fator limitante para realização da atividade laboral.

Esse estudo apresentou como vantagens o baixo custo para a realização da pesquisa e com mínimo risco para os participantes. Apesar disso, teve como limitações à utilização de cálculos simples dos resultados impactando na relevância dos achados e o risco de interpretação dúbia das perguntas por se tratar de um questionário online, podendo interferir nos resultados da pesquisa.

Foram encontrados poucos estudos que deem ênfase a categoria de rodoviários e principalmente aos cobradores de ônibus coletivo, levando-se em consideração a dificuldade em encontrar artigos específicos dessa classe. Tendo em vista que o presente estudo foi realizado num período de pandemia, os impactos causados por essa condição podem ter influenciado na interpretação dessas questões pela mudança de cenário no contexto laboral.

6.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ficou evidenciada uma alta frequência de sintomas osteomusculares relatada pelos cobradores de ônibus de Salvador participantes do estudo, sendo a coluna lombar e joelho as regiões mais acometidas. A amostra foi composta em sua maioria por homens, com faixa etária predominante de 30 a 40 anos, tempo de atuação de 5 a 10 anos e carga horária acima de 7hs e 20min.

Os entrevistados associaram os sintomas osteomusculares com sua atividade laboral, sendo o estresse relatado pelos profissionais como o que mais os incomodavam em seu ambiente de trabalho, podendo causar sensação de desgaste físico e psicológico. Diante disso, sugere-se orientar essa população sobre a importância da prática da atividade física como alternativa ao melhor manejo desses sintomas, já que a maioria relatou não praticar.

Estudos futuros com maiores amostras desse perfil profissional devem ser realizados para que, cada vez mais, obtenham-se achados com maior relevância estatística que sirvam de embasamento para desenvolvimento de estratégias de melhorias na condição de trabalho desses indivíduos.

REFERÊNCIAS

ABREU, L. A. *et al.* Frequência de dores osteomioarticulares em profissionais do transporte público de São Luís, MA. **Rev. Investig. Bioméd**, São Luís, v. 8, p. 30-40, 2016.

BRAGA, K. K. F. M. *et al.* Pain and musculoskeletal discomfort in military police officers of the Ostensive Motorcycle Patrol Group. *BrJP.*, v. 1, n. 1, p. 29-32, 2018.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Departamento de Saúde Ambiental, do Trabalhador e Vigilância das Emergências em Saúde Pública. SEI/MS - 0010416647 - Nota Informativa. DSASTE SRTV 702, Via W5 Norte - Bairro Asa Norte, Brasília/DF, 2019.

GUTERRES, A. *et al.* Prevalência e fatores associados a dor nas costas dos motoristas e cobradores do transporte coletivo da cidade de Pelotas-RS. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v. 16, n. 3, p. 240-245, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Pesquisa Nacional de Saúde 2013**: acesso e utilização dos serviços de saúde, acidentes e violências, Rio de Janeiro, 2015.

LEMO, L. C.; MARQUEZE, E. C.; MORENO, C. R. C. Prevalência de dores musculoesqueléticas em motoristas de caminhão e fatores associados. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 39, n. 129, p. 26-34, 2014

MACEDO, C. S. G., BATTISTELLA, L. R. Impacto da lombalgia na qualidade de vida de motoristas de ônibus urbanos. **Arq. Ciênc. Saúde Unipar**, Umarama, v. 11, n. 3, p. 163-167, set./dez. 2007.

MARTINS, F. F.; LOPES, R. M. F.; FARINA, M. Nível de estresse e principais estressores do motorista de transporte coletivo. **Bol. Acad. Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 34, n. 87, p. 523-536, 2014.

PINHEIRO, F. A.; TRÓCCOLI, B. T.; CARVALHO, C. V. Validação do Questionário Nórdico de Sintomas Osteomusculares como medida de morbidade. **Rev Saúde Pública**, v. 36, p. 307-312, 2002.

PUNNETT, L. Musculoskeletal disorders and occupational exposures: How should we judge the evidence concerning the causal association? **Scandinavian Journal of Public Health**, n. 42 (Suppl 13), p. 49-58, 2014.

SAPORITI, A. F.; et al. Dores osteomusculares e fatores associados em motoristas de carretas nas rodovias do Espírito Santo. **Rev. bras. Pesqui. Saúde**, Vitória, 2010.

SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O ESTUDO DA DOR - SBED. **Ano Mundial Contra Dor Musculoesquelética**. Outubro, 2010.

SIMÕES, M. R. L.; ASSUNÇÃO, A. A.; MEDEIROS, A. M. **Dor musculoesquelética em motoristas e cobradores de ônibus da Região Metropolitana de Belo Horizonte**, Brasil, 2016.

SOUZA, C. S.; OLIVEIRA, A. S. **Prevalência de encaminhamentos às doenças musculoesqueléticas segundo a classificação estatística internacional de doenças (CID-10): reflexões para formação do fisioterapeuta na área de musculoesquelética**. Laboratório de Análise da Postura e Movimento Humano - LAPOMH. Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - FMRP/USP. Jan, 2015.

VIEIRA, A. C. C. *et. al.* Prevalência de Sintomas Osteomusculares em Cobradores de Ônibus Coletivo em uma Empresa na Cidade de Juazeiro do Norte, CE. ID online **Revista de Psicologia**, 2015.

VITTA, A. *et. al.* Sintomas musculoesqueléticos em motoristas de ônibus: prevalência e fatores associados. **Fisioter. Mov.**, Curitiba, v. 26, n. 4, p. 863-871, set./dez. 2013.

ZANDONADI, L. H. *et al.* importância da Fisioterapia na Prevenção de Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho. Universidade do Oeste Paulista. **Colloq Vitae**, v. 10, n. 1, p. 58-67, jan/abr, 2018.

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro Participante:

Gostaríamos de convidá-lo a participar como voluntário da pesquisa intitulada Prevalência de sintomas osteomusculares em cobradores de ônibus de Salvador- BA que se refere a um trabalho de conclusão de curso da participante Greice Ribeiro de Jesus sob a orientação da fisioterapeuta Lay Martinez Silva Bêribá.

O objetivo deste estudo é estimar os sintomas osteomusculares em cobradores de ônibus.

Sua forma de participação consiste em responder um questionário em com tempo médio de 5 minutos como também sua autorização para apresentar os resultados desse estudo em eventos da área de saúde e a publicação em revistas científicas nacionais e internacionais.

Seu nome não será utilizado em qualquer fase da pesquisa, o que garante seu anonimato, e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os voluntários.

Não será cobrado nada e não haverá gastos, decorrentes de sua participação, se houver algum dano decorrente da pesquisa, o participante será indenizado nos termos da Lei.

Considerando que toda pesquisa oferece algum tipo de risco, nesta pesquisa o risco pode ser avaliado como: a pesquisa oferece um risco mínimo, possibilidade de constrangimento ao responder o questionário e desconforto; cansaço em responder as perguntas; risco de quebra de sigilo.

São esperados os seguintes benefícios imediatos da sua participação nesta pesquisa: Promover uma ideia do que seriam os sintomas osteomusculares e permitir que os participantes possam realizar mais estudos sobre o tema da pesquisa, permitindo assim novas maneiras de tratar e cuidar destes profissionais.

Gostaríamos de deixar claro que sua participação é voluntária e que poderá recusar-se a participar ou retirar o seu consentimento, ou ainda descontinuar sua participação se assim o preferir, sem penalização alguma ou sem prejuízo ao seu cuidado.

Desde já, agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para maiores informações.

Esse termo terá suas páginas rubricadas pelo pesquisador principal e será assinado em duas vias, das quais uma ficará com o participante e a outra com o pesquisador principal. Lay Martinez Silva Bêribá, End.: Avenida Jorge Amado, Imbuí 780, Telefone: 3496-4050.

Eu (nome do participante e número de documento de identidade) confirmo que Greice Ribeiro de Jesus explicou-me os objetivos desta pesquisa, bem como, a forma de participação. As alternativas para minha participação também foram discutidas. Eu li e compreendi este Termo de Consentimento, portanto, eu concordo em dar meu consentimento para participar como voluntário desta pesquisa.

Local e data: ____ de _____ de 2020.

(Assinatura do participante da pesquisa)

Eu, _____ (nome do membro da equipe que apresentar o TCLE) obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do participante da pesquisa ou representante legal para a participação na pesquisa.

(Assinatura do membro da equipe que apresentar o TCLE)

(Identificação e assinatura do pesquisador responsável)


ANEXO B - CONVITE

Olá, tudo bem?

Me chamo Greice Ribeiro, sou orientanda da prof^o Michelle Flores, no 8^o do curso de Fisioterapia e estou desenvolvendo meu Trabalho de Conclusão de Curso com o tema “Sintomas osteomusculares em cobradores de ônibus de Salvador - BA”.

Se você é Cobrador de ônibus atuante em Salvador, já pode me ajudar, respondendo a esta pesquisa. Levará no máximo 5 minutinhos!

Se puder compartilhar para outros (as) colegas de profissão eu ficaria muito grata! Desde já, te agradeço. O questionário pode ser acessado através desse link: https://docs.google.com/forms/d/1ZAKbF_8VPJrdkKDMB4lmCNTAtCCGgAAfJu3ot0J1cnQ/edit



Sintomas Osteomusculares em Cobradores de Ônibus de Salvador - BA

Olá!
Gostaríamos de agradecer o seu interesse e a sua disponibilidade em responder esta pesquisa.

***Obrigatório**

Endereço de e-mail *

Seu e-mail

ANEXO C - QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO E CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS COBRADORES

1. Nome: (informe somente as iniciais do seu nome. (Ex.: Carlos Santos Silva “C.S.S”)
2. Em que faixa etária sua idade se encontra:
 - 0.25 a 30I ()
 - 1.30 a 40I ()
 - 2.40 a 50I ()
 - 3.Mais de 50 anos ()
3. Qual o seu sexo?
 - 0.Feminino ()
 - 1.Masculino ()
4. Cor
 0. Negro ()
 1. Pardo ()
 2. Branco ()
5. Escolaridade
 - 0.Ensino fundamental completo ()
 - 1.Ensino fundamental incompleto ()
 - 2.Ensino médio completo ()
 - 3.Ensino médio incompleto ()
 - 4.Nível superior completo ()
 - 5.Nível superior ()
6. Estado Civil
 0. Casado ()
 1. Solteiro ()
 2. Divorciado ()
7. Tem filhos?
 - Sim ()
 - Não ()
 - Se sim quantos?-----
8. Qual tempo de atuação como cobrador de transporte coletivo?
 0. a 5I anos ()
 1. 5 a 10I anos ()
 2. 10 a 15I anos ()

3. Mais de 15 anos ()

9. Qual o tempo médio de jornada de trabalho diário?

0. Menor que 7hs 20min ()

1. 7hs 20min ()

2. Maior que 7hs 20min ()

10. Trabalha quantos dias na semana?

0.1 ()

1.2 ()

2.3 ()

3.4 ()

4.5 ()

5.6 ()

6.7 ()

11. Qual sua renda mensal?

0. salário mínimo ()

1. Entre 1 e 2 salários mínimo ()

2. Entre 2 e 3 salários mínimo ()

12. Você tem outra ocupação?

0. Sim ()

1. Não ()

13. Você contribui para o INSS?

0. Sim ()

1. Não ()

14. O que mais te incomoda em seu ambiente de trabalho?

0. Ruído ()

1. Temperatura ()

2. Vibração ()

3. Cadeira ()

4. Estresse ()

15. Você realiza algum tipo de exercício/atividade física?

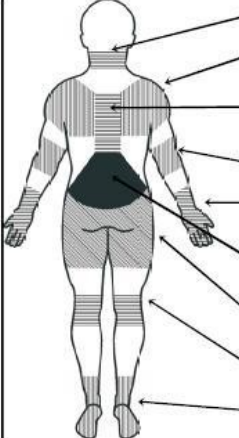
(40 a 60 min por dia ou 3 a 4 vezes por semana, baseado nas últimas 4 semanas)

0. Sim ()

1. Não ()

Questionário Nórdico de Sintomas Osteomusculares

Por favor, responda às questões no quadrado apropriado. Selecione uma alternativa para cada pergunta. Por favor, responda a todas as perguntas mesmo que você nunca tenha tido problemas em qualquer parte do seu corpo como fraturas ou demais lesões.

	Nos últimos 12 meses, você teve problemas (como dor, formigamento/dormência) em:	Nos últimos 12 meses, você foi impedido(a) de realizar atividades normais (por exemplo: trabalho, atividades domésticas e de lazer) por causa desse problema em:	Nos últimos 12 meses, você consultou algum profissional da área da saúde (médico, fisioterapeuta) por causa dessa condição em:	Nos últimos 7 dias, você teve algum problema em?	
	PESCOÇO	<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim
	OMBROS	<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim
	PARTE SUPERIOR DAS COSTAS	<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim
	COTOVELOS	<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim
	PUNHOS/MÃOS	<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim
	PARTE INFERIOR DAS COSTAS	<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim
	QUADRIL/COXAS	<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim
	JOELHOS	<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim
	TORNOZELO S/PÉS	<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim

16. Esta figura mostra como o corpo é dividido. Você deve decidir, por si mesmo, qual parte está ou foi afetada, se houver alguma. Sente dor em alguma delas?

0. Sim ()
1. Não ()

17. Em qual região?

0. Pescoço ()
1. Ombros ()
2. Parte superior das costas ()
3. Cotovelos ()
4. Punhos/Mãos ()
5. Parte inferior das costas ()
6. Quadril/Coxas ()
7. Joelhos ()
8. Tornozelos/Pés ()

18. Nos últimos 12 meses você teve problemas (como dor, formigamento/dormência)?

0. Sim ()
1. Não ()

19. Nos últimos 12 meses, você foi impedido (a) de realizar atividades normais (por exemplo: trabalho, atividades domésticas e lazer) por causa desse problema?

0. Sim ()

1. Não ()

20. Nos últimos 12 meses, você se consultou com algum profissional da área da saúde (médico, fisioterapeuta) por causa desse problema?

0. Sim ()

1. Não ()

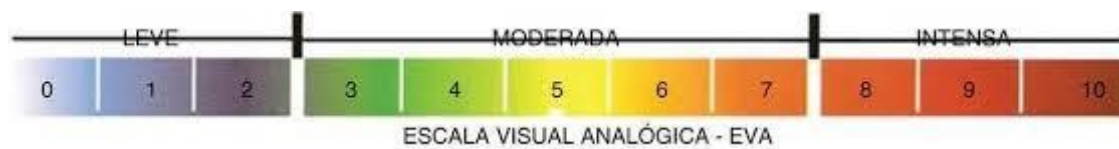
21. Nos últimos 7 dias, você teve algum problema nessa região?

0. Sim ()

1. Não ()

Escala Visual Analógica (EVA)

Essa escala é utilizada para avaliar a intensidade da dor. Classificada de 0 a 10, onde 0 significa sem dor e 10 a pior dor possível. Podendo essa dor ser classificada como leve (1 a 2), moderada (3 a 7) ou intensa (8 a 10).



22. Com base na imagem acima, marque o número que corresponde a sua dor.

0.1 ()

1.2 ()

2.3 ()

3.4 ()

4.5 ()

5.6 ()

6.7 ()

7.8 ()

8.9 ()

9.10 ()

23. Você acha que a dor que sente tem relação com o seu trabalho?

0. Sim ()

1. Não ()

24. Já precisou se afastar do trabalho por conta da dor?

0. Sim ()

1. Não ()

25. Você já procurou atendimento por conta da dor?

0. Sim ()

1. Não ()

Se sim, Qual:

0. Médico ()

1. Fisioterapeuta ()

2. Enfermeiro ()

3. Educador físico ()

Outro: _____

26. Você já tomou medicamento por conta dessa dor?

0. Sim ()

1. Não ()

Se se sim, assinale:

2. Prescrito pelo médico ()

3. Por conta própria ()

MINI CURRÍCULO E CONTRIBUIÇÕES AUTORES

TÍTULO DO ARTIGO	SINTOMAS OSTEOMUSCULARES EM COBRADORES DE ÔNIBUS DE SALVADOR - BA
RECEBIDO	20/06/2021
AVALIADO	09/08/2021
ACEITO	14/08/2021

AUTOR 1	
PRONOME DE TRATAMENTO	Sr.
NOME COMPLETO	Greice Ribeiro de Jesus
INSTITUIÇÃO/AFILIAÇÃO	UNICEUSA
CIDADE	Salvador
ESTADO	Bahia
PAÍS	Brasil
RESUMO DA BIOGRAFIA	Graduanda da UNICEUSA.
CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES NO ARTIGO	Autora
AUTOR 2	
PRONOME DE TRATAMENTO	
NOME COMPLETO	Michelle Castro Montoya Flores
INSTITUIÇÃO	UNICEUSA
CIDADE	Salvador
ESTADO	Bahia
PAÍS	Brasil
RESUMO DA BIOGRAFIA	Fisioterapeuta, especialista em UTI neonatal, mestre em Saúde Coletiva, docente da Unime e Ibes.
CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES NO ARTIGO	Coautora

Endereço de Correspondência dos autores	Av. Jorge Amado, 780 - Imbuí - Salvador - Bahia Autor 1: gree.1416@gmail.com Autor 2: mcmflores@gmail.com
---	---